



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gabriel de Leão Caldart

A esperança é a parte que mais se vê no jogo: um ensaio sobre o futebol, o
encontro, a vida e o Brasil

Florianópolis
2026

Gabriel de Leão Caldart

A esperança é a parte que mais se vê no jogo: um ensaio sobre o futebol, o encontro, a vida e o Brasil

Projeto de dissertação submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa Sociologia e História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado Pinto
Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Lara

Florianópolis
2026

Caldart, Gabriel de Leão

A esperança é a parte que mais se vê no jogo: : um ensaio sobre o futebol, o encontro, a vida e o Brasil / Gabriel de Leão Caldart ; orientador, Fábio Machado Pinto, coorientador, Ricardo Lara, 2026.

190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Futebol e cidadania. 3. (Auto)biografia. 4. Extensão universitária. 5. Direito à cidade. I. Pinto, Fábio Machado . II. Lara, Ricardo. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Gabriel de Leão Caldart

A esperança é a parte que mais se vê no jogo: um ensaio sobre o futebol, o encontro, a vida e o Brasil

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em treze de junho de 2026, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

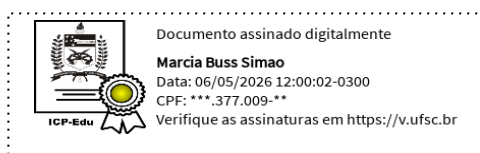
Prof. Alexandre Fernandez Vaz, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Lino Fernando Bragança Peres, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

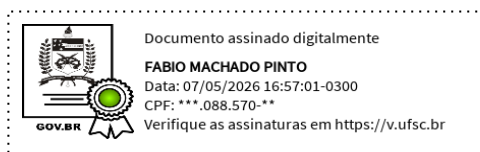
Prof.^a Caroline Soares de Almeida, Dr.^a
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Júlio César Couto de Souza, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Fábio Machado Pinto,
Dr. Orientador

Florianópolis, 2026

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

[...] e é enxergando os utensílios, e mais o vestuário da família, que escuto vozes difusas perdidas naquele fosso, sem me surpreender contudo com a água transparente que ainda brota lá do fundo; e recuo em nossas fadigas, e recuo em tanta luta exausta, e vou puxando desse feixe de rotinas, um a um, os ossos sublimes do nosso código de conduta: o excesso proibido, o zelo uma exigência, e, condenado como vício, a prédica constante contra o desperdício, apontado sempre como ofensa grave ao trabalho; e reencontro a mensagem morna de cenhos e sobrolhos, e as nossas vergonhas mais escondidas nos traindo no rubor das faces, e a angústia ácida de um pito vindo a propósito, e uma disciplina às vezes descarnada, e também uma escola de meninos-artesãos, defendendo de adquirir fora o que pudesse ser feito por nossas próprias mãos, e uma lei ainda mais rígida, dispondo que era lá mesmo na fazenda que devia ser amassado o nosso pão: nunca tivemos outro em nossa mesa que não fosse o pão de casa, e era na hora de reparti-lo que concluíamos, três vezes ao dia, o nosso ritual de austeridade, sendo que era também na mesa, mais que em qualquer outro lugar, onde fazíamos de olhos baixos o nosso aprendizado da justiça.

Raduan Nassar — Lavoura Arcaica

RESUMO

O Futebol movimenta o imaginário, desperta o sonho, dialoga com a vontade, atinge o âmago das nossas intenções. Essa dissertação, um ensaio, procura captar a beleza da vida em suas potências coletivas: um projeto de universidade popular desenvolvido a partir do trato pedagógico libertador-biocêntrico, vinculado ao Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e que pensa o Esporte da Universidade e suas características pedagógicas, sua matriz escolar. Os projetos de extensão desenvolvidos pelo Núcleo de Integração Multicultural Popular Esportivo (NIMPE) são aqui abordados a partir do método (auto)biográfico, onde o pesquisador e o pesquisado encontram-se, uma relação dialética e coletiva dos espaços de lazer, da promoção do direito à cidade, dialogando com os movimentos sociais do campo e da cidade, pensando os sujeitos que compõem estes espaços: trabalhadores migrantes, desenraizados, sem redes de apoio, fragilizados. Na segunda parte buscamos pensar um tempo e um espaço a partir dos sujeitos, a biografia de dois assentados da reforma agrária. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Ciências da Educação (CED) e à linha de pesquisa Sociologia e História da Educação (SHE), visa compreender a importância desses espaços de socialização na promoção de políticas que garantam a participação, o pertencimento e a autonomia desses sujeitos. Para ambientar a narrativa, em muitos momentos faz-se uso de linguagem literária, emprestando o estilo de escrita poética do autor ao texto. A pesquisa atina para a necessidade de um vínculo orgânico da universidade junto à sociedade, a Universidade Necessária.

Palavras-chave: (auto)biografia; extensão universitária; direito à cidade; movimentos sociais; futebol e cidadania.

ABSTRACT

Football stirs the imagination, awakens dreams, engages with desire, and touches the core of our intentions. This dissertation, an essay, seeks to capture the beauty of life in its collective potential: a popular university project developed from a liberating-biocentric pedagogical approach, linked to the Department of Sport, Culture and Leisure (DECL) of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), which considers University Sport and its pedagogical characteristics, its school matrix. The extension projects developed by the Popular Multicultural Sports Integration Center (NIMPE) are addressed here using the (auto)biographical method, where the researcher and the researched meet, a dialectical and collective relationship of leisure spaces, the promotion of the right to the city, dialoguing with social movements in the countryside and the city, considering the subjects that compose these spaces: migrant workers, uprooted, without support networks, and vulnerable. In the second part, we seek to consider time and space from the perspective of the subjects, the biography of two settlers from the agrarian reform. Linked to the Postgraduate Program in Education (PPGE) of the Center for Education Sciences (CED) and the research line Sociology and History of Education (SHE), it aims to understand the importance of these spaces of socialization in promoting policies that guarantee the participation, belonging, and autonomy of these subjects. To contextualize the narrative, literary language is used in many moments, lending the author's poetic writing style to the text. The research points to the need for an organic link between the university and society, the Necessary University.

Keywords: (auto)biography; university extension; right to the city; social movements; football and citizenship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Mapa de Florianópolis – Florianópolis/SC	32
Figura 2 — Entorno da UFSC (Serrinha contornado em azul) – Florianópolis/SC...	32

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 — Ciclovia da SC-405 – Florianópolis/SC.....	44
Fotografia 2 — Vestiário – Florianópolis/SC	47
Fotografia 3 — Os dois times reunidos – Florianópolis/SC	48
Fotografia 4 — Rodrigo aquecendo – Florianópolis/SC	49
Fotografia 5 — Luíza desarmando o adversário – Florianópolis/SC	49
Fotografia 6 — Itamara – Florianópolis/SC	50
Fotografia 7 — Pedro – Florianópolis/SC.....	50
Fotografia 8 — Educador Social Belmonte conversando com a piazada – Florianópolis/SC.....	52
Fotografia 9 — Distribuição de flores e caixas de chocolate para a criançada – Florianópolis/SC.....	54
Fotografia 10 — Bolsistas do departamento em visita à Escola Básica Municipal José Jacinto Cardoso – Florianópolis/SC	57
Fotografia 11 — Amistoso contra o AJAX I – Florianópolis/SC.....	60
Fotografia 12 — Amistoso contra o AJAX II – Florianópolis/SC.....	61
Fotografia 13 — Ajeitando a bola para cobrar o escanteio – Florianópolis/SC	62
Fotografia 14 — Estudante da moradia estudantil ajudando no festival – Florianópolis/SC.....	64
Fotografia 15 — Fila para receber o choripão no Festival Arte Brincante – Florianópolis/SC.....	64
Fotografia 16 — Cinepipoca com a criançada do Arte Brincante – Florianópolis/SC	65
Fotografia 17 — “Japa” segurando a carteirinha que recebeu – Florianópolis/SC...	74
Fotografia 18 — Bandeira do Brasil e do MST na Escola 25 de Maio – Fraiburgo/SC	80
Fotografia 19 — Oficina de futebol na Escola 25 de Maio I – Fraiburgo/SC	81
Fotografia 20 — Oficina de futebol na Escola 25 de Maio II – Fraiburgo/SC	83
Fotografia 21 — Bolsista do DECL laçando – Fraiburgo/SC.....	84
Fotografia 22 — Oficina de futebol brincante na Ocupação Carlos Marighella II – Palhoça/SC	91
Fotografia 23 — Oficina de futebol brincante na Ocupação Carlos Marighella II – Palhoça/SC	92

Fotografia 24 — Torneio de Futebol de Várzea Ocupação Carlos Marighella – Palhoça/SC	94
Fotografia 25 — Secando os coletes utilizados durante o Torneio na Ocupação Carlos Marighella – Florianópolis/SC	95
Fotografia 26 — Roda de conversa durante a inauguração da biblioteca itinerante do Instituto Caeté na Ocupação Anita Garibaldi – Florianópolis/SC .	101
Fotografia 27 — Bolsistas do Departamento ajudando no mutirão – Florianópolis/SC	104
Fotografia 28 — Placa indicando a entrada do assentamento — Águas Mornas/SC	110
Fotografia 29 — Assentamento Comuna Amarildo de Souza – Águas Mornas/SC	118
Fotografia 30 — Canteiro de Cebolinha – Águas Mornas/SC	118
Fotografia 31 — E a gente passou por um rio enorme – Águas Mornas/SC.....	120
Fotografia 32 — A tobata “38 engatilhado” lotada de bambus – Águas Mornas/SC	121
Fotografia 33 — Alimento direto do quintal – Águas Mornas/SC	122
Fotografia 34 — Daltro é um homem apaixonado pela vida – Águas Mornas/SC .	123
Fotografia 35 — Amor por tudo – Águas Mornas/SC	124
Fotografia 36 — Daltro emocionado durante sua fala na Escola 25 de maio – Fraiburgo/SC.....	125
Fotografia 37 — Barro, pedra, pó e nunca mais – Águas Mornas/SC	126
Fotografia 38 — Daltro e Rafael – Águas Mornas/SC.....	128
Fotografia 39 — Quando Rafael Machado do Livramento nos falou – Águas Mornas/SC	132
Fotografia 40 — Arte do chá – Águas Mornas/SC	139
Fotografia 41 — Assentamento Comuna Amarildo de Souza II – Águas Mornas/SC	140
Fotografia 42 — Daltro procurando o Contrato de Concessão de Uso – Águas Mornas/SC	140
Fotografia 43 — Na lei ou na marra – Águas Mornas/SC	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASUFSC	Associação Atlética dos Servidores da UFSC
ACLA	Academia Catarinense de Letras e Artes
AMA	Associação Ambiental de Araranguá
ANEPS	Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde
APP	Área de Preservação Permanente
BILICA	Biblioteca Livre do Campeche
CA	Centro Acadêmico
CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CCU	Contrato de Concessão de Uso
CDS	Centro de Desportos
CEP	Colégio Estadual do Paraná
CIEE	Centro de Integração Empresa-Escola
COP	Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas
COVID-19	Coronavírus disease 2019
CPI	Comissões Parlamentares de Inquérito
CSE	Centro Sócioeconômico
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DECL	Departamento de Esporte, Cultura e Lazer
DFO	Departamento de Fiscalização de Obras
EBM	Escola Básica Municipal
EBSERH	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EFC	Educação Física Curricular
EletroNorte	Centrais Elétricas do Norte do Brasil
Encceja	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor
FPA	Frente Parlamentar da Agropecuária
FSM	Fórum Social Mundial

Fundação CASA	Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
HU	Hospital Universitário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
MLB	Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MPL	Movimento Passe Livre
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
NIMPE	Núcleo de Integração Multicultural Popular Esportivo
ONG	Organização Não Governamental
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCBR	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PDI	Plano de desenvolvimento institucional
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PM	Polícia Militar
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGSS	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SECARTE	Secretaria de Cultura, Arte e Esporte
SINERGIA	Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis e Região
SINJUSC	Sindicato dos Trabalhadores do Poder Judiciário do Estado de Santa Catarina
SINTRASEM	Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis
TAE	Técnico Administrativo
TMT	Transformações no Mundo do Trabalho
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFPR	Universidade Federal do Paraná

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
Unisul	Universidade do Sul de Santa Catarina
UP	Unidade Popular pelo Socialismo

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	15
2.	A LUA GIROU	22
3.	TRAVESSIA	34
3.1.	Arte Brincante no festival InterPeriferias do futebol	43
3.2.	Escola de futebol Arte Brincante.....	51
3.3.	Na descida do morro é diferente.....	65
3.4.	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra	75
3.5.	Movimentos por moradia	88
4.	SETE LÉGUAS	108
4.1.	Daltro Silva Caxias de Souza	112
4.2.	Rafael Machado do Livramento	131
4.3.	Periferia é assim mesmo e ainda resiste	143
5.	BARRO, PEDRA, PÓ E NUNCA MAIS.....	156
	REFERÊNCIAS	163
	APÊNDICE A — TRATO PEDAGÓGICO PARA UM FUTEBOL BRINCANTE	172
	ANEXO A — ESPETÁCULO INFANTIL O PEQUENO PRÍNCIPE.....	177
	ANEXO B — FESTIVAL ARTE MÁGICA	178
	ANEXO C — JOGO AMISTOSO	179
	ANEXO D — INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL	180
	ANEXO E — FUTEBOL DE VÁRZEA CARLOS MARIGHELLA.....	181
	ANEXO F — PROJETO PONTES DE ESPERANÇA	182
	ANEXO G — INAUGURAÇÃO BIBLIOTECA ITINERANTE INSTITUTO CAETÉ	186
	ANEXO H — CASA DA MEMÓRIA DO NIMPE.....	188
	ANEXO I — CONFRATERNIZAÇÃO NIMPE	189

1. APRESENTAÇÃO

Florianópolis, 30 de novembro de 2024. Escrevo esse texto durante a porrada mais forte que já levei na vida. E olha que já apanhei bastante. Um amigo me disse recentemente que “o amor é forte como a morte”, citando uma passagem bíblica (versículo 8:6-7 do Cântico dos Cânticos). Nunca morri para comprovar tal hipótese, mas estou despedaçado. Sigo em frente nessa pesquisa na esperança de um dia conseguir superar esse vazio que me toma por inteiro, de avançar nesse deserto de dor que me aflige e que me faz perder a fome, o sono, a vontade de viver e que me atinge todo de medo, num buraco existencial profundo e intenso. Rasga o que tiver que rasgar, afunda até onde tiver que ir. Choro ao escrever estas linhas, choro ao levantar, choro ao tentar dormir, choro quando penso, quando leio, quando respiro e quando suspiro de esperança, choro ainda mais. “Não existe molhado igual ao pranto”¹.

Foi uma luta chegar até aqui. Olho pela janela o sol discreto disputando com a chuva a direção do clima e penso que essa pesquisa também representa a esperança de conseguir superar essa dor e um dia, quem sabe, voltar a sorrir. Penso que nenhum pesquisador, nenhuma pesquisadora, vive à margem do mundo e opta não ser atravessado pelo contexto histórico que está inserido, como não sou nenhum super-herói e nem pretendo ser, já aviso de antemão que esse texto que rabisco a seguir é marcado pela minha subjetividade e é atravessado por inúmeras intempéries, um caminhão do baú de zicas e que daria para montar uma casa inteira de problemas². A gente que faz pesquisa no Brasil e que não nasceu escolhido não tem outro caminho: “aos trancos, barracos e barrancos”³, pagando pelo pontapé e levando outros dois de graça. Das vezes que segurar o resultado, um 0x0 chocho, torna-se uma verdadeira goleada. “O meu delírio é experiência com coisas reais”⁴.

A nossa tecnologia de ponta do ócio, o futebol e a música, substanciam a minha compreensão a respeito da vida, o lucro que é tirado daquilo falta (Wisnik, 2008). Se os parâmetros de análise residirem numa necessidade de apreensão de leituras densas, complexas, aí vou ficar até devendo. Não que eu não tenha tentado

1 Em referência à música *Não existe molhado igual ao pranto*, do cantor Zé Ramalho (1995).

2 Em referência ao quadro *Baú da Felicidade*, parte do programa de auditório do apresentador Sílvio Santos.

3 Em referência à música *Dance, Dance, Dance*, do cantor Mano Brown (2016).

4 Em referência à música *Alucinação*, do cantor Belchior (1976).

lidar com o atraso, com a falta, com o déficit. Dei alguns passos, sim, enquanto calculava quanto poderia gastar para chegar no quinto dia útil do outro mês, lidando com o alcoolismo que atravessou a minha vida por mais de uma década, tentando não me afetar por pensamentos individualistas e interesseiros, ao passo que reconheço, também, a minha existência como algo divino. Afinal, também estou vivo e isso realmente importa. É uma existência atravessada pela insegurança, pela violência, pelo descaso, por vícios, pela ausência. Não se trata de uma pesquisa que olha de cima, sou um pesquisador afundado na lama e apreendo a realidade a partir do atoleiro. É difícil mover-se dessa forma, mas não se trata de uma escolha. As condições objetivas que atravessam esse trabalho o tornam aquilo que de fato é, um ensaio, quase que uma prece, que visa a transformação societária e detém compromisso com a realidade.

Escrever é como iluminar o passado, resgatar o singelo que se esconde na rotina massacrante, um pacto alienante de sobreviver ao escracho, ainda que eu não tenha concordado com nada do que se estabelece e condiciona a nossa existência à uma realidade fria, descartável e torna a vida um seguir em frente arrebitado e que nos falta o sonho e torna-se tudo um cálculo, um resultado, um fim sem meio, um meio sem finalidade, sem alegria, quase que eu me perco nesse dia a dia. Quase. Escrever é uma forma de não esquecer da dor, a única maneira que encontrei para seguir. Os machucados, os espinhos, as faltas, os desígnios, os amores, os dissabores, uma revolução num botão de camisa, um grito seco para cada linha repetida. Estou vivo? Afinal, aonde vou se não estou aqui comigo. E quem eu sou além de ser completamente assim. O que nos influencia, o que nos move, o que nos tira da cama e nos faz perder o sono, o rigor, a ética, o método e a loucura. Não penso que trata-se de uma escolha, um martírio consensuado: escritos que vivem na gruta do vazio do peito e que a gente mergulha profundo e vive procurando por fora aquilo que nos falta por dentro, a ausência de tempo, o cálculo frio das horas avisando a passagem de mais um dia, um ano, uma década perdida para o alcoolismo, outra que nos aponta a juventude que não nos pertence mais, ainda que Belchior já tenha avisado, lá atrás, que seguiremos firmes como nossos pais. A música, a porta de espera do mundo, um voo solitário através do todo, uma fuga, um consolo, um aperto de mão sem firmeza, uma sobremesa que não me espera em casa, a lama do caos

que me organiza a partir da desorganização⁵, o Brasil que é time de futebol mal escalado e que reside no imaginário de um entreguista convicto do seu patriotismo meio deslocado, a bússola que aponta para o norte das nossas intenções, nada comporta, nada significa. Uma foto editada, um acúmulo de nada, um ideal triste, um projeto solitário que inexistente. Uma dopamina barata, um uso abusivo daquilo que nos mata a “sede de viver tudo”⁶. O espírito do tempo que acua o tempo do espírito, um espirro passageiro de agonia, uma sensação esgotada de esperança, um grito de criança para o abismo dos sonhos, um projeto de destruição em massa batizado de economia de mercado, cada um por si e Deus contra todos que não nasceram escolhidos, um ode ao parasitismo desmedido, o desenvolvimentismo reduzido aos números, adequar-se ao fúnebre pensamento da bomba de hidrogênio que repartiu o mundo entre aqueles que dividem e os que nasceram divididos. Escrever é uma forma de não me esquecer.

Uma Universidade, um centro de transmissão e produção de conhecimentos, é composta por interesses antagônicos, projetos de classe distintos. Em alguns casos produz e reforça concepções que visam a manutenção do modo de produção vigente, pesquisas que assemelham-se ao capitalismo e visam, no máximo, uma reforma barata, uma pintura nova, um tapa-buraco provisório, alguma causa egocêntrica que se expressa num discurso umbilical, focalizado, uma revolução num botão de camisa da Zara e pouco importa se o trabalho é análogo à escravidão (Justiça, 2017), pouco importa a desigualdade latente que o capitalismo de monopólio promove (Lucena, 2023), pouco importa as crises cíclicas produzidas e resultantes dessa abordagem expansiva, parasitária e irresponsável. Pouco importa, o que importa é cavar uma vaguinha num gabinete, trocar figurinha dentro da bolha confortável, algum discurso exaltado que não diz quase nada, retórica vazia. A sobrevivência produz essas anomalias, falas “contundentes” de quem só quer se tornar patrão, ter alguém para explorar também. E isso se expressa num monte de coisa: no conteúdo das pesquisas, nos abismos geracionais, na incapacidade de análise de conjuntura, no movimento estudantil e seu conteúdo fracionado, pós-moderno, que anuncia o fim da história, ignora as memórias e reivindica para si um papel de destaque onipresente: o pessimismo, o medo, as notas de repúdio a tudo e contra todos, destruindo pontes

5 Em referência à música *Da Lama ao Caos*, da banda Nação Zumbi (1994).

6 Em referência à música *Fazenda*, do cantor Milton Nascimento (1976).

e fazendo do escombros um ornamento vazio, um projeto sem projeto, uma luta sem direção. A burocracia excessiva, as reuniões improdutivas e enfadonhas, os critérios de avaliação produtivistas dos programas, a competição por recursos, a transmissão gratuita (na verdade a gente paga por isso) do que produzimos para que alguém lá de cima nos diga que agora tá bom, agora tá validado. O vira-latismo⁷ repaginado, o ego lá nas alturas: fui citado por tal, submeti e foi aprovado, um título de nobreza atualizado: “Barão da inutilidade”, “Conde do entreguismo”, “Marquês da irrelevância”.

É sempre a metade daquilo que é necessário: quanto precisa, dois mil? Tô mil aqui e não reclame, assina esse tanto de documentos e submeta-se às condicionantes, doze créditos no mínimo sem poder ter frequência insuficiente em nada, apresente destrinchado todos os seus vínculos familiares e torça para quem não exista alguém mais ferrado.⁸ E num país como o nosso, sempre existe alguém mais arrebitado. E assim como no futebol espetacularizado que a carreira trata-se de um projeto familiar (Rocha, 2011), a permanência na universidade exige alguma mínima estabilidade: desconfio que nos dois casos, aqueles que mais necessitam do bilhete dourado sorteado não puderam depositar o seu cupom na urna. É que não chega nas classes D e E, nem mesmo a informação de que é gratuito e supostamente acessível. Quando a gente fala da exceção, faz matéria para dizer do ex-faxineiro que virou ministro do STF e que fez dessa dificuldade um combustível (Exceção, 1997), a gente só tá comprovando isso tudo: por que a presença do pobre na universidade precisa ser uma saga de superação contínua, afinal, que diacho de equidade estamos falando, que diacho de universidade estamos construindo?

Penso que construir um outro projeto de universidade é construir junto daqueles que a compõem, mas que não são priorizados pelas políticas e pelos projetos de extensão; é construir junto das populações que a margeiam e não a acessam, é construir para fora dos seus muros, nas ocupações, nos assentamentos, nas comunidades, nas cidades metropolitanas, no interior do estado. É construir junto da classe trabalhadora, possibilitando o acesso e reivindicando outras formas de se relacionar com o espaço. Outras formas de se fazer pesquisa.

7 O vira-latismo deriva do “complexo de vira-lata”, um termo cunhado pelo escritor Nelson Rodrigues para designar a síndrome de inferioridade que acomete uma parcela da população brasileira, geralmente a elite entreguista (Rodrigues, 1993).

8 Critérios e condicionantes exigidas pela Pró-Reitoria de Permanência e Assuntos Estudantis (PRAE) para acesso às políticas de permanência (UFSC, [2026]).

Florianópolis, 29 de outubro de 2025. O caminho da pesquisa, seu método, confunde-se com o caminho da vida. Embrenha-se, mistura-se, avança e retrocede, seu movimento é o movimento da história, da realidade impositiva, estrutural, das faltas, das ausências, e também, das resistências; das delicadezas, de um olhar cúmplice, daquilo que fica. E é que fica muito. Do outro que fica na gente e da gente que fica no outro. O que faço com aquilo que fizeram de mim? Provocaria Sartre (2017). Não se trata de uma linha reta, de um pesquisar dado. A gente começa por algum lugar, escreve um projeto, perguntas norteadoras, hipóteses, define um objeto, é aprovado em algum programa. Faz acordos, cede um tanto, não abre mão do inegociável. Enlouquece, também, um pouco, em cada obstáculo deixa um tanto para trás e leva um tanto para frente, a gente aprende, a gente desaprende. A gente segue escrevendo outras coisas, conhecendo outras pessoas, perdendo-se nas mágoas, reencontrando-se no amor. No amor por uma causa, por uma ideia de país. Por uma ideia da Universidade Necessária, Darcy Ribeiro (1978), por uma oposição ao que se dá constituído, a cidade do Capital, Lefebvre (1999), pode ser a Paris lá do meio do século XX, pode ser a Florianópolis de um plano diretor nefasto. Dos prédios de 12 andares numa vila de pescadores, da imagem reduzida de um suposto progresso, jogar esgoto no mar, entupir a cidade de carros. Quais migrantes são bem-vindos aqui? A quais migrantes é dado o direito de viver a cidade? Morar perto de onde trabalha, acessar os equipamentos públicos, culturais, ter espaço para respirar.

Estava, ontem, andando de ônibus. Eu costumava pedalar por aí, mas depois de uma hérnia de disco, tive que voltar para o “latão”. Carroceria de caminhão, feita para transportar mercadorias. Produtos, coisas, gente. Gente feito coisa, coisa que fetichiza gente, uma relação entre as coisas, apontaria Marx (2013). Uma alienação da riqueza socialmente produzida. Um sorriso gratuito no turbilhão de mãos agarrando-se lá no alto, o cansaço acumulado da rotina que se impõe: jornada seis por um sem alegria nas pernas, Felipão. Mais um pouco (ou um gol) e era quase relembrar da goleada da Alemanha dos negócios, a copa do mundo é nossa, com madeireiro ilegal não há quem possa. A pátria do Capital não é verde-amarela. Bancada ruralista e seus mais de 350 representantes, uma ode ao parasitismo desmedido. O fim do mundo está próximo, batendo na porta da loucura um genocídio em curso: na faixa de gaza no Oriente Médio, nas zonas de guerra das comunidades empobrecidas do Brasil.

Acordo com a notícia de que mais de 100 pessoas foram assassinadas no suposto conflito na outrora capital do país, Rio de Janeiro. Acesso algumas redes sociais e encontro comentários de pessoas comemorando o massacre. Lembro do massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996, lembro do massacre de Redenção, em 2019. E a farsa da história se repete, condenados a repeti-la (Marx, 2010). O que será de John Lennon, o borracheiro de Eldorado dos Carajás que conheci em 2012, na volta de Altamira, quando por pouco não retornamos num paletó de madeira. À época, a cidade mais violenta do país abrigando o crime ambiental mais absurdo da nossa história: Belo Monte, o projeto desenvolvimentista que une reformistas, sanguessugas, ditadores e afins. O “inferno verde” sendo finalmente domado, aproveitado, espoliado, destruído. A riqueza supostamente mal aproveitada, os recursos servindo aos monopólios dos donos da terra. Não dos amigos da terra, dos filhos da terra, da gente da terra. Dos donos da terra. Donos. O superávit primário dos tecnocratas que consideram o lucro a medida de todas as coisas. A desigualdade social como uma expressão corriqueira da ordem natural da vida, o fim da história, o mérito de ter nascido herdeiro do apocalipse escravocrata que atravessou o país por quase quatro séculos. Herdeiros do caos regurgitam verdades verde-oliva: passa boi, passa boiada. Um delegado de estimação para chamar de seu, um estado burguês que não pode ser dividido: bolsa empresário, a farra dos juros e da amortização da dívida. Swap cambial, exclusivismo sem riscos. O risco é nosso, o lucro é todo deles. É diferente constatar algo do que inventar. É na realidade que a gente encontra as respostas, não numa ideia imaginária, anterior à própria existência. Contraditória ao movimento do modo de produção e seu caráter predatório, monopolista. Contraditória a real expressão da vida: que será do menino que atravessou uma corda, depois de uns 30 metros de buracos que ele havia tapado na BR-155, para manguear algumas moedas de alguns sujeitos desconhecidos transitando em automóveis que por ali passavam. Do menino que enxergou o meu cabelo claro e ficou impressionado com a cor loira do meu cabelo e que me comentou, um pouco tímido, que era um cabelo bonito. Será que ele se lembra de mim assim como eu me lembro dele? A gente fica um pouco no outro, assim como o outro que fica na gente. Passaria uma tarde inteira falando sobre isso, tergiversando, escrevendo um tanto de loucura. Mas, Gabriel, isso é método científico? Penso que sim, penso que o método é só um caminho e penso que escrever, ou mesmo pesquisar, trata-se disso: caminhar. Seguir caminhando.

Com rigor, sim, mas com sutileza, com história, materialidade e movimento. Um pouco de subjetividade, também, um pouco de arte.

2. A LUA GIROU

*Não é o tempo que voa.
Sou eu que vou devagar.*
Helena Kolody

Florianópolis, 6 de dezembro de 2025. 25 dias para o fim do ano. O poeta Sérgio Vaz, num poema chamado *Novos dias*, fala que “o ano novo tem cara de gente boa, mas não acredite nele. Acredite em você. Feliz todo dia!”, sentencia o poeta periférico. Geraldo Vandré, após ser “derrotado” no festival da canção, em 1968, em resposta a uma plateia revoltada com o resultado do concurso, disse que “a vida não se resume em festivais”. *Para não dizer que não falei das flores*, canção emblemática que se tornou hino na luta contra a sanguinária ditadura militar que assolou o nosso país por longos 20 anos. O vídeo da apresentação está até hoje desaparecido, a catarse coletiva que envolveu a apresentação talvez seja comparada, apenas, à apresentação da Acadêmicos do Salgueiro, em 1993, “Peguei um Ita no Norte”. “Explode coração, na maior felicidade. É lindo o meu Salgueiro, contagiando, sacudindo essa cidade”. A vida é tanta coisa.

Este é um trabalho acadêmico, vejam, provavelmente foi acessado no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, percebam, escrevo esse texto ainda sem ter sido submetido à apreciação da banca avaliadora, pode ser que ninguém, além da própria banca e dos orientadores, chegue a ler. Então, sim, há essa possibilidade, real, concreta, de que aquilo que pesquisei e escrevi ao longo do trabalho não seja considerado método científico. Sendo honesto, não me preocupa essa possibilidade. E não porque eu ache que tenha feito um trabalho impecável, ao contrário, essa pesquisa é carregada de fissuras, brechas, realizada durante um turbilhão de acontecimentos que marcaram a minha vida ao longo desses últimos três anos. Não me preocupa tal possibilidade pois de nada adianta preocupar-me com isso, exercícios de futurologia, buscar antecipar avaliações, um comportamento que mais me parece uma autossabotagem. Avaliador-avalia, pesquisador-pesquisa, orientador-orienta e por aí vai. Muitas das sugestões da banca de qualificação foram incorporadas ao texto, autores sugeridos foram trabalhados, há um esforço nesse sentido, de buscar um diálogo. Mas não uma censura de antemão, voluntária, um medo de errar que gasta a coragem de tentar.

O primeiro texto, submetido à banca de qualificação, continha uma longa lamúria de um término de relacionamento que me atravessou à época da escrita. Não deu para fugir da realidade da falta, assim como não deu para fugir da realidade da presença, quando me apaixonei novamente. “Limpei” o texto dos excessos da ausência de outrora, mas como sou um romântico conspirador (isso vocês entenderão mais para frente), precisaria limpar novamente numa revisão futura. E desconfio que assim o fizesse, teria que seguir limpando nesse eterno retorno à gruta do vazio do peito. É um texto (auto)biográfico, é questão de método aqui.

A pesquisa não se resume nessas linhas, esse escrito não se resume a pesquisa, e é por isso que não me preocupa a aprovação. Isso não me cabe. A luz acabou nesse exato momento, isso eu não controlo. É um sábado de sol, às 7h32, a luz retorna na sequência. “Ué”, pensei. Não chove e nem venta neste momento, não tinha nenhum “motivo” aparente. Não é como se fosse igual na última quinta-feira (4/12/2025), quando me preparei para escrever e encontrei o laboratório de informática da universidade fechado em decorrência da paralisação dos servidores, ali, sim, há diversos motivos aparentes, concretos. Autonomia, reajuste salarial, plano de carreira, condições de trabalho. Aqui, já com a luz restabelecida, é só suposição. Não posso responder precisamente por isso, “que será que aconteceu?”, assim como não sou o avaliador deste trabalho, preocupar-me com isso, “o que será que a banca vai achar?”, é como um desvio de função e isso gera danos terríveis ao processo: retira a magia, a presença, tudo em função da finalidade: ser aprovado. Assim como “a vida não se resume em festivais”, essa pesquisa não se esgota nesse texto. *Ainda estou aqui*, Marcelo Rubens Paiva. Ainda estamos aqui, não sendo nada, nunca sendo nada, não podendo querer ser nada. Mas à parte isso, Fernando Pessoa, “tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

É um sábado de sol e o *desejo de ser* era um mergulho preguiçoso na praia do Campeche, mas o *projeto de ser* é entregar essa dissertação. Está um dia bonito na ilha de Santa Catarina, o Coritiba subiu de divisão e isso não me movimenta tanto como antigamente, o “coxa” foi vendido com mais de 96% de aprovação dos sócios e é como se fosse entregue uma parte de mim nesse processo todo, é difícil continuar pesquisando o futebol depois de barganhado o sonho, confesso. Graças a alguma coisa que não sei se devo classificar como divino, essa pesquisa não fala apenas de futebol e sua matriz espetacularizada, essa pesquisa fala dos encontros, da potência mobilizadora dos espaços de convívio, do direito à cidade, fala da vida no Brasil, da

sua história, essa pesquisa fala de um *projeto* de universidade popular que não se esgota em pensar a universidade a partir dos seus marcos, das suas tendências, mas a universidade como algo vivo, em transformação, como algo em disputa. “Travesseiro dos meus braços, só faz se não quiser. Sustenta palavra de homem, que eu mantenho a de mulher. A lua girou, girou. Traçou no céu um compasso. Eu bem queria fazer um travesseiro dos seus braços. Eu bem queria fazer...”⁹. Essa pesquisa é uma homenagem às minhas avós Heny, Therezinha e Eletra, que me ensinaram o caminho das delicadezas sociais e das firmezas éticas coletivas.

Não acredito na infelicidade como uma condição aceitável de existência, logo, não acredito e nem mensuro a possibilidade de realizarmos boas pesquisas estando tristes. A gente vai empurrando, a gente vai sobrevivendo, mas chega uma hora que a realidade torna-se implacável: toma aqui toda a sobrecarga que acumulastes ao longo desses anos desgraçados, desse desespero combinado, uma soma de ausências e faltas que até dá para acreditar nessa naturalização do caos, um estado fatalista de compreender o todo. O medo é o sintoma mais aparente do resquício ditatorial que ainda se impele sobre nós. Escrever é a minha forma de encarar o mundo, de não me esquecer de mim.

Paulo Leminski dizia que é através da loucura dos poetas que a sociedade respira. Penso que esse ensaio, resultado de muita dedicação, tem método, tem rigor e também tem loucura. O meu compromisso não é somente com a precisão, entendo que é responsabilidade de todo pesquisador avançar nos limites impostos, experimentar nossas formas de abordagem, outras angulações. Não que eu acredite que se trata de um trabalho revolucionário, longe disso. Mas busquei imprimir nesse texto que rabisco a seguir um olhar autoral, uma escrita poética que é resultado das minhas andanças, experiências contraditórias que fui assimilando ao longo dessa existência caótica, frágil, intensa e ancorada pela realidade, esses segundos de respiro entre uma onda e outra. Estou vivo e quero seguir novamente.

É uma pesquisa que não fala só de futebol. O futebol abriu as portas, o espaço do encontro, da troca, do permitir-se. Foi através dele que caminhei, e caminhei muito: caminhei com os movimentos sociais, caminhei pelo estado de Santa Catarina acompanhando jogos universitários, caminhei em grupos de estudos (sendo orientado

9 Em referência à música *A lua girou*, do cantor Milton Nascimento (1976).

e também orientando), caminhei em qualificações e defesas de companheiros de linha de pesquisa, caminhei por congressos e simpósios (apresentei trabalhos, compus publicações), caminhei através de estados e países, vejam só, aquele menino que não conseguia terminar nenhuma tarefa, que largou duas graduações, que viveu mais de uma década no fundo do poço do alcoolismo, agora estava conseguindo seguir em frente, e, eu, que acredito tanto em segundas, inúmeras chances, também libertei-me das cobranças excessivas e massacrantes que impunha sobre a minha existência e consegui romper com essas prisões que (in)voluntariamente impomo-nos, uma punição que mais parece coadunar com os interesses do Capital: “uma cidade triste é fácil de ser corrompida, uma cidade triste é fácil ser manipulada. No contra-ataque da guerra, arte!”¹⁰

Sou poeta marginal, escrevo há vinte anos. Escrevo sobre tudo que atinge-me e de diversas formas: escrevo contos, poemas, artigos, crônicas, ensaios e um dia, quiçá, escreverei um romance. O meu projeto era esse, um romance ambientado nas categorias de base do Coritiba e que iria tratar da desigualdade social a partir da amizade de dois jovens institucionalizados. Um de classe média, com suporte familiar e atuando na cidade de nascimento, e outro jovem, imigrante, vivendo em alojamento e distante de casa, desenraizado e sem redes de apoio. Sou um sonhador, um tanto iludido, pensei que em dois anos daria conta desse projeto. Mas as condições objetivas da vida impõem-se e nunca sequer consegui avançar nesse primeiro esboço, só fui contemplado pela bolsa de fomento à pesquisa no décimo quarto mês do curso e precisei percorrer esse longo período vinculando-me a outros espaços e projetos. Uma porta que se fecha, momentaneamente, e outra que se abre, minha atuação como bolsista junto ao Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que inclusive possibilitou a minha continuidade na universidade e que sou muito grato por isso. Como diria o meu orientador, Fábio Machado, a escassez nos puxa.

A pesquisa caminhou e fui junto com ela. Imergi profundamente nessa atuação e encontrei um lugar onde meus ideais ressoavam e onde fui valorizado. Poucas vezes havia sido valorizado antes, sou um sujeito arredo, ermitão, o segredo das multidões não é o meu desejo. Helena Kolody fala, em um dos seus poemas, do “fio

10 Em referência à música *Revólver*, da cantora Flaira Ferro (2019).

d'água que canta e murmura na mata silenciosa” em oposição ao “rio caudaloso que figura nos mapas”, o que ela não pretendia ser e que tampouco quero. Essa mania de grandeza, o individualismo exacerbado, sinais do assemelhamento à ideologia dominante, algo que não me interessa. Ter um carrão, uma casa de frente para a praia e de costas para todo mundo. Prefiro a vida coletiva e me vejo nas lutas, compondo e seguindo juntos.

No DECL encontrei um projeto que dialogava com meus princípios e valores constituídos a partir de muita teimosia e uma existência compartilhada com meus irmãos, afinal, no final das contas, “[...] uma família não é nada mais do que isso, um cuidar do outro, não deixar o outro sofrer, não abandonar o outro, não trair, não pisar em cima. [...]” (Laub, 2006, p. 30). Não é conversa fiada, ideal deslocado da prática, isso está expresso no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do departamento:

[...] as ações têm como objetivo ampliar e estimular a democratização do esporte e das diversas manifestações da cultura corporal de movimento, seja a partir da prática, do conhecimento e/ou da audiência, tematizado-os enquanto atividade de ensino, pesquisa e extensão universitárias.

Há ainda no horizonte da gestão uma permanente busca de novos conhecimentos, ações didático-pedagógicas e de formação profissional esportiva, primeira e continuada, a fim de promover melhores condições na oferta dos esportes e das práticas da cultura corporal de movimento para a promoção da vida e saúde das várias populações atendidas pela UFSC. Nesse sentido, tais manifestações são concebidas considerando-se suas dimensões geracionais, étnicas, de gênero, raça e classe, a fim de bem considerar os diferentes significados, intencionalidades, interesses e modismos que “modelam” as práticas da cultura corporal de movimento e as modalidades esportivas. Para tanto, são desenvolvidos a partir de três categorias: prioritariamente, a manifestação do esporte comunitário e do esporte educacional, enquanto práticas de lazer, e ainda, o esporte de rendimento, a partir das equipes de representação esportiva da UFSC em eventos regionais, nacionais e internacionais. Três dimensões distintas em seu fazer, porém inter-relacionadas.

As inúmeras ações visam consolidar uma programação de atendimento para essas três formas de manifestações esportivas, bem como a vivência de diferentes práticas corporais, em suas dimensões lúdicas, artísticas, criativas e críticas, conforme segue:

I. Esporte Comunitário e Educacional – o esporte universitário é tratado enquanto direito de seu ensino e de sua prática sem o desejo de ser ou formar atletas, mas potencializando as expressões lúdicas e cooperativas dos esportes através de estratégias de transformação-didática dos esportes na ótica da vida plena em superação às formas apenas adaptativas do esporte convencional/federado. Promove-se a articulação da comunidade universitária da UFSC com outras Instituições de Ensino Superiores, nacionais e internacionais, com a vida cultural e artística da cidade e seus territórios, promovendo jogos, debates acadêmicos e momentos de fruição. Como exemplos, destacam-se: a) Encontros e Festivais Esportivos, tais como o Interperiferias de Futebol realizado na UFSC em 2023; os Festivais Internos de Bocha (2023/2024) e Torneios de Xadrez (2024); o Futebol Arte Brincante através das Escolinhas Infanto-Juvenil; a Escola de Futebol para Jovens e Adultos não-atletas; Rodas de Altinha; Grupos de corrida e caminhada (UFSC, 2025, p. 1-2, **grifo do autor**).

Dessa forma, o texto que submeto à apreciação da banca é formulado também a partir dessa relação que estabeleci com as nossas diretrizes institucionais expressas nos projetos, resultado da observação atenta e do envolvimento contínuo. Diários de campo, documentos, diálogos, práticas e estudos.

Os títulos dos capítulos, subcapítulos, seções, foram nomeados a partir de músicas populares brasileiras, músicas que expressam a realidade social brasileira. Trazem para o texto essa relação artística com um território, com um tempo, e também com o movimento, com o sonho, com o devir. Por exemplo, *Travessia*, do mineiro Milton Nascimento, *Periferia é Periferia*, da banda paulistana Racionais MC's. Letras que demonstram ausências, denunciam violências, reivindicam, questionam o direito à cidade. Canções que também expressam sonhos, ambições, que pensam o movimento da vida, os encontros, as possibilidades de disputa. “Nessa longa estrada espero por você”, trecho da letra de *Sete Léguas* que integra o álbum *Espelho Cristalino* do cantor pernambucano Alceu Valença abre o último capítulo deste trabalho. A curadoria das canções aqui destacadas também diz respeito ao meu gosto musical e minha relação com a cidade. Algumas músicas lembram-me lugares, sentimentos, aromas, escuto *Sete Léguas* e lembro da maresia e da belíssima vista do trecho de ciclovias junto aos ranchos dos pescadores na “Via Expressa Sul”, trajeto que realizo de bicicleta para chegar até a universidade. Há uma esquina que batizei de “Pranto do Poeta”, pois toda vez que colocava para escutar o álbum “Verde Que Te Quero Rosa” do cantor carioca e mangueirense Cartola, a música de Nelson Cavaquinho insistia em começar justamente naquela esquina defronte a um atacado e quase chegando na costeira. A valorização da vida de um poeta é universal e o mesmo sentimento de tranquilidade que a música transmite, de uma presença não esquecida mesmo depois da morte, esse pranto que referencia a vida, esse mesmo sentimento, consigo atingir ao cruzar aquela esquina.

As “práticas sociais no âmbito da investigação”, os relatos das atividades que estive envolvido ao longo desses últimos três anos e que ilustram o segundo capítulo deste trabalho, são dispostas de forma cronológica. A escolha por dispô-las dessa forma é o próprio movimento da pesquisa: as portas que acessei junto aos movimentos sociais deram-se em consequência desses primeiros vínculos, dessas experiências anteriores. Formadoras, norteadoras. O fio condutor da pesquisa é a própria realidade, seus desdobramentos. O objetivo desse capítulo é reunir evidências que subjazem às memórias (autobiografia e biografias) político-

pedagógicas a partir das experiências vividas e dos projetos de extensão universitária no âmbito dos movimentos e organizações sociais do campo e da cidade, como o MST e os movimentos por moradia da Grande Florianópolis.

Neste capítulo levo em consideração as ideias contidas na pergunta-problema, que traz em seu bojo algumas “questões de pesquisa”, a saber:

- a) o que dizem os documentos institucionais que orientam o trato pedagógico na relação da universidade (DECL-NIMPE) com as organizações e os movimentos sociais?
- b) o que anunciam as biografias e (auto)biografias dos sujeitos investigados?
- c) quais as possíveis relações entre a (auto)biografia e as biografias dos sujeitos?

Durante o decorrer da escrita vou me referir às experiências de campo a partir da ideia de “eventos-campo” (Silva, 2003). No entanto, considerando a natureza das ações político-pedagógicas realizadas no âmbito da dialética campo e cidade, vou renomear os eventos-campo como uma empiria que se traduz nas experiências da vida cotidiana dos sujeitos do campo e da cidade: “práticas sociais no campo de investigação”. Além do mais, vou apresentar cada experiência de campo, levando em consideração a centralidade da pergunta-problema, as questões de pesquisa já enunciadas, a transcrição dos dados brutos, priorizando as evidências empírico-teóricas, os destaques das representações (falas) dos sujeitos e, por fim, os “achados” da pesquisa nesses campos de investigação.

Dessa forma, concordamos com Silva (2013) e Mills (2009):

Pensar a construção do problema de investigação à luz da dialética entre pergunta e resposta carece que evoquemos o papel da criatividade, da inovação e do rigor da ciência, que se soma ao compromisso político do pesquisador com o “mundo da necessidade” e com as “situações de impasse” que surgem no real-social. Contudo, não se trata de uma criatividade abstrata, mas sim da “imaginação sociológica”, que segundo Wright Mills é:

[...] a qualidade intelectual de natureza crítica que prevê a sintonia do cientista social com os problemas individuais ligados às realidades mais amplas e aos problemas de relevância pública. [...]

[...] a sensibilidade para captar a necessidade da fusão da nossa vida individual com os problemas do tempo conturbado em que vivemos [...] e, eu diria, sob a vigência do processo de destruição da coletividade, do trabalho, meio ambiente, enfim, das relações engendradas pelo capital.

De acordo com Mills, a tarefa intelectual e política do cientista social é deixar claros os elementos de inquietação e indiferença, frente aos problemas sociais que assolam a humanidade no mundo contemporâneo. Além do mais, [...] a tarefa dos intelectuais (educadores-investigadores) deveria ser promover a liberdade humana e o conhecimento, além de “questionar” o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e um sentimento de privilégio de classe, raça ou sexo.

No ponto de vista de uma “educação crítica”, deveriam aprender as lições gramscianas do “intelectual orgânico”, apoiando e participando dos movimentos sociais, reconhecendo o conhecimento destes e ao mesmo tempo socializando o conhecimento especializado das universidades “[...] com esses movimentos que se voltam às lutas por uma política de redistribuição e por uma política de reconhecimento (Silva, 2013, p. 22-23).

O terceiro capítulo, um ensaio biográfico de dois assentados da reforma agrária, Daltro Silva Caxias de Souza e Rafael Machado do Livramento, é a consolidação desse entendimento: é uma pesquisa em movimento, que expressa o caminho realizado, algo em curso. Conheci Daltro e Rafael numa viagem que realizamos para Fraiburgo. A “nossa parte” enquanto Departamento, bolsistas, esgotava-se, supostamente, na oferta de uma oficina de futebol para as crianças e jovens da Escola Vinte e Cinco de Maio. Mas já na ida esse projeto inumano de executor terminal de política erodiu-se. A força mobilizadora incontrolável do encontro. Não sei quantas horas de ônibus, paradas coletivas, almoços coletivos, jantares coletivos, mutirões coletivos. Vida coletiva. Uma ou duas perguntas, algumas referências em comum, um grande amigo em comum, pronto. “Nada permanece inalterado até o fim”¹¹. Um projeto de biblioteca numa ocupação, um festival em outra, visitas, fóruns, palestras, feiras, encontros fortuitos, reconhecimento permanente. Uma pesquisa engajada. O professor João Rivelino Rezende Barreto (2025) fala de uma “etnografia em casa”, não é o caso da pesquisa a seguir, mas o nome da metodologia me soa bonito. Tem isso também: essa é uma pesquisa que preza pela beleza estética do texto. Na forma de um ensaio, está mais comprometida em enveredar caminhos, apontar possibilidades, do que necessariamente apontar alguma resposta ou conclusão. As coisas foram misturando-se, a verdade é essa, a vida não se esgota e nem se enquadra. Pontes, elos. Seguindo. A intenção deste processo de análise dos dados é compreender aquilo que as narrativas expressam, considerando a relação dialética entre sujeito-objeto no processo de construção dos conhecimentos que emergem das falas e representações dos sujeitos investigados.

Cultura são os marcadores que permitem-nos diferenciar do outro, evidenciados a partir dessa diferença. Expressa uma relação com o espaço e com o tempo (Velho, 2003). Expõe um acesso à uma tecnologia, por exemplo, o domínio de práticas que se constituem historicamente e permitem o consumo, para citar um

¹¹ Em referência à música *Tem que acontecer*, do cantor Sergio Sampaio (2012).

exemplo conhecido no Brasil, da mandioca brava a partir de técnicas de preparo (ferver, ralar, espremer) fundamentais para que aquele que a consoma não seja intoxicado pelo veneno da planta. Saberes ancestrais dos povos originários que permitiram a ingestão desse valioso alimento, fundamental para a soberania alimentar do nosso povo. Pode expressar, também, uma falta, uma ausência. Uma adaptação a esta falta, a esta ausência. Nos termos de Wisnik (2008), *o lucro que se tira daquilo que falta*. A pelada improvisada em qualquer quadra adaptada, uma rua fechada aos domingos, que naquele instante transmuta-se de rua para veículos apressados e geralmente ocupados por apenas uma pessoa e transforma-se num espaço compartilhado, num estádio lotado na imaginação do menino, onde a criança brasileira de qualquer época imagina-se vestindo a camisa 10 do seu clube de coração, correndo para os braços de uma multidão desconhecida depois de um goloço onde se dribla, além dos adversários, todas essas ausências, o cascão incorporado ao pé descalço, dublê de chuteira, a tabelinha com a guia da calçada, o buraco já conhecido das dificuldades cotidianas; também como um terreno abandonado que se torna campo de várzea, cheio de touceiras, desnivelado, um time que ataca na subida, um time que defende em desfavor da gravidade. E depois inverte-se, e mistura-se, pois no futebol o adversário de hoje pode ser o companheiro de amanhã, o que nos humaniza à medida que permite o reconhecimento do outro como alguém também importante, a ideia de quem ninguém joga sozinho, a ideia de que a vida se dá de forma coletiva (Wisnik, 2008). Dessa forma, “[...] cada cultura deve ser entendida em seus próprios termos [...]” (Velho, 2003, p. 64).

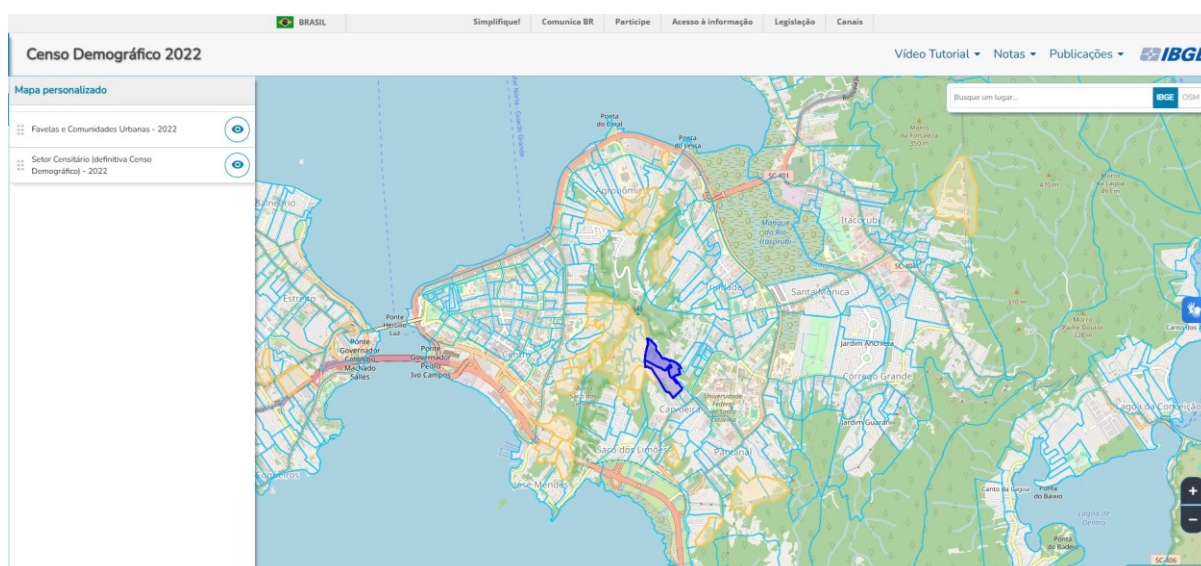
A metodologia da investigação e da exposição remete à uma espécie de artesanato intelectual nos termos de Mills (2009), quando vai sendo tecida a racionalidade dos dados (brutos) em uma linguagem original, própria, poética, dando forma à totalidade, singularidade e particularidade das experiências vividas, com vistas à contribuir com o estado da arte das ciências progressistas da Educação, Educação Física e Serviço Social, cujos os dados nos guiam nessa tarefa acadêmica e por estilo da escrita não estão postos no texto como tradicionalmente são elaborados nos projetos de pesquisa. “Escrever é reivindicar a atenção de leitores. Isso é parte de *qualquer* estilo. “Escrever é também reivindicar para si status suficiente pelo menos para ser lido. [...] Para superar a *prosa* acadêmica, temos de superar a *pose* acadêmica” (Mills, 2009, p. 50):

No padrão do artesão não há ruptura entre trabalho e diversão, entre trabalho e cultura. Caso se entenda que a diversão é uma atividade, exercida por si mesma, sem nenhum objetivo além da gratificação do ator, então o trabalho seria uma atividade realizada para criar valor econômico ou algum outro resultado velado. Diversão é algo que fazemos para estar prazerosamente ocupados, mas se o trabalho nos ocupa prazerosamente, é também diversão, ainda que seja também sério, assim como o brincar é para a criança. “O trabalho realmente livre, o trabalho de um compositor, por exemplo”, escreveu Marx certa vez acerca das noções de Fourier sobre trabalho e diversão, “é trabalho terrivelmente sério, esforço intenso”. A simples auto-expressão da diversão e a criação de valor velado do trabalho estão combinados no trabalho-como-artesanato. O artesão ou artista se expressa ao mesmo tempo e no mesmo ato em que se cria valor. Seu trabalho é um poema em ação. Trabalha e se diverte no mesmo ato (Mills, 2009, p. 61-62).

A relevância científica e social do recorte da investigação que fazemos, é o de analisar a experiência de esporte e lazer enquanto política universitária que alcança alta relevância em seu fazer ao qualificar as demandas e o mundo cultural do território dos bairros do seu entorno e da Grande Florianópolis.

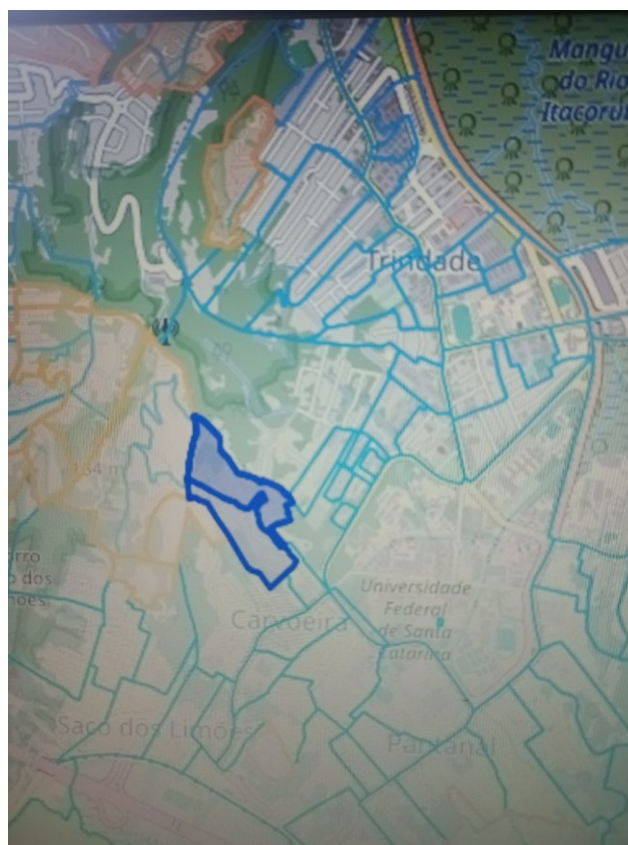
Os contextos em que se desenvolve a pesquisa, são: bairros do entorno da UFSC, Pantanal, Carvoeira, Serrinha e Trindade, principalmente a comunidade da Serrinha. São bairros onde residem inúmeras matizes de trabalhadores, sendo o foco dos nossos projetos trabalhadores precarizados, muitos deles empregados na mão de obra da construção civil e em serviços do comércio, trabalhadores autônomos, alocados nos famigerados subempregos. Nas conversas e dados obtidos entre os participantes dos projetos que realizamos, pudemos constatar que é uma comunidade formada, em sua grande parte, pela migração de trabalhadores vindos do interior do estado e de outras unidades federativas do país, inclusive imigrantes de outros países, como os venezuelanos.

Figura 1 — Mapa de Florianópolis – Florianópolis/SC



Fonte: IBGE (2022).

Figura 2 — Entorno da UFSC (Serrinha contornado em azul) – Florianópolis/SC



Fonte: IBGE (2022).

O morro, o trabalho, a falta de acesso aos equipamentos públicos de lazer comunitário reduzem as opções de ampliação cultural e de práticas esportivas na comunidade enquanto lazer e abrem espaço para a violência, o abandono, e a

cooptação dos jovens pelo tráfico se dá forma facilitada, nós sequer disputamos a direção desses jovens.

[...] É muito importante para todo escritor ter em mente o tipo exato de pessoas para quem está tentando falar – e também o que ele realmente pensa delas. Estas não são questões fáceis: respondê-las bem requer decisões sobre si mesmo, bem como conhecimento do público leitor. Escrever é reivindicar ser lido, mas por quem? (Mills, 2009, p. 52-53).

Inúmeras foram as dificuldades que enfrentamos: um departamento que deixou de ser secretaria e todo o impacto financeiro e de autonomia que isso remete, um deserto de memórias na mudança da gestão, sabotagens, entraves, jogo de forças desigual, recomposição orçamentária inexistente, atravessamos greves, as condições objetivas da pesquisa caminharam longe das condições ideais. Algo que nos atravessa é a pergunta recorrente: como politizar a prática esportiva? Nesse sentido, “a pergunta deve conter uma tensão interna, ser “problemática” e estar calcada no mundo das necessidades humanas, contradições, concreticidade e possibilidades de mudanças, tanto na academia quanto na vida cotidiana” (Silva, 2013, p. 20). Como é possível fomentar um esporte da universidade que atua a partir dos princípios educativos do futebol e do lazer, um esporte que democratiza o acesso e prioriza quem pouco foi priorizado até então. A equidade que atravessa a oferta das atividades lúdicas, as possibilidades que se abrem a partir de uma atuação compromissada com a mudança societária. Moradores em situação de calçada que não são tratados como estranhos, descartáveis, indesejáveis, mas que são acolhidos. A comunidade que frequenta há anos o local e que deve nortear as escolhas para aquele espaço. A universidade atuando conjuntamente aos movimentos sociais, numa relação dialética dos saberes populares e acadêmicos. Os trabalhadores terceirizados, o elo mais fraco da comunidade acadêmica, também protagonistas dos nossos projetos de extensão do todo acadêmico. O riso, a troca, o lúdico, o belo. Esse “fugitivo instantâneo”, como bem definido pela poeta Helena Kolody: “captar os seres em seu fugitivo instante de beleza”.

3. TRAVESSIA

*Solto a voz nas estradas
Já não quero parar
Meu caminho é de pedras
Como posso sonhar*
Milton Nascimento – Travessia

O estudo que se realiza a seguir é resultado da atuação do pesquisador enquanto bolsista do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre os anos de 2023 e 2024. Analisa os futebois promovidos e apoiados pelo DECL durante esse período, tais como: **a)** “Futebol Arte-Brincante”, atividade desenvolvida a partir da concepção pedagógica das “escolas de futebol para jovens e adultos não atletas”¹², realizada entre os anos de 2023 e 2024 no Centro de Desportos (CDS) da universidade, tendo como frequentadores a própria comunidade acadêmica (trabalhadores, discentes, docentes), além dos moradores das comunidades do entorno do campi da Trindade. Conduzida pelo professor e diretor do departamento, Paulo Capela. **b)** acompanha as “escolas de futebol para crianças e jovens não atletas” desenvolvidas no Núcleo de Integração Multicultural Popular Esportivo (NIMPE), também denominadas “Arte-Brincante”, bem como projetos parceiros conduzidos por educadores sociais (Bola Mágica e Real Serrinha) no espaço do NIMPE, tendo como público-alvo as crianças e jovens moradores do entorno da universidade, principalmente da Comunidade da Serrinha. Conduzidas pelos bolsistas da graduação em Educação Física: Victor, Renan França, Raone Ribeiro e Gustavo Martins, além dos educadores sociais Edson Luís Benites Belmonte, responsável pelo Bola Mágica e Edilson dos Anjos Oliveira, ligado ao Real Serrinha. **c)** Analisa as pelepas realizadas por jovens e adultos moradores da Serrinha no espaço do NIMPE, carinhosamente apelidadas de “Futebol Cidadão”; **d)** perpassa festivais e encontros que contaram com a participação de integrantes dos nossos projetos (InterPeriferias do futebol); **e)** apresenta oficinas de futebol conduzidas por bolsistas do departamento junto aos movimentos sociais do campo e da cidade (MST, movimentos por moradia), entre outras atividades formativas. A pesquisa é resultado da apreensão (auto)biográfica dessas atividades,

12 As “escolas de futebol para jovens e adultos não atletas” é parte do trato pedagógico desenvolvido pelo professor Paulo Capela em sua tese: *Pelos caminhos de uma vida nova: fragmentos para uma educação física libertadora-biocêntrica*. Para saber mais, consulte o Apêndice A.

dos relatos desenvolvidos a partir de diário de campo e sua mediação com autores e perspectivas pedagógicas norteadoras das intervenções.

O Núcleo de Integração Popular Esportivo surge com a reincorporação do espaço pela universidade da antiga sede da Associação Atlética dos Servidores da UFSC (AASUFSC), local conhecido anteriormente como “Volantes”. Contando com quadra de bocha, salão de festas, academia, vestiários, campo de futebol, salas administrativas entre outros espaços, o local estava “abandonado” durante a pandemia e foi destinado para o Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL). Batizado de NIMPE pela professora Cristiane Ker, uma das diretoras do departamento. Atualmente abriga dezenas de projetos de extensão gratuitos, como capoeira, aulas de percussão, dança, teatro, bocha, altinha, atendendo mais de 500 pessoas por semestre.

Pra não dizer que não falei das flores (ou do método)

Para lograr tudo isso, em termos teórico-metodológicos, vou levar em consideração alguns pressupostos do método progressivo-regressivo sartreano (1972). “[...] Essa perspectiva de estudar “por dentro” os fenômenos sociológicos é onde nos situamos no campo da sociologia da educação” (Pinto *et al.*, 2022, p. 108).

O movimento progressivo-regressivo, de vai e vem entre o “singular e o universal”, entre o “presente, passado e futuro”, que precisa ser aprendido progressivamente e regressivamente em suas articulações internas, até o momento que se torne possível apreender, como por exemplo, Flaubert se fez Flaubert, Sartre se fez Sartre, e como cada um ao se realizar singularmente como Flaubert ou Sartre, realizou também o homem de seu tempo, em um dado lugar da sociedade. Assim apresenta-se o método progressivo-regressivo como ferramenta que possibilita ir do singular ao universal e vice-versa, em direção ao presente, futuro e passado, dialeticamente. Este movimento, irá possibilitar o processo de construção do conhecimento, que visará apreender o microssocial em sua articulação com o macrossocial, o que contemporaneamente é central na produção sociologia da educação (Pinto *et al.*, 2022, p. 106).

É um estudo que, além de tratar dos futebolis (bricolado, comunitário e escolar) desenvolvidos e apoiados pelo departamento, visa observar as teias de relações humanas que esses projetos e espaços contêm e as inúmeras possibilidades de diálogo e intervenção que possibilitam, buscando “[...] conhecer o homem/mulher e compreender os fenômenos humanos desde as situações concretas e relacionais, indo do sujeito a sua época e da época ao sujeito – o que constitui o método biográfico sartriano” (Pinto *et al.*, 2022, p. 101). Para isso, utiliza como método de investigação

os estudos (auto)biográficos, faz uso da potencialidade das narrativas para a construção dos sujeitos, de sua formação e do cuidado de si (Vicentini; Abrahão, 2010). A relação dialética da *palavra-dada/escuta-atenta* provoca reflexões, uma possibilidade de reinvenção de si. Uma relação entre o sujeito e a estrutura. Inicia-se no diálogo do tempo presente e depois parte para o passado (lembranças da infância). Num movimento ulterior, para o futuro devir: o que pretende, onde quer chegar. Dessa forma:

[...] Não há interpretação a priori que defina uma existência, ela resulta das ações humanas e de sua imensa responsabilidade diante da sua própria vida e dos seus contemporâneos. O biográfico sartreano nos dá elementos para não cair no jogo da guerra de narrativas, em fazer concessões ao senso-comum. A história social e de cada sujeito estão imbricadas, são passíveis de compreensão e conhecimento, ainda que a arte nos ajude a levar esse conhecimento cada vez mais longe, permitindo que a ficção expanda nossas possibilidades. Mas a soberania da vida concreta, dos sujeitos homens e mulheres, em si mesmo, são objeto do que podemos denominar de uma arte processual permanente, sempre em vias de se reinventar (Pinto *et al.*, 2020, p. 90-91).

O método (auto)biográfico faz uso da potencialidade das narrativas para a construção dos sujeitos, de sua formação e do cuidado de si (Vicentini; Abrahão, 2010). A relação dialética da *palavra-dada/escuta-atenta* provoca reflexões, uma possibilidade de reinvenção de si. Uma relação entre o sujeito e a estrutura. Inicia-se no diálogo do tempo presente e depois parte para o passado (lembranças da infância). Num movimento ulterior, para o futuro devir: o que pretende, aonde quer chegar. A escrita (auto)biográfica entendida como uma forma de produção de conhecimentos de si, almejando criar o diálogo entre passado e presente, num movimento que visa revelar esse elo, suas articulações com as condições objetivas, sociais, com aquilo que está incrustado na imaginação, nas crenças e, assim, projetado, “[...] a subjetividade como um momento entre uma objetividade e outra [...]” (Pinto *et al.*, 2023, p. 13). Segundo Vicentini e Abrahão (2010), um “processo auto-reparador”. Uma forma de buscar a unidade e a coerência da trajetória do ser, visando compreender como a subjetividade é construída, a exploração das emergências interiores. Esse mergulho na gruta do vazio do peito possibilita mudanças transformadoras no sujeito, ao passo que, desvelado aquilo que está incrustado, propicia um comportamento renovador dessas práticas naturalizadas e tidos como inatas. Busca “[...] examinar as histórias de vida como meios de se conhecer as

dinâmicas sociais e culturais presentes na constituição da subjetividade” (Vicentini; Abrahão, 2010, p. 13).

A pesquisa autobiográfica na situação de intersubjetividade permite, assim, uma escuta e além disso, uma exploração das emergências interiores (sob a forma de desejos, anseios, projetos) que revelam uma busca ativa de realização do ser humano em suas potencialidades insuspeitas ou inesperadas. Essas descobertas pressupõem uma visão do humano (um dos sustentáculos de nossa cosmogonia) que autoriza a imaginar e a acreditar na possibilidade de poder, querer e ter que desenvolver ou adquirir o saber-fazer, saber-sentir, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar, saber-estar, em relação com um eu-encarnado etc., que são necessários às mudanças, à acolhida do desconhecido que vem ao nosso encontro assim que deixamos o caminho de vida programado por nossa história familiar, social e cultural (Josso, 2010, p. 173-174).

Portanto, “[...] novas aprendizagens exigirão ‘desaprendizagens’ (isto é, o abandono de hábitos mais ou menos antigos com relação aos quais deverão tomar consciência de que são freios a impedir que sigam adiante e se tornem disponíveis para sua criatividade)” (Josso, 2010, p. 173). Ainda segundo Josso (2010), uma mudança de paradigma que passa longe das escolhas voluntárias, racionais do sujeito, é necessário mudanças intensas no modo de se viver e isso passa, também, pelo corpo. Uma metanoia. O lugar e a importância do corpo como elemento central no cuidado de si, “[...] a busca de potencialidades da consciência pelas vias corporais que enriquecem o sentido das nossas vidas e os conhecimentos que nós temos da vida” (Josso, 2010, p. 174). O lugar central que o corpo detém em nossas existências. Ou seja, visa refletir o quanto as experiências com espaços de lazer e socialização esportivos desvelam nossa intimidade e possibilitam diálogos com nossas experiências:

O corpo está, evidentemente, bem presente em tudo o que faz, sente e escreve o autor do relato, mas a experiência que o corpo tem no curso de suas atividades é, com frequência, silenciada salvo nas situações em que o corpo “falha”, como no caso da doença, das limitações de nascença ou devidas a um acidente, nos medos, temores, ansiedade e angústias. [...] essa relação com o corpo, parte integrante da concepção do humano e da visão da vida, condiciona os caminhos empreendidos nas diferentes buscas que orientaram e orientam as escolhas e os projetos de vida. Os modos de cuidar de si serão os indicadores dessa relação e das consequências que daí decorrem para a natureza da relação com a vida em geral e com a sua própria vida (Josso, 2010, p. 175-176).

Segundo Josso (2010), compreender o lugar do corpo na busca do sentido da vida, a tomada de consciência da fragilidade humana; o movimento do cuidar do corpo ao cuidar do seu ser essencial. “[...] A constituição da subjetividade é uma construção,

que desdobra da relação do sujeito, corpo/consciência com o mundo, não como determinação deste mundo, mas como liberdade inserida em um campo de possíveis” (Pinto *et al.*, 2022, p. 108). Práticas corporais que nos permitem manter-se com saúde, uma dimensão preventiva primária. “[...] concepção de um si que tem um corpo com necessidades e fragilidades que convém levar em conta na organização de sua vida cotidiana com práticas que asseguram tanto um bem-estar quanto prazer para o corpo” (Josso, 2010, p. 185). Essa mudança de paradigma, ainda segundo o autor, *do eu tenho um corpo para a descoberta do eu sou um corpo*.

O estudo biográfico sartreano busca estabelecer os nexos sobre a forma pela qual o adulto se constitui até mesmo contra a sua infância, por ela e com ela. A noção de classe social e sujeito encontram-se imbricadas por um conjunto de mediações, tecido complexo das relações humanas. A compreensão do ser humano só se dá por um ato investigativo interdisciplinar capaz de verificar cada uma das mediações que implicam a criança no mundo, em uma família, com seu corpo, seus pensamentos e suas emoções. Neste sentido, o método sartreano é heurístico e determina progressivamente a biografia, aprofundando a época, e a época aprofundando a biografia (Pinto *et al.*, 2020, p. 85).

São fundamentais para a pesquisa (auto)biográfica, segundo Abrahão (2010), o diálogo entre o campo subjetivo do sujeito, como mobiliza seus conhecimentos, a criação da sua identidade, na relação com o contexto social que está inserido. “[...] A história como uma totalização em curso é um processo em permanente construção pelos homens e pelas mulheres de cada época. Para compreender o tempo presente são eles, homens e mulheres, que precisamos estudar e conhecer” (Pinto *et al.*, 2020, p. 78). De acordo com Garcia (2021), tratando da obra de Jean Paul Sartre, *Questão de método*, “trata-se de uma perspectiva sociológica que compreende o sujeito em suas relações sociais e antropológicas, concebendo o fenômeno singular--universal como processo dialético” (Garcia, 2021, p. 28):

[...] a ideia de uma razão dialética única capaz de estar em contato com o movimento perpétuo de retotalização que caracteriza a história individual e coletiva em busca de seu sentido, em oposição a uma razão analítica e positivista que observa o humano do exterior sem levar em conta a interação entre o observador e o observado e que violenta a experiência, enquadrando-a às suas categorias preconcebidas (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 36). [...] Ao estudar e pesquisar as mediações e processos de sujeitos e grupos, demarcados numa época e campo de possibilidades, tecidos de diferentes formas, buscamos compreender a complexidade da formação humana, da transmissão e apropriação dos saberes, do desenvolvimento e constituição dos sujeitos e sociedade” (Pinto *et al.*, 2022, p. 91-92).

Ainda quanto à metodologia, são dois anos de registros das atividades de campo (Futebol Arte Brincante, Festivais, Movimentos por moradia, MST, Futebol

Cidadão, Escola de futebol Arte Brincante), mais de 10 mil fotos tiradas durante esse período, documentos institucionais do DECL-SeCartE UFSC, cujo relatos das atividades de campo compõem parte importante do texto, já com elaborações teóricas qualificadoras de determinadas temáticas que aparecem no cotidiano da atuação. Quanto à forma da escrita, optou-se pela forma de um ensaio acadêmico: “[...] A adoção de um tipo de abordagem, o ensaio, cuja característica é não se subordinar aos padrões de escrita standardizados e retificados pelos programas de pós-graduação” (Hollanda, 2025, p. 78).

Em face disso, postula-se que o ensaísmo, muito presente no pensamento social brasileiro entre as décadas 1930 e 1960, continua a produzir interpretações do Brasil. Estas, por sua vez, não devem ser vistas como simplesmente pré-científicas, ou de somenos importância para o campo de estudos esportivos. Uma das singularidades interpretativas do ensaio social é incluir o chamado estilo nacional de jogo, com ênfase em miradas totalizadoras e em sínteses generalizantes (Hollanda, 2025, p. 78).

Rola a bola

Foi num sábado incomum, como poucos outros. Acordei cedo e convidei a minha mãe, Rosane, que à época estava me visitando, para irmos à feira da Igreja de Pedra, pertinho de casa, é só subir a lomba da “kova” e a hora que chega no “asfalto”, vira à esquerda e anda um tantinho, não muita coisa, ali no bairro do Rio Tavares, no sul da ilha de Florianópolis. Comprar melão, mamão, banana, manga, laranja, maçã, batata, cebola, tomate, rúcula, agrião, alface e esse tanto de coisa que marca a nossa relação com a cultura, com o território, com o outro. Ainda que as diferenças regionais imponham algumas limitações, por exemplo, não é tão fácil encontrar pequi aqui, fruta nativa do cerrado, o coco que até cresce por essas bandas e que no Sergipe sai por um ou dois reais, aqui custa no mínimo seis, ainda assim disponível. Se o sujeito se esforça um tanto acaba encontrando, na minha segunda ida ao Pará experimentei suco de Cupuaçu e encantei-me com aquele bailado de sabores que a bebida branca e cremosa experiencia, algo que ficou entranhado nas minhas memórias gustativas mais preciosas. Toda vez que tomo numa casa de sucos que fica no centro da cidade é como se retornasse ao Pará, naquela parada inesperada numa banquinha do MST junto ao Assentamento 17 de abril, próximo da Curva do S, onde a história real da nossa população acontece. E lembro do gosto, lembro da venda, lembro da prosa, lembro da negociação de uma diária, 20 reais, lembro que o único questionamento era se o pagamento seria antecipado. Vinte reais a diária para o corte de cana. O

doce do suco e o amargo da realidade. Lembro, cupuaçu não me deixa esquecer, eu não quero me esquecer, o meu projeto de ser é não me esquecer.

Já no Uruguai é um lamento danado ir ao mercado, o que já impõe novas dificuldades. É aqui pertinho, digamos, menos da metade do caminho para ir até Belém. Mas é uma tristeza, as frutas, coitadas, parece que vieram de uma expiação de culpa, pouca variedade e preços exorbitantes. “Não tem comida de verdade”, diria para algum amigo numa conversa informal. Arroz e feijão, dupla de ataque, Bebeto e Romário (nasci em 1988), Marta e Cristiane.

A antropóloga Carmen Rial (2011) fala dessa experiência corporal que é migrar. Estes lugares que deixamos para trás, seus cheiros e gostos. Essa ideia de que a comida, a relação que estabelecemos com os alimentos, também compõe a nossa identidade (DaMatta, 1987), está associada aos nossos vínculos sociais. A feira é como se fosse esse lugar onde os Brasis encontram-se, reencontram-se, permitem-se, ampliam-se, uma espécie de elo, uma ponte, um verdadeiro patrimônio nacional, a feira. Dependendo do horário, a feira é uma loucura. Quando vou sozinho costumo chegar cedo, naquele período frequentado pela turma da “melhor idade”, logo na alvorada que é para começar bem o dia. Nesse dia chegamos um pouco mais tarde, algo como oito ou nove da manhã. Já estava aquele caos, ainda que gostoso. Há uma amenidade naquele fluxo de pessoas da feira que rompe com a pressa massacrante de uma ida a um atacadista, por exemplo. E por sinal, abriram uma sede de um desses estabelecimentos junto à feira, o que mudou drasticamente a rotina do bairro, da espacialidade do entorno. Sem consulta à população, daquela forma arbitrária típica que os donos dos meios de produção impõem ao todo. A cidade do Capital (Lefebvre, 1999).

Já na fila, aguardando para a pesagem e pagamento da compra, vi um desses “senhores” de costas, uma cabeça branca equilibrando um sem número de sacolas. Complacente, busquei uma caixa de feira disponível para servir de apoio/transporte, nessa ideia de não ser indiferente ao outro. Não havia notado, mas tratava-se do professor Paulo Ricardo do Canto Capela, meu professor na disciplina “Futsal Misto: iniciação” e que também participou da minha banca de defesa da monografia, meses antes. Reconhecemo-nos, nos abraçamos, o apresentei para a minha mãe e começamos um papo agradável sobre a vida, a potência dos encontros emocionados, esse tanto de coisa que temos em comum, inclusive a paixão pelo futebol. O professor

elogiou o meu trabalho, num daqueles elogios que toda mãe gosta de escutar sobre o filho. Fiquei feliz.

Eu havia recém me formado e ainda estava tateando horizontes, buscando inserir-me em algum projeto, dar continuidade à minha pesquisa. Fui bem elogiado também na banca de defesa, que recomendou a publicação em livro do material pesquisado e fiz desse retorno um estímulo, acreditando naquelas palavras. Por isso resolvi arriscar-me e brinquei com o professor, que havia há pouco sido indicado para a chefia do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da UFSC, se não havia alguma vaguinha disponível para mim. Essa conversa inocente, despretentiosa, rendeu frutos: virei bolsista voluntário do DECL e minha história junto aos futebóis do departamento começa dessa forma, em abril de 2023, antes mesmo de ingressar na pós-graduação. Encontrei no departamento, além do professor Capela, a professora Cristiane Ker de Melo, que também havia sido minha professora nas aulas de yoga. Estava em casa.

Há uma infinidade de reuniões e encontros a serem relatados desse processo todo, mas gostaria de começar a contar essa história a partir da história do Willian.

Fim de semana no parque

*Olha só aquele clube que da hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro
Ele apenas sonha através do muro*
Racionais MCs – Fim de semana no parque

Willian Souza Macedo, 25 anos, morador da comunidade da Serrinha e trabalhador terceirizado da universidade, era um dos responsáveis por cortar a grama do campo de futebol do Centro de Desportos da universidade. Num dia, conversando com o professor Capela, inquiriu-o: “professor, eu corto o gramado todas as semanas, mas nunca joguei nesse campo”. A provocação do Willian era a constatação de que as políticas universitárias e os projetos de extensão não dialogavam com o todo da comunidade acadêmica, principalmente com o elo mais vulnerável e fragilizado dessa relação: os trabalhadores sazonais, numa relação marcada por atravessadores, remunerações baixas e contratos temporários. Portanto, o “Futebol Arte-Brincante”, realizado durante os anos de 2023 e 2024, às sextas-feiras, das 18h30 às 20h00, e

que estava principiando naquele momento, organiza-se, também, a partir desse pedido, da constatação de uma demanda reprimida quase que naturalizada. Extensão universitária para quem, afinal?

A história do Willian confunde-se com a história do Brasil. Com a história do descaso, com a história da exploração da força de trabalho, com a história do inaccess, com a história da naturalização dos privilégios, essa concepção patrimonialista do Estado, sala de estar da burguesia e seus interesses particulares, mobilizando o público em favor de suas causas privadas. O Willian participou conosco desse momento inicial, quando formamos o primeiro grupo de participantes: o Thiago, seu irmão, sua prima Itamara, entregadora de aplicativo, o Rodrigo, o José, o Marcelo, o Maurício, todos imigrantes trabalhadores terceirizados da rouparia do Hospital Universitário. O Rodrigo é do Alagoas, assim como o Marcelo e seus primos Antony, Matheus e Tony, que também jogavam conosco. Já o Maurício é do Rio Grande do Sul e o José é de Pernambuco.

O Willian jogava bola de cabeça erguida, generoso no olhar, buscava os colegas na hora do passe, atento às intervenções que o professor Capela realizava. Esguio, carregava no corpo as marcas do trabalho bruto indigno, mil e quinhentos reais por mês, só de aluguel pagava setecentos, a conta não fechava. E mesmo cansado e com dores acumuladas das oito horas diárias do trabalho do roçado, precisava complementar o salário com outras fontes de renda. Numa dessas conversas, “no aquecimento das relações”, relatou que estava produzindo pipas para vender. Sempre muito solícito, numa das atividades levou um protótipo e deu de presente para o professor Giovanni Frizzo. Ficamos encantados.

O Willian aderiu ao grupo e a nossa parceria avançou para além do futebol: havia ficado responsável pela confecção das pipas que entregaríamos às crianças no “Festival Futebol e Pipa”, que estávamos planejando. Foram 100 unidades encomendadas, o que renderia algo em torno de 500 reais. Depois de um tempo, parou de responder as mensagens do Gustavo Martins, bolsista com quem estava em contato. Ficamos sem entender o que estava acontecendo, até que a Itamara nos informou que o Willian havia sido assassinado pelo padrasto, na porta de casa, esfaqueado e depois atropelado após uma discussão entre os dois (Meyer, 2023). Então, de alguma forma, esse trabalho, essa pesquisa, é também uma homenagem ao Willian Souza Macedo, que mesmo cansado depois da rotina extenuante do cotidiano de um trabalhador braçal, compartilhava conosco a esperança de uma vida

plena, divertida, coletiva, brincante e lúdica. De uma universidade popular, de uma Universidade Necessária (Ribeiro, 1978).

3.1. ARTE BRINCANTE NO FESTIVAL INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL

“Periferia é periferia em qualquer lugar”¹³. Como sobreviver no inferno? Um sonho, um desejo, uma vontade, uma inquietação. Uma bola, um campo, dois times, dois jogos de camisa, uma partida. Bem-vindos à cidade de Florianópolis, alvo fácil da especulação imobiliária, medalha de bronze entre as capitais no preço da cesta básica (Cruz, 2024), medalha de prata quando se trata do preço médio para o aluguel de uma moradia (Fontana, 2024). Moradia... Necessidade básica, direito constitucional.

O bairro Campeche, menina dos olhos da nossa elite reacionária, alvo de um plano diretor (Bottamedi, 2023) funesto que expandiu o limite permitido para construções prediais, algo como oito andares (podendo chegar a doze) disponíveis numa região onde o acesso se dá por apenas uma via “vai e vem” de três pistas de rolamento, nenhuma de acostamento e uma quase nulidade de calçadas (vulgo SC-405) que disputam espaço com uma ciclovía proibida para menores. Quem lê até se espanta. Três pistas, quantas que vai, quantas que vem? Dependendo do horário são duas que vem, em outros momentos são duas que vai. Desse jeito mesmo, confuso até umas horas, quem optar em seguir pela ciclovía pode aperfeiçoar suas habilidades de Mountain Bike, desviando das trilhas de areia e dos buracos, dos carros estacionados, dos caminhões atravessados e testando sua capacidade de reflexo em todo cruzamento sem sinalização. Acessar algum dos portais de teletransporte quando se chega em alguma encruzilhada, elevado, viaduto, passar pelo teste de desapego à vida em cada ultrapassagem irresponsável de motoristas apressados para chegar ao trabalho.

¹³ Em referência à música *Periferia é periferia (em qualquer lugar)*, da banda Os Racionais MC's (1997) e que compõe o álbum *Sobrevivendo no inferno*.

Fotografia 1 — Ciclovia da SC-405 – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2020).

Trabalho...Terceirização, precarização, superexploração. Necessidades, sobrevivência, chamem como for, aquilo que impõe para muitos trabalhadores um movimento migratório de buscar encontrar em outros lugares os meios necessários para continuar vivendo. Realidade que Cândido Portinari já retratava há 80 anos atrás¹⁴. E a gente aqui, vendendo o almoço para comprar a janta em pleno século XXI e todo aquele papo de deixar o bolo crescer para depois repartir, que de fato cresceu, mas que ninguém repartiu. Papo...

Direito à cidade, direito ao lazer. Vejam só, se a opção do amigo leitor fosse em chegar ao festival de ônibus, uma coisa era certa: a baldeação. Para aqueles que vêm do centro da cidade, a opção é pelo 410 (TIRIO/TICEN Direto) até o terminal do Rio Tavares (vulgo TIRIO), pegar o 462 (Campeche), descer na Avenida do Campeche e subir a pé pela Rua Pau de Canela. Quem estiver vindo das bandas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) precisa pegar o 847 (TIRIO/TITRI via UFSC) e depois no terminal a mesma opção pelo 462. Quem estiver vindo do continente o caminho é mais longo, algum alimentador até o TICEN (terminal do centro) e segue o roteiro das linhas acima indicadas. E assim vai dependendo do

¹⁴ Em referência ao quadro *Retirantes* (Portinari, 1944).

trajeto três ou quatro “latões”, dependendo do dia e do horário, só resta a lamentação. As características funcionais que servem aos interesses do Capital quando o transporte público se trata de uma ferramenta a serviço do lucro e operado de forma privada e monopolista. A cidade operando em função do seu valor de troca (Lefebvre, 2001).

Pois como o amigo leitor já deve ter notado acima, o Festival InterPeriferias do futebol, parte da programação do II Encontro Internacional sobre Esporte, Cultura e Formação que ocorreu na cidade de Florianópolis entre os dias 15 a 19 de julho de 2023, foi realizado na Sociedade Esportiva Recreativa Campinas, localizada na Rua Pau de Canela 1847, no bairro do Campeche. O SER Campinas, que em 2025 comemora 70 anos de existência, é um espaço que dialoga com a história da região, clube fundado por famílias nativas de pescadores, construído por suas próprias mãos: tijolo por tijolo, alambrado por alambrado. Um espaço de resistência frente a descaracterização do bairro. “É neste contato que o anonimato característico das cidades grandes se desfaz e as pessoas organizam a sua vida social” (Zaluar, 1994, p. 64).

Quando pensamos na realização de um festival de caráter popular, nenhuma destas discussões é secundária. Chegar, permanecer, ser bem recebido. O pertencimento só se efetiva na medida em que a participação é garantida. Para garantir a presença da nossa delegação no festival optamos pelo serviço de aplicativo Uber, pagos com recursos próprios. Na volta conseguimos carona com o “busão” do pessoal da UFPel, num destes movimentos que os festivais permitem: entrosar-se, conhecer o outro, conviver, harmonizar, aproximar.

E quem era a nossa delegação, afinal? Nosso coletivo é oriundo do “Futebol Arte Brincante”, projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), promovido pelo Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) e que ocorre semanalmente no Centro de Desportos (CDS) da mesma universidade. As “Escolas de Futebol para crianças, jovens e adultos não atletas” baseiam-se na concepção pedagógica “Libertadora-Biocêntrica”, em outras palavras, grupos que geram vida e que buscam incluir. É também um movimento de reconexão daqueles que deixaram de praticar atividades esportivas ao longo da vida por não conseguirem se adequar, atender às expectativas exigidas. Para isso, buscamos encontrar um ritmo próprio para cada grupo, bolando estratégias e pactuando formas de jogar que

não excluam, como por exemplo não desarmar o companheiro/adversário enquanto ele está com a bola, evitar chutes fortes e pautar este trato pedagógico a partir do lúdico, sendo a poesia uma das estratégias utilizadas para reafirmar nossos compromissos coletivos, um colega que realiza um lance plástico indicando outro para trazer um poema na próxima atividade, outro que realizou um desarme e que, lembrado pelo próprio grupo, terá que trazer e ler para a turma um escrito que considera relevante (Capela, 2021).

Impedir alguém ou uma classe de pessoas de dispor do lazer é impedir que percorra os caminhos da aquisição da cultura e da sabedoria, e também do prazer em criar, do gosto pelo que é gratuito ou desinteressado. Quando se chama a população de baixa renda pelo nome de classes trabalhadoras, tem-se em mente essa limitação da qual sofrem os que não têm outra fonte de renda que não a sua capacidade de trabalhar. Ter que trabalhar, uma realidade tão presente na fala dos pobres, é o limite dessa aspiração de todo ser humano: o direito ao tempo livre que é o lazer e no qual se desenvolve a imaginação e a capacidade de criar, que não prejudica o próximo e ajuda a desenvolver as trocas mútuas entre diferentes culturas e grupos sociais (Zaluar, 1994, p. 60).

Esse grupo é composto por trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da UFSC, por moradoras e moradores da comunidade (Serrinha), por estudantes e professores. Formado por mulheres, homens, crianças, jovens e adultos, estudantes indígenas que moram na universidade, trabalhadores migrantes (Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Alagoas) e por aí vai. Ou seja, é um grupo plural, diverso e que visa contemplar a miscelânea universitária e sua relação com o território, seu entorno. Promove, sobretudo, um movimento de diálogo entre professores, terceirizados, bolsistas e alunos a partir do futebol, uma “[...] representação do esporte como agente da socialização e do alargamento das redes de sociabilidade” (Zaluar, 1994, p. 64)

Pois bem, nossa partida foi disputada contra o time da Associação Recreativa Cultural e Esportiva Bangu, clube amador do Rio Tavares, bairro vizinho ao Campeche. Antes de mais nada gostaria de pontuar que esse nome só me traz boas lembranças, afinal como torcedor do Coritiba não poderia deixar de lembrar que foi contra o homônimo famoso, o Bangu do Rio de Janeiro, que fomos campeões brasileiro, em 1985. E como o texto caminhou para esse lugar, também destacar que já joguei algumas vezes no campo do Bangu e também fui sócio do Campinas por mais de dois anos, jogando amistosos e a “coisarada” toda. Nessa nossa participação pude reencontrar amigos dessa fase gloriosa da minha vida, afinal jogar “campeão” era

um sonho de infância. Numa dessas conversas, com Jadir,¹⁵ ele me mostrou que devido a construção de um prédio, na lateral do campo, os dois refletores tombaram devido a erosão gerada, além da dimensão do campo ter sido reduzida em função disso, o campo está literalmente caindo. Lembram da discussão do plano diretor do começo do texto? Aqui ele se traduz perfeitamente...

Voltando ao jogo, depois de assistirmos a partida entre o time da casa, o Campinas, e um conglomerado uruguaio que também participava do encontro, finalmente nos dirigimos ao vestiário para o fardamento habitual. É engraçado como, independente do tanto de vezes que o sujeito já tenha jogado, aquele frio na barriga sempre acompanha esse movimento de preparar-se para a partida. Ainda que eu sequer estivesse planejando jogar, afinal estava tirando as fotos da nossa participação no festival.

Fotografia 2 — Vestiário – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Depois de “fardados” para o jogo, aguardamos o final da partida que antecedeu a nossa, aquecemos, aquela brincadeira gostosa de ficar trocando passes, fazendo corridinha curta, alguns ajustes de posicionamento, quem joga onde, quem faz o que, e fomos para o jogo! Não antes de tirar aquela foto coletiva com o pessoal do Bangu

¹⁵ Atleta e associado ao SER Campinas. Nativo da comunidade, das famílias tradicionais do bairro.

que é para daqui algumas décadas mostrar para os netos e rememorar este momento formidável. Muita história para contar.

Fotografia 3 — Os dois times reunidos – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Nosso time também contou com a participação do pessoal da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), alunos e professores que vieram participar do festival. Professor Luis Rigo da ESEF, Paulo Gaiger do Centro de Artes, Claudio Moreira ex-comandante do Choque da Brigada Militar e dois estudantes, Marcelo Terra e a nossa goleira Helen Strelow. Do nosso grupo, o “Arte Brincante”, destacamos a presença dos trabalhadores terceirizados do Hospital Universitário: Rodrigo, José, Ciro e Maurício. Dos alunos e bolsistas da UFSC: Luíza e Caetano (Filosofia); Pedro (Jornalismo) e Gabriel (Programa de Pós-Graduação em Educação); também contamos com a presença do professor Paulo Capela e professora Cristiane Ker, diretores do DECL e por fim, e não menos importante, da Itamara, trabalhadora de aplicativo e moradora da Serrinha.

Fotografia 4 — Rodrigo aquecendo – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Fotografia 5 — Luíza desarmando o adversário – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Fotografia 6 — Itamara – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Fotografia 7 — Pedro – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

O resultado da partida? O resultado da partida pouco importa, fontes mal-informadas do sul da ilha juram que o Bangu venceu, mas eu só consigo lembrar do pênalti que defendi.

Migrar para outra cidade é como desenraizar (Basso, 2013). A escolha que impõe deixar para trás os laços forjados na infância e juventude nunca é uma decisão

fácil, ainda que seja, de fato, uma escolha. Num mundo marcado pela pressa e pelos números, onde a realização se dá através dos resultados financeiros, do acúmulo desigual gerado a partir da concentração de renda, o tempo improdutivo de uma pelada compartilhada com tantos camaradas e amigos, não pode simplesmente ser medido numa tabela cheia de rabiscos e afins, acorde mais cedo, durma mais tarde, não pare para almoçar, não tenha tempo para a família, não cultive amizades, não seja feliz e não morra. Não dá. Encontrar, compartilhar, viver a cidade, ser bem recebido, aproximar-se do outro, reduzir as distâncias, trata-se daquilo que a gente não pode abrir mão. Dançar, confraternizar, escutar e ser escutado, reconhecer e ser reconhecido. O intercâmbio, a troca. O futebol enquanto espaço de sociabilização que nos permite dialogar com a cidade, com o outro, consigo; que nos possibilita a reflexão, o experienciar, uma prosa atoa que desarma as supostas diferenças e aproxima a partir do lúdico, daquilo que temos em comum. O futebol popular naquilo que tem de autêntico e real (Wisnik, 2008; Spaggiari; Ribeiro, 2024). Tudo aquilo que o InterPeriferias propõe nas suas andanças pelo mundo. Avante!

3.2. ESCOLA DE FUTEBOL ARTE BRINCANTE

No final do ano de 2023.2 combinamos, o pessoal da disciplina de *Tópicos Especiais em Trabalho e Questão Social*, de fazer um churrasco para celebrarmos o encerramento do semestre. O Germano, colega nosso do doutorado em Serviço Social, sugeriu um bar na subida da Serrinha e fomos para lá após a aula derradeira das atividades. Foi todo o pessoal: o Pablo, a Duda, o Nilso, a Dani, até o Ricardo, professor da disciplina, participou. Esses momentos são bastante significativos, ficam marcados na nossa memória. Estávamos lá, bebericando, comendo um assado, jogando conversa fora. Tava ali, de bobeira, no beiral do bar que era mais alto do que a rua, quando vejo um grupo de moleques subindo e identifiquei todos eles: era a piazada da comunidade e que eu já conhecia, o Bryan, o Calebi, o Caio, o Igor, o Pietro, o Matheus, e que treinavam num dos projetos que apoiávamos à época, o “Bola Mágica”. O projeto era conduzido pelos bolsistas do nosso departamento, Raone, Victor e Renan, e coordenado pelo Belmonte, ex-jogador profissional, muito querido e respeitado na comunidade. O Belmonte jogou bastante tempo no Avaí e chegou a trabalhar nas divisões de base do clube. Lembro até hoje do sorriso malicioso que o Pietro deu quando me reconheceu, imagino que naquele milésimo de

segundo o plano já estava arquitetado: iria me “manguear”¹⁶ uma “dois litros”, aquela bomba de açúcar chamada refrigerante. “Ô professor, racha um refri pra gente”. Falei que sim e todos entraram animados no bar. Entraram causando, efeito placebo, vai saber, parecia que já tinham até bebido aquele tanto de açúcar concentrado que deixa a gente a milhão. Fui com eles ao balcão e lhes dei o direito de escolherem qual quisessem. Foi uma resenha danada, um queria Pureza, refrigerante local de guaraná, outro queria uma Coca, e a indecisão reinou por longos minutos, outros queriam avançar no acordo, inserir novos itens, e reafirmei os termos concordados anteriormente: “é uma dois litros e só, nada de chocolate ou outras coisas”. O dono do bar me ajudou na tarefa, deu um esporro na piazada dizendo que “já tão ganhando de graça e ainda querem reclamar”. Refrigerante escolhido, a bomba de açúcar de guaraná, a famigerada Pureza foi a vencedora do pleito, não sem reclamação de parte do eleitorado que preferiria ter escolhido o símbolo do capitalismo estadunidense, a mundialmente conhecida Coca-Cola. Nos despedimos e eles seguiram a caminhada íngreme rumo às suas casas, ou rumo ao campinho da praça, vai saber. Nessa idade não há nada mais importante do que jogar uma bola.

Fotografia 8 — Educador Social Belmonte conversando com a piazada – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

¹⁶ O “mangueio” é uma expressão comumente utilizada por artistas de rua, artesãos, poetas, escritores, e refere-se ao ato de pedir dinheiro em troca de um artesanato, um poema, um truque de mágica.

Aos sábados o Edilson, treinador do “Real Serrinha”, escolinha de futebol que também utiliza o espaço do NIMPE, conduz suas atividades. O Edilson é educador social voluntário, antigo morador da Serrinha. Atualmente mora no Campeche, mas mesmo assim permanece vinculado ao projeto. O Edilson é realmente uma pessoa admirável e trata as crianças e os jovens com muito carinho e atenção, um verdadeiro exemplo de liderança comunitária. A atividade que ocorria às terças e quintas, anteriormente, foi realocada para os sábados por uma questão de infraestrutura: os refletores não estavam funcionando e eles tiveram que migrar para o final de semana. O treino começa cedo: às nove da manhã a primeira turma já está em campo. Eu sempre penso sobre isso: que tipo de atividade tira uma criança da cama de forma voluntária sete, oito horas da matina, num dos únicos dias que ela pode dormir até mais tarde. O futebol é produtor de presença e a escolha é de quem está indo, não se trata de uma decisão arbitrária, imposta pelo ECA, fiscalizada pelo conselho tutelar. Nada disso, é uma escolha dos jovens, o direito de protagonizar suas próprias decisões. Um exercício de autonomia (Freire, 2022). Ainda que a liberdade seja condicionada pela realidade, por uma estrutura determinante, as escolhas que tomamos diante das condições dadas nos definem. Um projeto de ser. Um corpo e uma consciência em relação com o mundo, a história como algo aberto, em curso, a possibilidade de reinventar-se a partir de uma práxis engajada, que é processo, movimento (Sartre, 2017).

Nossa primeira atividade em comum com o pessoal do “Real Serrinha” foi um churrasco que promovemos para a criançada e familiares e que o Capela apelidou de “e vejo flores em você”.¹⁷ Era dia das mães e ele fez uma ponte com um amigo floricultor que doou dezenas de vasos de flores para que fossem distribuídas para os alunos do projeto e eles pudessem, dessa forma, presentear suas mães quando chegassem em casa. Eram vasos muito bonitos. Além disso, também havia uma caixa de chocolate, daqueles sortidos, para cada um deles. A criançada ficou “louca”, foi um momento de celebração. Fiquei responsável pela condução da churrasqueira e não é pouca coisa assar dez quilos de linguiça de forma simultânea. Fiz o seguinte: na grelha, espetei as linguiças, por pacotes, com palitos de madeira, para que facilitasse a minha vida na hora que fosse virar. Contava também com espetos e fui

17 Em referência à música *Flores em você*, da banda Ira! (2009).

bailando com o fogo, hora mais forte num dos lados, realocando de acordo com o ponto. A intenção era que tudo ficasse pronto ao mesmo tempo, sabe como é, a criançada tem apetite e seria frustrante parte delas ter que esperar uma segunda rodada. E não eram poucas, algo como cinquenta crianças e jovens. Fui ajudado pela Paola, pelo Dinei, pelo Paulo, pais dos jovens participantes e moradores da Serrinha. Eles me ajudaram cortando as linguças ao meio, para render, e montando os pães, passando a maionese e servindo a “pirraçada”, que formou uma fila. Fiquei um pouco receoso que faltasse, é difícil calcular quanto é suficiente, e se for para errar no cálculo que seja para mais, mas também havia uma questão de espaço: utilizei a churrasqueira no seu limite.

Deu tudo certo, ao final do churrasco a criançada formou uma nova fila, agora para receberem as flores e as caixas de chocolate, distribuídas pelo Capela e pelo Edilson. Foi literalmente uma festa, uma celebração das mais bonitas que participei na vida. Esses momentos são bastante especiais e nos acompanham para sempre, nunca saem da memória. O lugar do encontro, o lugar do direito à cidade, o lugar do protagonismo, o lugar da alegria, do riso, do compartilhar, o lugar da realização. “Práticas que evidenciam a importância de uma compreensão mais abrangente do futebol como fato social, um fenômeno que se desenrola para muito além do espetáculo” (Spaggiari; Ribeiro, 2024, p. 27).

Fotografia 9 — Distribuição de flores e caixas de chocolate para a criançada – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Na retomada das atividades, já em 2024, o Edilson seguiu a sua autonomia e a nossa parceria com o Belmonte findou, passamos a atuar de forma independente. Éramos agora quatro bolsistas da graduação, o Victor e o Renan, do bacharelado, e o Raone e o Gustavo, da licenciatura, todos do curso de Educação Física; e eu, bolsista da pós-graduação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Além do professor Paulo Capela, diretor do departamento e coordenador dos futebóis do NIMPE. Minha função havia avançado, naquele primeiro momento estava fazendo um pouco de tudo, acompanhava os bolsistas nas atividades, principalmente o Victor, e dava-lhes algum apoio, na medida do possível. Agora estava responsável pela supervisão e revisão teórica dos conteúdos, podendo, dessa forma, aportar um pouco da minha pesquisa da monografia, “Futebol: o substrato da bola e o submundo do jogo” (Caldart, 2022), estava animado com a possibilidade de compartilhar o acúmulo de anos de leitura.

No planejamento do semestre, os meninos precisavam trabalhar um plano de aulas, no mínimo oito atividades planejadas com antecedência. Estávamos lendo o livro do professor João Batista Freire, *Pedagogia do Futebol* (2006). Foram inúmeras as reuniões que tivemos e confesso que não sou nada fã de reuniões, apesar de entender a necessidade desse momento de planejamento (quais os objetivos, metodologia, como inserir os conteúdos educacionais durante as aulas, a estrutura do tempo pedagógico de cada atividade, criar estratégias distintas para trabalhar grupos diversos) e, posteriormente, de avaliação das atividades (onde teve falhas, o que pode ser melhorado, quais as características de cada turma, de cada participante). Criamos um grupo de estudos às quintas-feiras, no horário do almoço. Iniciamos com a leitura do livro do professor João Batista e na sequência cada um ficou responsável por escrever uma resenha de algum livro relacionado ao futebol que chamasse sua atenção e compartilhar com o grupo. O Capela se empolga e a cada encontro recita um discurso que até Fidel Castro ficaria impressionado, é muito bonito quando nos deparamos com alguém que ama a sua causa.

Decidimos divulgar as nossas atividades nas escolas da região, no Colégio de Aplicação, localizado na UFSC, e na Escola Básica Municipal José Jacinto Cardoso, que fica na subida da Serrinha. Seria uma oportunidade, também, de os nossos bolsistas conhecerem um pouco do território e da realidade das crianças e dos jovens. Ou seja, buscar conhecer os participantes do projeto em sua totalidade, saber dialogar com suas origens (Freire, 2022). Produzimos um material para divulgar o

nosso projeto, a “Escola de futebol para crianças e jovens não atletas”, um folheto explicando os dias das atividades, convidando-os a participar e como se daria as inscrições, de forma presencial no espaço do NIMPE. Optamos pelas inscrições presenciais por entender que parte dos responsáveis poderia não ter tanta familiaridade com formulários online, que impõem algum conhecimento prévio das tecnologias. Não queríamos que essa possibilidade impedisse a participação de ninguém. A Cristiane Ker, professora do curso de Educação Física e também vinculada ao departamento, nossa “chefe”, deu uma bronca na gente quando viu que estávamos cortando, com uma régua, os folhetos, quatro por cada folha A4. Eu ri porque realmente foi uma trabalhadeira danada completamente desnecessária, um pedido simples para o pessoal do xerox resolveria a situação em segundos: “será que é possível cortar para a gente”? Eles têm uma máquina, a guilhotina, feita justamente para isso. Sempre aprendendo com os erros e rindo da própria ignorância, a sisudez não leva a lugar nenhum.

Pois bem, passamos em todas as salas dos anos correspondentes ao nosso público-alvo, dos nove aos 14 anos. Na EBM José Jacinto Cardoso reencontramos diversos jovens que haviam participado das atividades no ano anterior, foi muito bonito ser reconhecido por eles. Estive presente nas duas incursões, acompanhando os bolsistas, incentivando-os para que fizessem as falas convocatórias em sala de aula. Alguns deles irão se tornar professores no futuro e essas experiências certamente os auxiliarão no exercício da docência. O que me chamou bastante atenção nessas idas às escolas foi a diferença de estrutura das mesmas e o perfil socioeconômico dos jovens de ambas. Apesar do ingresso no Colégio de Aplicação ser por sorteio, parece-me óbvio que nem toda a população tem acesso a essa informação, uma demanda reprimida que expõe a disparidade de classe no acesso a estes espaços. Estudava numa escola semelhante, o Colégio Estadual do Paraná, e o ingresso se dava a partir de um processo seletivo. Eu acabei não passando na prova e tive que estudar no noturno. Essa ideia de “escola modelo” reforça a desigualdade estrutural e foge à concepção de equidade na oferta do direito à educação. Trata-se de financiamento, sobretudo. É como exigir comprovante de endereço da região para acessar o postinho de saúde dos bairros nobres. É criar entraves e/ou naturalizar a desinformação, ainda que o sistema de sorteio busque romper com essa falsa ideia de meritocracia dos processos seletivos. Algo a se pensar.

Fotografia 10 — Bolsistas do departamento em visita à Escola Básica Municipal José Jacinto Cardoso – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

A ideia inicial era que se formassem duas turmas no matutino e duas turmas no vespertino. A primeira dos nove aos 11 anos e a segunda dos 12 aos 14 anos. Sendo o Raone e o Gustavo responsáveis pelas turmas da manhã e o Victor e o Renan responsáveis pelas turmas da tarde. O Victor acabou se desligando do projeto e o Renan acabou assumindo sozinho as turmas vespertinas, que eram as que tinham maior adesão. Nas turmas matutinas, com poucas pessoas, o horário foi unificado. Havia alguns jovens imigrantes da Venezuela, um jovem com síndrome de Down, o Eliseo, que ia acompanhado de sua avó e de seu irmão menor, o Benjamin. Insistimos bastante na consolidação dessa turma, mas isso nunca se concretizou. Já as turmas da tarde contavam com bastante adesão nos dois horários, a maioria dos jovens já havia jogado conosco no ano anterior e continuaram participando do projeto, agora batizado de “Arte Brincante”. O Renan pagou um dobrado nesse período, com a saída do Victor, ficou sozinho. Ele é um jovem muito talentoso e que detém familiaridade com o futebol, é natural do Rio Grande do Sul e é torcedor do Internacional, time do meu avô.

Algo que me inquieta quando penso o ensino de futebol é como acessar as outras crianças, aquelas que não frequentam as nossas atividades, e, sobretudo, promover o acesso, chegar realmente nelas. Pensar gênero, a competitividade exacerbada que exclui. Segundo a antropóloga Mariane Pisani, pesquisadora do futebol de mulheres, os marcadores sociais da diferença são “[...] características dos indivíduos que podem ser traduzidas através das categorias de raça, gênero, sexualidade, classe, geração, entre outras, quando essas categorias afetam as formas de distinção e poder entre os sujeitos na interação social [...]” (Pisani, 2018, p. 119).

De acordo com Silvana Goellner (2006), a prática de futebol por mulheres “[...] desde seu início, essa participação representou uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade” (Goellner, 2006, p. 2). Os quase 40 anos de proibição oficial da prática do futebol por mulheres (1941 até 1979), a hipersexualização dos corpos femininos na década de 1990, a gênese masculina do esporte no país, a produção bibliográfica que “[...] reconstitui a história social desse esporte sobre a perspectiva dos homens [...]” (Pisani, 2018, p. 121), marginaliza o acesso das mulheres aos espaços de lazer futebolísticos, “[...] na “Pátria das Chuteiras”, as mulheres não têm vez. Estão nas zonas de sombra ainda que há muito protagonizem histórias que construíram e estruturaram o futebol desse país” (Goellner, 2006, p. 06). Segundo Simoni Guedes (2009), a predominância de uma posição espectadora muda.

Ponderei a necessidade de termos uma bolsista mulher nos nossos projetos, quando a Taysa chegou ao nosso departamento defendi que ela atuasse conosco, mas ela estava alocada em outro setor. Poderia representar a construção de redes de sociabilidade, apoio, solidariedade e afetividade diversas (Pisani, 2018). Foi uma pena, poderia ter indicado um avanço nesse sentido, quem sabe até constituir uma turma somente de mulheres. Penso que esse é um caminho necessário, a representatividade quase nula de mulheres nos nossos projetos dos futebóis não pode ser aceita dessa forma, dando as mesmas respostas ineficazes, ou melhor, que queimam etapas. “[...] A busca por visibilidade desses grupos ainda esbarra em situações que perpetuam ações que reincidentem sobre continuidade de um “gênero da bola”, associado ao futebol como domínio exclusivo dos homens [...]” (Almeida *et al.*, 2024, p. 212).

É necessário esse primeiro movimento, sair da inércia da não participação, redes de convites, um espaço seguro, convidativo, não violento, protagonizado por mulheres. Também nesse sentido, como é possível quebrar a lógica competitiva que permeia a prática e tornar o futebol um espaço de ludicidade, de brincadeiras. Penso que o caminho é esse, um grupo que gera vida e que visa aproximar os participantes, gerar sentimentos de afeto a partir da coletividade. Encontrar um ritmo próprio do grupo, onde os jovens se realizam não somente com as suas jogadas individuais, mas que também exista satisfação em enxergar o colega no seu processo evolutivo, independente se está no seu time, e dessa forma, o resultado pouco importa, a contagem de gols deixa de ser a finalidade única da prática. É um desafio enorme romper com essa cultura resultadista, imediatista, sectária. Aliás, vivemos num sistema que nos vende a ideia de uma individualidade exacerbada, um culto ególatra que sufoca o pensar coletivo. Mas é para isso que nos capacitamos, confrontar o estabelecido e apresentar novas formas de se relacionar com a modalidade. Como diria o Capela, educador de base freireana: “saber olhar a cultura do outro não é fazer para eles, é fazer com eles” (Capela, 2024). Uma relação dialética, pactuar com os alunos a dinâmica a ser aplicada durante o semestre, a educação esportiva é o prazer de jogar que foge da sobrepujança e das comparações objetivas. O esporte precisa ser pensado de forma ampliada, ensinar a pensar de forma coletiva: o horizonte da firmeza educacional (Kunz, 1994; Capela, 2024).

Nos mutirões que realizamos cada um de nós aprende com o cuidado. Cuidado com o espaço, cuidado com o coletivo. O trabalho organiza as pessoas, cria vínculos, nos une, atua enquanto princípio educativo e nos gera pertencimento. “Aqui não há noção de comunidade política de cidadãos à qual todos se submetem, mas da qual todos participam dividindo benefícios e responsabilidades [...]” (Zaluar, 1994, p. 186). Nada vem de graça quando se trata da classe trabalhadora e seus filhos, aquele espaço é nosso e essa compreensão, quando atingida, potencializa a relação, a torna maior, orgânica, não é mais necessário dizer para jogar o descarte na lixeira, é um ato de cuidado que vai se entranhando e torna-se um hábito. Professor é quem ensina aquilo que falta, sempre a favor da criança. É importante que se pergunte: de onde vem a negligência que se expressa no descuido? É necessário criar hipóteses, investigar as causas (Freire, 2022; Capela, 2024).

Fotografia 11 — Amistoso contra o AJAX I – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Saber chegar e saber receber, todo processo é educacional. Os meninos estavam animados, eles tinham um amistoso marcado contra o pessoal do Ajax. Amistoso... Final de Copa do Mundo, meu amigo. Amistoso... Isso é memória que acompanha pro resto da vida, aquele fiozinho de esperança condutor de felicidade, a história contada para o neto do dia que avô marcou um golão contra o time do outro bairro, com jogo de camisa e tudo. Do Avaí, igualzinho os que os meninos da base do clube utilizam. Isso né pouca coisa, é combustível existencial. Já comentei que eles estavam animados? Mil escalações, quem joga aonde, quem faz o que, correria, frenesi, loucura. Frio na barriga, duas partidas. Os “menó” e os “maió”. O jogo é sempre aquela correria clássica, no final das contas numa hora dessas é todo mundo contra a bola. Risos. O resultado nunca importa, ou não deveria importar. Para eles importa, eu sei. Mas há vida do outro lado, também. Piaçada gente boa do Ajax, tirei um monte de fotos deles e depois enviei para o professor Marinho, treinador do time. As fotos ficaram muito bonitas. A vida é bonita nos intervalos da rotina.

Fotografia 12 — Amistoso contra o AJAX II – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

O desejo de muitos desses jovens é jogar profissionalmente. “Quanto mais pobre o aluno, mais forte o sonho [...]” (Zaluar, 1994, p. 90). O futebol para esses meninos não é uma forma de fugir da realidade, ele é a própria realidade (Wisnik, 2008). O maior sonho, talvez, o único sonho possível, aquilo que se dá acessível ao imaginário e que une a gratuidade da presença com o exemplo de sucesso de alguém parecido com ele, que veio de um lugar parecido com o dele. Esses jovens não sabem, mas o futebol espetacularizado não é uma possibilidade real, concreta. Um circuito extremamente seletivo que barra de antemão (Damo, 2005). Algo como entre 10 a 15 mil postos de trabalhos no país, 80% deles recebendo até três salários mínimos (Soares, 2011). Muito distante do paraíso imaginado. Isso sem falar nas 5.600 horas investidas na formação nas categorias de base de algum clube, num cenário onde 80% dos jovens institucionalizados não irão profissionalizar-se (Damo, 2005). Num contexto onde o jovem institucionalizado privilegia a formação profissional em detrimento da formação escolar, num universo onde a centralidade da família é determinante para o prosseguimento da carreira, seu ponto de apoio fundamental (Soares, 2011). Questões básicas: transporte, alimentação, material esportivo. Nesse cenário, o bilhete de ascensão social, a suposta mobilidade permitida pela carreira futebolística, é também condicionada. “Uma questão, portanto, que acaba se resumindo numa estratégia familiar de investimento da força de trabalho na trajetória de ascensão social de um de seus membros” (Zaluar, 1994, p. 94). O menininho que

corre comemorando e sonhando com seus dias de glória não sabe disso, espero que nunca saiba. Esses dias um amigo, pra lá dos 40 anos, disse que poderia ser jogador profissional. Fiquei rindo.

Fotografia 13 — Ajeitando a bola para cobrar o escanteio – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Noutro dia, 2/10/2023, convidamos o pessoal para assistir a peça de teatro do Pequeno Príncipe, no auditório Garapuvu do Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Marcamos de encontrá-los no espaço do NIMPE e fomos caminhando pela universidade até lá. Na ida fomos conversando com os jovens, a maioria deles nunca tinha entrado na UFSC e fomos apresentando os centros: “esse é o Centro Socioeconômico, aqui estuda quem cursa Serviço Social, Economia, Administração”. “O que a gente passou primeiro é o Centro de Ciências Jurídicas, ali é o pessoal do Direito. Vocês sabiam que a UFSC é uma universidade pública, que ninguém paga para estudar aqui? Inclusive, muitos alunos chegam a receber para estudar e isso se chama política de permanência, que é um dinheiro que você recebe para conseguir se manter e não precisar trabalhar”. A gente foi proseando com o pessoal e na volta combinamos um lanche na lanchonete do Centro de Comunicação e Expressão, eles ficaram animados com a ideia do lanche. Seguimos em frente. Estava uma bagunça na entrada do auditório, havia diversas excursões de inúmeras escolas e achei aquilo um barato, nos juntamos à fila e esperamos a nossa vez para entrar. Não éramos muitos, o pessoal não aderiu a ideia. As meninas, que são minoria no nosso projeto, eram a maioria naquele dia. Três meninas e dois meninos. E um deles, o Igor, foi para

acompanhar a irmã, a Alice. Insisti bastante durante a semana, fiz convites diários para as crianças e os responsáveis no grupo do projeto. Que era gratuito, que iríamos acompanhar, que teria lanche. Pois bem, finalmente entramos e nos direcionamos para o lado direito do auditório, um pouco distantes e esse foi o nosso erro. O microfone não estava dando conta da gritaria generalizada que é reunir 500 crianças num mesmo espaço. Tava chegando nada de som. Mas foi bonito de toda forma, fico encantado com criança, com bagunça, com diversão, com a vida pulsando, explodindo, revirando-se, andando pra lá e pra cá, fazendo arte, arrumando confusão, burburinho contínuo, furdunço em qualquer lugar, carnaval de salão, vida boa coletiva. A criançada tirou as fotos com os atores ao final do espetáculo, fomos comer uns “trem”, cada um calculou estrategicamente a sua cota: um pastel, um refri e um doce. Algo assim. Que o pessoal da área nutricional nunca veja esse trabalho.

Também organizamos um festival para a gurizada e as famílias. “A preocupação com a educação não deve se concentrar apenas na criança, mas nas crianças e nos pais para não haver dicotomia... As gincanas, os torneios e os mutirões locais para fazer a área de lazer são empreendimentos de todos” (Zaluar, 1994, p. 55). Fiquei encarregado das fotos nesse dia, o Capela assumiu a churrasqueira, o Gustavo e o Raone conduziram as atividades, o Renan recebeu as famílias e o Lucas, morador da moradia estudantil que foi conversar com o professor Capela, nos ajudou bastante, tanto na hora de servir as crianças, também na logística do churrasco. Foi um grande parceiro. Nos conhecemos nesse dia e nos tornamos amigos, ele é graduando do curso de “Educação do Campo” e estamos sempre proseando pelo campus. A poética dos encontros emocionados. O churrasco não começou nesse dia. Separamos as responsabilidades: o Capela ficou encarregado de limpar os vestiários, o coroa sempre ensina pelo exemplo, também fomos juntos ao mercado para comprar os ingredientes. O Pedro criou a arte para divulgação e o Gustavo, Renan e Raone divulgaram nas aulas e nos grupos. Um trabalho em equipe. Era um convite para toda a família, a intenção sempre foi essa, de aproximar as famílias do NIMPE, ampliar o diálogo com a comunidade. Nada melhor do que num dia festivo. Pebolim, tênis de mesa, churrasco, chocolate no final. Diversão e fartura. Além do futebol, né. “Novas”...

Fotografia 14 — Estudante da moradia estudantil ajudando no festival – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Fotografia 15 — Fila para receber o choripão no Festival Arte Brincante – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Num outro dia organizamos um “cinepipoca”. A Rosana, companheira do Capela, foi nos ajudar. É muito bonito perceber o processo de formação profissional dos nossos bolsistas, vê-los se formar ao longo dos anos, a gente acaba nem percebendo no cotidiano. É como se fosse um salto: não tá mais aqui, já avançou. É como a vida se dá, a gente só enxerga esse tipo de coisa quando já tá distante, tipo quando um amigo deixa o cabelo crescer e depois de muito tempo você o reencontra.

No dia a dia ninguém percebe esse tipo de mudança, nem na gente. Mas tem dia que a gente acorda e o mundo se moveu: “e nada permanece inalterado até o fim”.¹⁸

Fotografia 16 — Cinepipoca com a criançada do Arte Brincante – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

3.3. NA DESCIDA DO MORRO É DIFERENTE

*Na subida do morro é diferente
O movimento é geral no sobe desce, sobe gente
O movimento é diferente, o cumprimento é diferente
Os Originais do Samba — Na subida do morro*

Futebol-cidadão

Chinelo, pé descalço, chuteira num só pé, gente sem camisa e com camisa tudo no mesmo time, uma loucura. Horário apertado depois da rotina massacrante do trabalho, segunda-feira, ali no antigo campo dos Volantes, uma ladeira de distância do Morro da Serrinha. Florianópolis, dia dezessete de junho de dois mil e vinte e quatro. Dezessete horas. O pessoal chega um pouco antes, reúnem-se em círculos, alguns sentados, outros em pé, para tirarem os times. Alguns, enquanto isso, chutam a gol. Os mais novos começam esperando, mesmo que tenham chegado primeiro. Sete ou oito para cada lado. Um ou dois times de próxima, dez minutos ou dois gols.

¹⁸ Em referência à música *Tem que acontecer*, do cantor Sérgio Sampaio (2012).

Pênaltis para decidir o empate. É difícil para quem é de fora conseguir localizar quais são as equipes, uma inteligência coletiva em saber distinguir quem é do time e quem não é. É preciso estar atento.

Escurece cedo nessa época do ano, é necessário aproveitar o tempo escasso. Mas hoje a partida vai até mais tarde, aquele fio de cobre que leva eletricidade até os refletores e que fora roubado durante a pandemia, foi repostado. E né que tenha sido um conserto realizado pelo Departamento de Fiscalização de Obras (DFO) da UFSC, passado pelas instâncias burocráticas e toda a sua morosidade: foi o Douglas, junto do seu cunhado, também eletricista, que realizaram a tarefa, com recursos do próprio coletivo, que fez uma “caixinha” para bancar os custos. Depois do conserto realizado, Tovi, um dos participantes, comentou: “Ó, tens que passar lá na biqueira e avisar os cracudos que se roubar os fios vai tomar pau”. A comunidade tem muito a ensinar à universidade quando se trata de mobilização, “a forma com a qual a universidade hoje se organiza, com uma estrutura burocrática terrível e deteriorada pela ação de governantes irresponsáveis (ou melhor, responsáveis por encaminhar um projeto que interessa às elites), muito dificulta tal proximidade” (Melo, 2003, p. 97). O lucro que se tira daquilo que falta (Wisnik, 2008).

O pessoal sente-se em casa no campinho. Existe um portão de acesso, mas nem todos entram por ali. Alguns pulam o muro, outros entram pela brecha na cerca, por todos os lados. Considero esse comportamento um recado muito claro, ninguém pula o muro de um terreno estranho, que não considera seguro. Sabe como é, quem vem da periferia aprende desde cedo que a propriedade privada vale mais que a sua vida, não vai ficar dando bobeira à toa. Eu me vejo nesse comportamento: já pulei muito muro de escola, da minha casa, pulava muro pela diversão, pulava muro por ser um atalho. Nunca pulava o muro de um ambiente hostil. Ou não tão hostil a ponto de levar uma bala por isso, “puxar um xadrez”, “levar um enquadro”.

O Capela fica “bravo”, sabe que esse tipo de comportamento gera margem para um monte de picuinha e comentários maldosos de quem está de olho no nosso espaço, vai vendo, a terceirização dos espaços da universidade é um projeto que interessa à muitos, ainda mais um “filézão” daqueles que é o terreno do NIMPE, fico pensando esse pessoal calculando quanto renderia alugar o espaço X, quantos projetos elitistas poderiam ser alojados no espaço Y. O Capela é gestor, precisa pensar nessas coisas, eu não sou gestor, eu sou bolsista, mas muito mais do que isso, um assistente social sonhador e um escritor romântico. O horizonte do sonho

nunca saiu do meu imaginário e é por isso que esbarro tanto na vida. Não tem problema esbarrar, ainda que a gente aprenda a andar por todos os lugares, algumas causas valem a pena insistir. O pessoal da universidade adora tirar uma foto e dizer que estamos chegando lá, no “fundão da quebrada”, onde o Estado pouco aparece. Para compor algum banner, para ilustrar algum artigo. Mas um envolvimento genuíno, orgânico, contínuo, não cabe na temporalidade de um projeto sazonal, passageiro, quatro anos. É preciso atentar-se aos “[...] efeitos perniciosos das descontinuidades dos programas dirigidos aos pobres” (Zaluar, 1994, p. 58). São vinte anos de participação desse coletivo no espaço, gerações que por ali passaram e que ainda dialogam, também por causa disso: “quando meu pai jogava aqui, esse campo era de areia”; “treinava aqui quando era criança, hoje o meu filho também participa da escolinha”.

O campo não se encontra nas suas melhores condições, pelo contrário: placas de grama artificial soltas, muitos buracos, a tela de proteção parece uma colcha de retalhos. Vamos indo aos poucos. Quando chegamos os vestiários haviam sido arrombados, todos os chuveiros roubados, torneiras quebradas, havia vidro espalhado por tudo. As portas estavam arrebentadas, sem luz e sem água. Mesmo sem recursos, fomos consertando um tanto de cada vez, fazendo parceria com sindicato, contando com a colaboração da comunidade, dos bolsistas, dos terceirizados, dos técnicos, dos diretores. Reposição dos chuveiros, conserto da hidráulica, a troca das portas, fixação de grades nas janelas, limpeza bruta do espaço, mural artístico, pintura do beiral do campo, corte da grama, descarte do lixo acumulado por anos, afinal o espaço estava fechado durante a pandemia. Era uma “bagunça de respeito”, não foram poucos os mutirões que realizamos. O que está dentro do factível a gente realiza, o que não é possível a gente vai criando as condições. Para a troca do gramado sintético vão-se alguns milhares de reais e nessa loucura toda ainda não conseguimos participar de nenhum Edital para angariar os recursos, mas é algo que ainda está no horizonte. Um passo de cada vez.

O pessoal não é besta, observa a relação que desenvolvemos com o espaço e isso vai criando uma proximidade, um respeito mútuo. Nós chegamos depois, há toda uma cultura anterior de se relacionar com o local, aquilo que já foi naturalizado, uma questão de hierarquia mesmo. Eles são mais importantes do que a gente, a finalidade do lugar é, ou deveria ser, atender a essas populações, suas vontades devem, necessariamente, ser o norte dos projetos da universidade à respeito do

NIMPE. Essas populações precisam ser consultadas, tomar o protagonismo das decisões, ter acesso aos espaços deliberativos. A comunidade da Serrinha conta com pouquíssimos espaços públicos de lazer, há uma praça improvisada que não atende aos anseios e necessidades dos moradores, o NIMPE é o lugar onde isso ocorre, e sua reincorporação ao patrimônio da universidade cria essa brecha, uma fissura no descaso e na ausência histórica dessa relação universidade-comunidade, uma possibilidade concreta, real, de atingir as populações carentes e suas demandas cotidianas: pelo direito à cidade, pelo direito ao lazer, pelo direito à juventude, pelo direito ao protagonismo, pelo direito de ser feliz.

A relação com o pessoal do “Serra City” começou dessa forma: não chegamos “sentando na janela”, dando carteirada institucional, “ó, vai ser assim, vai ser assado, isso não pode, isso não é aceito”. Chegamos como o rap e o samba ensinam: “no sapatinho”, “pisando com cuidado”, “sem atravessar ninguém”. Eu fiquei responsável por abrir o portão, os vestiários, ligar os refletores, levar uma bola. Foi assim que fui sendo reconhecido como um aliado, principalmente no campo: à época estava machucado e só conseguia jogar no gol. Sou um goleiro razoável e quebro um galho, o pessoal passou a me escolher já nas primeiras escolhas, “escolho o Jesus”, dizia o Vitor. Estava com o cabelo comprido e barbudo, o apelido logo veio. Convenhamos, não é um péssimo apelido e me faz dar risada, principalmente entonado com a voz típica de quem nasce em Florianópolis, aquele sotaque rápido e carregado de trejeitos. Quando levei um gol defensável, fui cobrado. Não há maior sinal de inclusão do que ser tratado como igual.

A Serrinha é uma mistura: não são poucos os moradores que nasceram aqui, geralmente filhos de imigrantes e já incorporados à cidade. Assim como muitos imigrantes, também. Do interior do estado, do Pará, do Amazonas, da Bahia, do Alagoas, do Rio Grande do Sul e por aí vai. As migrações, para a classe trabalhadora, comumente são forçadas e motivadas pela busca por trabalho e pela sobrevivência (D’agostini; Vendramini; Tilton, 2023). É uma resposta à naturalização da miséria, motivada pela falta, pela ausência, sendo também atravessada por singularidades e *campo de possibilidades* que são imbuídos de marcadores de gênero, faixa etária, redes de contatos (Velho, 2003; Durham, 1984):

Nota-se imediatamente que a imigração não decorre, em geral, de uma situação anormal de fome ou miséria, desencadeada por calamidades naturais. Ao contrário, a emigração aparece como resposta a condições

normais de existência. O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que “não pode melhorar de vida”, isto é, que a sua miséria é uma condição permanente. [...] fundamentalmente, a emigração decorre de uma situação desfavorável que é vista como permanente. Quando o migrante diz que a vida da roça era difícil não se refere a uma dificuldade passageira, mas a uma condição inerente à vida rural (Durham, 1984, p. 113-114).

Muitos são trabalhadores da construção civil, trabalho pesado. A vida é dura para muita gente nessa cidade. Jogar um futebolzinho no final da tarde já no primeiro dia útil da semana, com os “cupinchas” (alô, Rio Grande do Sul), com os aliados, com os parceiros, com os amigos, é como dizer “estou aqui, eu também existo e mereço a felicidade”! Subir o morro conversando sobre o jogo, o golaço não realizado, a bola que saiu por pouco, a que o colega não tocou e eu estava completamente livre, o passe milimétrico, o chute torto, o chute certo, o frango engolido, a defesa espetacular, o gol de rebote, o gol de placa. Tudo vira assunto, tudo motiva a troca. Tudo cria um espasmo de felicidade em meio ao sufoco da vida, um relance de ilusão, de esperança, antes de dormir, que é quando vasculhamos na mente alguma lembrança positiva, algo que nos diga que vale a pena viver, que vale a pena compartilhar o sonho, “[...] essa ruptura com o cotidiano, esse esquecer que o jogo permite” (Zaluar, 1994, p. 66).

O Capela é chamado de “cabeça branca” por motivos óbvios, o pessoal ficou bem animado quando o “cabeça branca” mostrou uma foto junto do Tite, à época treinador do Flamengo. “Cabeça branca é amigo do Tite”, dizia o Vitor em sinal de reconhecimento, alguém que é amigo de uma figura importante do futebol brasileiro e está ali compartilhando com eles aqui fim de tarde, conversando, dando risada, os tratando como iguais. Sem olhar de cima, sem impor regras arbitrárias, alguém que se diverte assistindo a pelada do pessoal, que elogia uma jogada bonita, que os trata com carinho. Uma relação entre iguais. “Muito mais do que praticar um esporte, eles buscam uma pessoa que se preocupe com eles [...] O simples fato deles sentirem que você vem todos os dias, você leva a sério, dá uma aula legal, é o bastante para se ligarem a você...” (Zaluar, 1994, p. 80-81).

São, em média, 25 pessoas por partida, algo como quatro times. Alguns vêm de carro, outros de moto, a maioria a pé. A partida é pegada, com muito comprometimento defensivo. Jogadas individuais, dribles intercalados com troca de passes. Poucos lançamentos já que a tela da cobertura está caída, baixa, principalmente no meio de campo. O jogo é muito técnico, bem jogado. Para a média dos futebóis, poucas reclamações. Palmas valorizando um gol. Alguns lances firmes,

mas nenhuma maldade aparente, aquela entrada por cima desproporcional. Quem joga bola sabe a diferença ética entre o jogar duro e o jogar sujo. A linha é tênue. Boa distribuição em campo, consciência tática coletiva. Risadas, conversas descontraídas, quem está de fora comenta os erros que os levaram a perder e o que é preciso melhorar. Muita orientação, futebol falado. “Ladrão, ladrão”, “goleiro, goleiro”, “calma, calma”, “leva a frente, leva a frente”, “ali, sozinho, ó”, “tem um livre atrás”, “volta para marcar”, “fecha aí”, “volta marcando”, “último lance”, “ó o Samuel”, “dá essa bixiga aí”, “ô cupincha, toca a bola, porra”, “meia hora pra virar”, “toca, toca”, “futebol é em equipe, não é individual, mano”, “tira meu zagueiro”, “pegou no pé dele”, “não pegou, viado”, “parou de jogar para escutar a conversa do outro”, “vem receber, pô”, “tem que marcar em cima, rapaziada”, “ô, demorou pra caralho, mano”, “o Jé não tá preparado pro rebote, pô”, “tô contigo, tô contigo”, “dá onde, Claiton, oxe que isso”, “olha o jogo primeiro, feio”, “já tão andando de novo”, “ei, ei, ei, ladrão”, “tô do teu lado”, “ei, vai chutar uma jaca”, “se você não levantar a cabeça não vai ver o jogo”, “vira, vira”, “dale”, “chuta, porra”, “aí, sim”, “tão olhando os caras jogar” “leva, leva, tem dois, manda no gol, filho” “foi mal, viado”, “aparece alguém”, “dá no gol”, “bora time da caminhada, tão caminhando na beira-mar, pô”, “futebol americano, pô”, em reação descontraída a um chute errado que saiu alto.

[...] trabalhar com manifestações culturais que surgem e ganham força entre os jovens é uma dimensão de grande potencialidade para todos que pretendem contribuir para a construção de uma nova ordem social. Obviamente, deve-se compreender o animador cultural como um mediador, que trabalhando com as especificidades culturais locais procura também resgatar elementos da cultura popular deteriorada, difundir manifestações da cultura erudita e resistir à ação da indústria cultural, sempre considerando as possibilidades da cultura para direta ou indiretamente contribuir para o ampliar da consciência social do local onde se insere. No entanto, para trabalhar nessa perspectiva, precisamos estar cada vez mais antenados e dispostos a compreender esses movimentos que são gerados pela juventude, nas ruas e em seu cotidiano. Também devemos estar dispostos a melhor compreender a dinâmica de vida desses jovens, afastando-nos de qualquer resquício de moralismo e conservadorismo em nossas abordagens. E por fim, devemos afastar-nos tanto de posturas ingênuas e extremamente otimistas, quanto de posturas por demais pessimistas, acerca de nossas possibilidades de intervenção (Melo, 2003, p. 98-99).

Apenas num dos dias que acompanhei o pessoal estava mais exaltado. Algumas entradas fortes e uma quase briga entre duas lideranças do grupo, o que gerou um clima de apreensão e tentativas de apaziguamento, sendo confrontadas por um dos envolvidos como “passação de pano”. Esse jovem que confrontou os colegas nunca mais voltou a jogar, era um conflito intergeracional. Sempre que aparece

alguém mais velho, de uma geração que os antecedeu, é nítido o respeito e a hierarquia, até mesmo os líderes do grupo buscam passar a bola, mesmo que o mais antigo esteja “enferrujado”, mais lento.

Tem um jovem de Uruguaiana-RS que joga muito bem, o Samuel. Seu irmão me disse que ele já passou na peneira do Internacional, porém tiveram que ir embora para Atibaia-SP, pois o namorado de sua mãe é de lá e por isso acabou perdendo a chance de se institucionalizar. Moram há um ano em Floripa e o motivo da vinda é quase sempre o mesmo, a procura por trabalho. “[...] A busca constante de melhores condições de vida nessa sociedade só pode se manifestar no deslocamento geográfico, que procura aproveitar as variações regionais numa situação em geral insatisfatória” (Durham, 1984, p. 119-120).

Quando a bola cai no telhado dos vestiários é preciso subir buscá-la. Já peguei o jeito, trepo no portão, apoio-me numa madeira para impulsionar. Eu tenho um pouco de medo de altura, mas isso não me impede. Já tive que realizar o conserto de um encanamento que estourou ali em cima, o vestiário havia virado uma cachoeira. Ficamos alguns dias sem poder utilizá-los. Para descer é mais fácil, há um cano, uma espécie de mastro, que é só descer deslizando, estilo bombeiros. É como rememorar a infância: há sempre uma criança interior pronta para brincar, a gente é que recrimina o lúdico e não deixa que escape o riso, a masculinidade frágil que remete a dureza de uma vida seca, fria. Uma pena, muitos de nós nem percebem o quanto isso nos sufoca. Espero que isso um dia mude. “[...] O jogo, porque fantasia ou representa o real, permite elaborá-lo. O jogo é mais profundo, é de raiz, porque atinge as estruturas inconscientes da pessoa” (Zaluar, 1994, p. 84).

Num dos dias o Jorge Gabriel veio conversar a respeito do Encceja, ele havia se inscrito. Precisava concluir o segundo e o terceiro ano do ensino médio. Conversei de que, pelos docentes estarem em greve, à época, nosso projeto de formar turmas de estudo tinha sido postergado. Mas ponderei a possibilidade de indicarmos alguns materiais para leitura, para que ele conseguisse preparar-se para a prova. “Informar o adolescente sobre a legislação trabalhista, o movimento sindical, a previdência social, [...] é também um modo de expandir o conhecimento da situação do trabalhador no que se refere aos seus direitos e ao funcionamento do Estado” (Zaluar, 1994, p. 113). Conversei com o professor Giovanni Frizzo e ele apareceu num dia para conversar com os jovens, falar da prova, da importância de retomarem os estudos. Explicou como é a prova, que leva um dia inteiro, 120 questões, redação até

30 páginas, 60% de acerto em cada uma das áreas. E me enviou as apostilas para que eles pudessem estudar, principalmente para o Jorge que havia se inscrito. O exemplo do Jorge motivou o Lucas, companheiro de sua irmã. O Lucas parou de estudar na sexta-série, trabalha como cozinheiro. Além dele, a irmã do Jorge também se animou. Ela parou de estudar no ensino médio. Enviei as apostilas que o Giovanni me passou para eles, do ensino fundamental para o Lucas e do ensino médio para o Jorge e sua irmã. Num outro dia, conversando com o Lucas, ele, que antes reclamava que o Jorge não queria saber de nada, não trabalhava e não tinha motivação alguma, não ajudava em casa, sequer uma louça lavava, agora estava animado: Jorge havia entrado para o exército, recém havia completado 18 anos. A vida e suas reviravoltas, todos merecem uma segunda chance, principalmente aqueles que sequer tiveram a primeira. O Giovanni, na visita, também divulgou o seu livro “Universidade popular: concepção latino-americana de universidade” para o pessoal e foi incrível como isso os cativou, ficaram impressionados de conhecer alguém que havia escrito um livro. O Henrique, pai de duas adolescentes que planejam entrar na UFSC, uma em arquitetura e outra em direito, veio conversar comigo. Trocamos contato e ele me contou que terminou o Ensino Médio através do Encceja e que havia feito o Enem naquele ano, seu sonho é cursar Engenharia Civil. Conversamos a respeito da possibilidade de fazer novamente o vestibular da UFSC, para que não desistisse do seu sonho. Da possibilidade de isenção de matrícula, das políticas de permanência, auxílio-aluguel, restaurante universitário. Essas informações parecem óbvias, mas realmente não são. Há uma demanda reprimida quando se trata desse tipo de acesso à informação, e o “Esporte da Universidade” também passa por isso. Um espaço de exercício de cidadania plena.

O Alister, filho do Douglas, veio me mostrar um drible novo que está aprendendo, a carretilha. Acertou de primeira. Ele geralmente fica batendo bola no canto apertado da esquina do campo e olhando, admirado, para o pai, sonhando com seus dias de glória, aquilo que faz da falta o próprio lucro (Wisnik, 2008). Muitos piás da comunidade, antes do jogo dos “adultos”, ficam batendo bola no campinho. Cada segundo vale a pena quando a vida não é pequena, Fernando Pessoa já disse algo parecido.

Num dos jogos o pessoal estava comentando sobre um duplo assassinato ocorrido na Serrinha, dois supostos ladrões que foram executados pela polícia. A convivência com a violência é algo recorrente nas comunidades. E assim como eles,

também vim de um contexto violento. Perdi muitos amigos dessa forma, para o crime, para a polícia, para seguranças privados, para a depressão, para as drogas. Apanhei da polícia, levei garrafada, fui nocauteado, vi a morte de perto e felizmente não fui beijado por ela. É uma naturalização desse estado de caos, não há referência que nos diga que isso é errado, afinal isso é tudo que conhecemos. Quando estudava em escola pública eram duas as escolhas: escolher bater ou escolher apanhar. Quem escolhe bater também apanha, mas quem escolhe apanhar carrega consigo os traumas. E uma hora, meus amigos, a conta chega. Considero a minha presença importante também por isso: além de ser assistente social, sou “maloqueiro nato”. Não é algo que se interprete ou se aprenda, é algo que nos atravessa.

Conversando com o Capela entendemos a necessidade de reconhecermos, de forma institucional, esse coletivo de pessoas. Esse grupo frequenta a UFSC há décadas, mas sempre que passa pelos espaços da universidade é tratado como um corpo estranho à ela. Não é reconhecido como parte da comunidade acadêmica, pelo contrário, é vigiado pelos olhares julgadores das forças de segurança que condenam de antemão a sua presença ali. Sempre com um olhar negativo, que deprecia e diminui, que julga e condena. Para isso, resolvemos confeccionar carteirinhas para os participantes. Para que eles, quando passassem por alguma situação de constrangimento, pudessem dar a famosa carteirada, comprovar que, sim, são bem-vindos ali. Chamei o Pedro Ordoni, nosso bolsista do curso de Jornalismo, para me ajudar nessa empreitada. Coletar os dados, tirar as fotos, produzir as carteirinhas. Para dar um ar de legitimidade, o Capela assina cada uma delas, na parte de trás. Foi engraçado, pois não se trata de uma linha reta e a gente comete erros, é normal. Quando entreguei parte das carteirinhas, algumas delas estavam com o CPF errado e o “Jé” me disse rindo que ia ser difícil explicar para um PM aquele número invertido, que até explicar que focinho de porco não é tomada, o danado do sujeito transformava tomada em focinho de porco. Auto de resistência forjado, mais um número para as estatísticas de plantão. Quem mora na periferia sabe que com esse tipo de coisa não dá para vacilar. Um erro bobo da nossa parte poderia representar um problema enorme para algum deles. Por isso a atenção na coleta de dados é fundamental, e se for necessário pedir para repetir ou mesmo para que tragam o documento, esmero nunca é demais. Assim como ter passado a jogar me aproximou do coletivo, a entrega das carteirinhas também trouxe uma espécie de reconhecimento, passei a ser chamado de professor por alguns deles. Achei isso engraçado e muito bonito, no final

das contas são apenas jovens, com seus sonhos e seus planos escondidos atrás da cara fechada. Não precisa de muito para romper com isso, pelo contrário: esse sorriso negado é o acúmulo de uma vida ingrata, é fácil medir de fora e dizer qualquer besteira sobre eles, o difícil é criar alguma estrutura que os acolha e os trate pelo que são: pessoas, essa palavra que hoje não soa bem.¹⁹

Fotografia 17 — “Japa” segurando a carteirinha que recebeu – Florianópolis/SC



Fonte: Pedro Ordoni (2024).

Quando coletamos os dados dos participantes, algo que me chamou a atenção foi o número alto de alagoanos, o imigrante é também um canal de mobilidade para aqueles que ficaram. “O migrante quase nunca é um indivíduo isolado, mas parte de um grupo primário que se rompe e se organiza durante o processo” (Durham, 1984,

¹⁹ Em referência à música *Conheço meu lugar* do cantor Belchior (2017).

p. 138). Segundo Durham (1984), a incorporação da experiência individual pelo coletivo, gerando uma tradição. Não como algo abstrato, aleatório, mas sim definido pelas experiências concretas dos sujeitos inseridos dentro de um contexto social. “[...] Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um *campo de possibilidades* em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções” (Velho, 2003, p. 79).

Acabar com o campinho seria como jogar 20 anos de histórias, memórias, participações e pertencimento de toda uma comunidade no lixo, seria como renegar a relação popular dos moradores da Serrinha com a UFSC. Seria como esperar que as coisas mudassem por acaso, por um estalo divino, mesmo a gente fazendo tudo para que elas permaneçam iguais. Papo furado, conversa fiada. E como o nosso compromisso é com a realidade dos fatos, com os desfavorecidos, com a autonomia dos povos, seguimos em frente, defendendo uma universidade plural, democrática, acessível e acolhedora. Não se trata só de futebol, estamos falando da vida.

3.4. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Monumento em homenagem aos 40 anos do MST

Em 2024, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) completou 40 anos de luta pela reforma agrária. Segundo o censo agropecuário de 2017, 1% dos proprietários concentram quase 50% da área rural do nosso país. Fundado por “[...] posseiros, pessoas atingidas por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores, entre outros importantes atores políticos” (Cardoso, 2024), o MST representa o embate contra a vulgaridade da concentração de terras, herança maldita de um país que não rompeu com suas tradições escravocratas.

O MST, que surge no final da ditadura militar, é considerado o maior movimento popular da América Latina, maior produtor orgânico de arroz da região e conta com “[...] mais de 400 mil famílias assentadas e cerca de 70 mil famílias acampadas, presentes em 24 estados brasileiros. São 1.900 associações, 185 cooperativas e 120 agroindústrias [...]”. Além disso, são mais de duas mil escolas públicas erguidas pelo MST, com mais de 100 mil pessoas alfabetizadas. Durante a pandemia do COVID-19 foram doados mais de 9 milhões de toneladas de alimentos saudáveis e distribuídas mais de 2,5 milhões de marmitas nas 40 cozinhas solidárias organizadas pelo

movimento. Uma atuação firme e contínua pela soberania popular, pelos direitos constitucionais de acesso à terra, de dignidade humana e de compromisso coletivo.

O poder no Brasil, historicamente, é o poder dos donos da terra. É necessário reconhecer a gênese latifundiária da nossa burguesia a partir dessa relação promíscua com a Terra, com o Trabalho e com o Capital²⁰. Segundo a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), 350 dos 513 Deputados Federais da Câmara, compõem essa organização. Sua atuação é marcada pelo combate aos movimentos sociais (CPI DO MST) e qualquer forma de democratização do acesso à terra, buscando assegurar que os recursos do Estado financiem, subsidiem e garantam seus lucros absurdos a partir de práticas extensivas e parasitárias (monocultura e pecuária) do uso dos recursos naturais, que avançam sobre territórios indígenas, Áreas de Preservação Permanente (APP) e que tornam o Brasil um dos países mais perigosos do mundo para quem milita pelas causas ambientais (Lennon, 2025). A construção de Belo Monte, em Altamira, no coração da Amazônia, ilustra esse cenário de caos e insegurança. Para não irmos tão longe, podemos citar o secretário municipal de Meio Ambiente da cidade, Luís Alberto Araújo, executado com mais de 10 disparos, em 2016. O assassinato da missionária norte-americana, Dorothy Stang, na cidade vizinha, Anapu-PA, 20 anos atrás (Souza, 2023).

Em 2012, ainda durante a construção da barragem da hidrelétrica, durante o caos que se tornou a região durante esse período, com um aumento de 50% da sua população, figurando como a cidade mais violenta do país à época, as contrapartidas exíguas da obra, o custo de vida que elevou-se pelo processo migratório que inchou a cidade de trabalhadores temporários, um consórcio de empreiteiras (EletroNorte) diretamente ligado aos casos de corrupção das licitações e contratações públicas, aquela turma que vence a partida antes mesmo do jogo começar, sobre todo esse cenário de abandono, violência, jogo de cartas marcadas, uso abusivo do poder, estive lá.

Já fui ao Pará duas vezes. Uma de ônibus, saindo de Salvador até Belém (na ocasião do Fórum Social Mundial) e outra de carro, saindo de Curitiba até Altamira. O Pará é o segundo maior estado do país, seu território é cinco vezes maior que o

²⁰ Citação de Ricardo Lara na disciplina de pós-graduação *Tópicos Especiais em Trabalho e Questão Social II*, em 2023

Paraná. Em 2012, quando fui até lá, recém havia sido discutida a separação do estado, o plebiscito pretendia criar três unidades federativas, além do Pará, com capital em Belém, o Carajás e o Tapajós. A capital do Tapajós seria Santarém e a capital do Carajás seria Marabá. Marabá é a “porta de entrada” da BR-230, mais conhecida como Transamazônica, construída durante a ditadura militar e que representava, segundo aqueles ordinários, o fim do “Inferno Verde”. Fica também muito próxima à cidade de Eldorado dos Carajás, local do Massacre de Eldorado, quando a PM, transportada em ônibus cedido pela Vale do Rio Doce, à época uma companhia estatal, executou 19 assentados ligados ao MST.

Fui ameaçado em Altamira, por fazer oposição a Belo Monte. Estávamos fotografando algumas irregularidades ambientais num dos canteiros de obra quando um carro, à paisana, nos fechou e de forma intimidatória nos inquiriu quem éramos, o que estávamos fazendo ali e se não estávamos muito longe de casa, afinal a placa do carro indicava que éramos de Curitiba, do longínquo Paraná, algo como três mil quilômetros de distância. De fato, estávamos muito longe de casa e o que estávamos fazendo ali era ativismo, buscando reunir informações dos impactos sociais e ambientais da obra faraônica com ares desenvolvimentistas, todo o discurso à época, inclusive de parte do campo progressista, que camuflava o absurdo que estava sendo cometido a partir de uma narrativa falseada, como se o futuro do país dependesse daquele crime, um verdadeiro assalto ao patrimônio natural, ao estilo de vida ribeirinho e à autonomia dos povos originários. A nossa intenção era denunciar aquilo tudo.

Em diálogo posterior, já em Tucuruí-PA, conversando com um jornalista que acompanhou a construção da hidrelétrica na cidade, lá nos anos oitenta, ele nos perguntou se eles haviam visto os nossos rostos e se tinham identificado a nossa origem, com a resposta positiva, de nossa parte, este jornalista, que teve seu carro incendiado quando denunciou um dos muitos casos de trabalhadores que “não voltavam” do fundo das barragens, sendo ele concretados vivos, nos afirmou categoricamente: “eles sabem quem vocês são, eles sabem de onde vieram, para onde estão indo e o que vieram fazer aqui”. Ou seja, estávamos sendo vigiados. Um sentimento que me acompanhou até a fronteira com o Tocantins, quando retornamos. Quando conto essa história para algum amigo local, do estado do Pará, é sempre a mesma reação de espanto, acompanhada da pergunta quase retórica: – tava querendo morrer, é...

Porém, e não de forma contraditória, pois além do Brasil oficial existe o Brasil real, em termos machadianos, também fomos muito bem recebidos perto de Eldorado dos Carajás, quando tivemos que dormir na estrada por conta de dois pneus que furaram simultaneamente. A BR-155, antiga Belém-Brasília, é o acesso para a região de Serra Pelada, local do maior garimpo da história do país e que desencadeou a corrida pelo ouro nos anos oitenta. Lá conheci uma família do Maranhão que migrou para a região atrás da riqueza prometida. Seu José, que nos acolheu em seu sítio, depois de uma noite em que tivemos que dormir no carro, explicou-me um pouco deste sentimento que é ser abandonado à própria sorte e colocar sua vida em risco em busca de alguma autonomia financeira. A vida do garimpo não é para amadores: assaltos, mortes, prostituição e todo tipo de aproveitadores, daqueles outrora heróis, hoje “petistas” e que enriqueceram sendo atravessador de minério ilegal e que estampam a capa da revista *Veja* edição número 2252 com a seguinte mensagem: “enriquecer é glorioso”. “Deus-Mercado” mandou avisar: dinheiro acima de tudo, lucro acima de todos.

O Brasil, país de extensão continental e que cabe todinho na cabeça de apenas um patriota, não diz respeito somente aos luxos e privilégios de quem sempre teve tudo e nunca se contentou com nada. Não existe receita pronta, nem fórmula mágica. O que existe é uma população sofrida que busca, através do trabalho que não dignifica, uma oportunidade de romper com a pobreza extrema. Nos anos noventa era recorrente a imagem de trabalhadores que se sujeitavam ao pagamento de um real por dia para quebrar pedras. Um real, lembro até hoje da matéria jornalística denunciando esse completo absurdo. Talvez esse seja o horizonte do “novo progresso” de todo reacionário: uma volta ao passado, um ode à exploração parasitária, como se os recursos naturais fossem infinitos e estas populações totalmente descartáveis. Representantes do apocalipse regozijam verdades verde-oliva. A quem interessa o caos? Passa boi, passa boiada.

Essa escalada de violência e destruição não é recente. Projetos desenvolvimentistas e que apelam para uma ideia de pátria, tampouco. Qual o preço do progresso? Não tenho compromisso com o absurdo, nem com o inferno cristão, nem com essa ideia de futuro dos ideólogos que “amam a humanidade e desprezam as pessoas” (Galeano, 2019). O critério da verdade permanece sendo a prática. Que será que está fazendo o mecânico John Lennon, que nos socorreu de motoca e consertou nossos dois pneus avariados, o seu Zé e sua família, aqueles dois piás que

atravessaram uma corda na rodovia depois de terem tapado alguns buracos em troca de uma recompensa daqueles que transitavam por aquela via. Que se espantaram com meu cabelo liso e louro, num dos Brasis esquecidos pelo poder público e ignorado pela mídia burguesa hegemônica. O patriotismo continua sendo o último refúgio do canalha.

35 anos da Escola de Educação Básica 25 de Maio

A primeira visita ao MST a gente nunca esquece. Eu esqueço muita coisa, mas não aquilo que me significa. O poeta português, Fernando Pessoa, falava que “navegar é preciso, viver não é preciso”. Tenho pensado nisso. Outro poeta, esse espanhol, Antônio Machado Ruiz, dizia algo mais ou menos assim: “caminante, no hay camino, se hace camino al andar”. O legado mais perverso que resiste ao fim da ditadura cívico-militar é o medo. Esse projeto bem sucedido de nos silenciar por antecipação, de nos escondermos nas nossas escolhas, do receio de utilizarmos um boné vermelho, um adesivo no carro (no meu caso na bicicleta), uma camiseta com alguma estampa subversiva demais para o nosso olhar admoestado, censurado de antemão, muitas vezes uma autocensura que supostamente nos protege e nos blinda, mas que no final das contas, valida esse tipo de comportamento arbitrário que reforça os estereótipos construídos através de muita manipulação midiática. O agro é pop e o MST é terrorista e por aí vai. É o rabo correndo atrás do cachorro. Comemorar o gol do time adversário nunca me pareceu uma forma de *esperançar* (Freire, 2022).

No dia 22 de maio de 2024 saímos da UFSC rumo a Fraiburgo para participar e somar nas comemorações dos 35 anos da Escola de Educação Básica 25 de maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista. Durante o período, os técnicos administrativos da UFSC estavam paralisados e nossa atividade foi autorizada pelo comando de greve, que entendia a relevância daquela viagem. O ônibus que nos transportou foi solicitado pelo nosso departamento, a partir de ofício do diretor do DECL, Paulo Capela. Era o busão da universidade, aquele mais novo, azul, com ar-condicionado e um tanto apertado, algo como 50 lugares. Não o mesmo ônibus que viajei, em 2010, para Fortaleza participar de um encontro de estudantes de Filosofia, numa viagem que levou quase quatro dias e que na volta atropelamos uma vaca lá pros lados de Ilhéus, no sul da Bahia. Até hoje os motoristas da universidade brincam com esse acontecimento, alguns dizem que o motora “responsável” pelo acidente,

coitado, tomava um “remedinho” e não teve culpa, sempre que encontro com o Zé ou com o Edson esse acontecido perpassa a conversa e a gente ri do fato; é também uma forma de perceber o tanto que esses trabalhadores atravessam a história das relações humanas que compõem a universidade: viagens de estudos, congressos, simpósios, jogos universitários, vivências, eles estão em todas, nos levando Brasil adentro em viagens continentais que assustariam qualquer europeu que acumula milhas e carimbos em seus passaportes, todo orgulhosos, pomposos, e que depois de mil, dois mil quilômetros já rodaram por uma dezena de países. Por aqui é diferente, o sujeito roda três mil quilômetros e ainda está sob a mesma bandeira, aquela mesma que um bando de infeliz golpista surrupiou para suas causas entreguistas, é uma loucura, contradição inata, a gente sabe disso. Um ou dois exemplares da obra de Lima Barreto ajudariam nessa salada mental que é a mente do patriota que aponta sua bússola para o norte.

Fotografia 18 — Bandeira do Brasil e do MST na Escola 25 de Maio – Fraiburgo/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Dessa vez o destino era mais “perto”, Fraiburgo fica a quase 400 quilômetros de Florianópolis e fomos num grupo bastante representativo: havia o pessoal da UFSC que iria participar da organização da biblioteca da escola (graduandos de Pedagogia, Biblioteconomia, Educação do Campo, Biologia, Jornalismo, Educação Física), havia o pessoal da UDESC que iria promover algumas oficinas artísticas (oficina de percussão, teatro, dança, colagem, etc) nós do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da UFSC que iríamos promover uma oficina de futebol a partir do trato

pedagógico “Libertador-Biocêntrico”, o pessoal do Assentamento Amarildo, diversos professores envolvidos com o movimento, alguns TAEs (Técnicos administrativos) da universidade, graduandos, pós-graduandos, todos apoiadores do MST. Levei a câmera da minha ex-companheira e, junto da Maria, graduanda de Artes-Visuais da UDESC, registramos as oficinas, o dia a dia e as comemorações.

Fotografia 19 — Oficina de futebol na Escola 25 de Maio I – Fraiburgo/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

No MST, antes de tudo, você aprende duas coisas: que a comida é sempre um banquete e que a responsabilidade com o espaço é coletiva, a pedagogia do cuidado que se dá a partir do trabalho. Fraiburgo faz um frio danado e impressiona pensar nos anos que aquelas pessoas corajosas viveram debaixo de uma lona preta, sendo invadidos por aquele vento gelado da madrugada. Impressiona, mas não me espanta: Belchior dizia que “a noite fria me ensinou a amar mais o meu dia”, contando a história de um retirante nordestino que foi tentar a vida em São Paulo e não se esqueceu de amar, apesar da dureza que é a vida para quem não nasceu escolhido pelo acaso sanguíneo. Dizia, o poeta cearense, “que a minha história é talvez igual a sua, jovem que desceu do norte, que no sul viveu na rua, e que ficou desnorteado, como é comum no seu tempo”. Um movimento é feito de pessoas e é importante que se conte a história dessas pessoas. A história de suas lutas travadas com coragem, garra, perseverança e ternura, afinal 40 anos não são 40 dias. E para quem dizia, segundo o Roque, que a escola 25 de maio se tornaria um elefante branco, fica o convite: antes de julgar e condenar um movimento que luta pelo acesso à terra, por reforma agrária,

conheça algum assentamento, visite o lote de algum assentado, converse com algum integrante, assista a mística do movimento e encante-se com a beleza da vida compartilhada. A seguir, compartilho o texto que escrevi logo após o nosso retorno, onde expresso o quanto esse encontro mexeu comigo. Texto compartilhado no grupo de Whatsapp da viagem, “Viagem p/ Fraiburgo”. Assino com meu nome artístico:

Gente, esses dias mexeram demais comigo. É como a Dê falou, sinto que ganhei um ônibus todinho inteiro de amigos. Primeiro agradecer ao meu amigo/companheiro/camarada Paulo Ricardo do Canto Capela, educador popular lá da cidade do Rio Grande, parceiro da lida, confidente do dia a dia, mais teimoso do que eu e tão obstinado que até o diabo quando está de folga duvida. Pode ter certeza, cabeça branca, cê foi muuuito lembrado. Ó, o Jaime mandou avisar que tem muito pinhão na chapa esperando por você.

Um poeta disse certa vez que quem faz sentido é soldado, também disse que todos esses que estão atravancando o nosso caminho, que eles passarão, e que nós, passarinho. Tenho pensado nisso e venho há muito buscando esse passo leve e sinto que esbarrei em todas as quinas e tropecei em todos os buracos. Ainda bem. Como disse, sou teimoso (ainda que não tanto quanto o Capela, mas um dia chego lá). Teimo em acreditar no outro, num outro mundo possível. Quando tinha 20 anos embarquei com uma trupe de malucos e viajamos, primeiro para Salvador e depois rumo a Belém, para participar do Fórum Social Mundial. Estava conversando com o Dan (taí outro cabra que disputa com o chefão o título de mais teimoso do hemisfério sul) e ele estava me contando um pouco, que de pouco não tem nada, da sua caminhada, desses caminhos que se cruzam quando a direção é a mesma. A gente se conhece há muito tempo e é na luta que esse reconhecimento transborda. Coadunar aos interesses do Capital, jamais! É como a Irma nos falou, se virar merda a gente usa para adubar a terra. Ressignificar, resistir, somar, transmitir.

Cê é loko, quem não voltou mexido recomendo um exame desses clínicos para buscar entender que diacho de coração de pedra é esse. Amigos, eu não sou tanto quanto gostaria e é isso o que me move.

minha radiola mental
a constante canção
como forma de expressão
do meu coração vazio
de mágoas.

do meu coração inteiro
desse meu jeito teimoso
de acreditar no outro (Gabriel Ninguém, 2024).

Reforço o que o texto acima já sinaliza e acredito que seja importante repetir novamente: ninguém volta o mesmo depois de uma experiência dessas. Ainda hoje rio sozinho da conversa que tive com o Victor Julierme Santos da Conceição, docente do PPGE e do Colégio de Aplicação e que considero meu amigo, ou melhor, da cena que presenciamos: de uma estudante da escola que nos dizia que havia trocado o futebol pelo laço. Ela jogava bem e laçava melhor ainda. Os meninos do nosso departamento, o Raone Augusto Ribeiro e o Pedro Ordones, que nos acompanharam na viagem e promoveram a oficina de futebol (que foi muito linda), também ficaram

encantados com o laço, a cabeça de boi improvisada no meio do pátio da escola, a técnica para conseguir um arremesso certo da corda, abrindo-se pelo caminho do voo até se encaixar num dos chifres e laçar-se nele, num movimento de repuxo do laçador ainda jovem, mas não menos experiente. “Outro céu, outro cep”.²¹ A beleza do encontro com o novo move o imaginário e desperta o interesse, promove presença e humaniza as relações. Só fala mal do MST quem não o conhece. O movimento representa uma real oposição ao fim do mundo, vanguarda na luta contra os grandes latifúndios.

Fotografia 20 — Oficina de futebol na Escola 25 de Maio II – Fraiburgo/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

21 Em referência à música *Da ponte pra cá – Nada como um dia após o outro dia* da banda Racionais MC's (2002).

Fotografia 21 — Bolsista do DECL laçando – Fraiburgo/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Essa viagem me fez pensar bastante na relevância das pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação, de estarmos em diálogo com as demandas reais que se expressam concretamente no dia a dia dessas populações. Na organização da biblioteca, que participei, navegando pelos títulos disponíveis, principalmente aqueles que dialogam com o meu campo de estudo, o futebol e o Brasil, percebi que toda essa bagagem que a gente acumula por anos, das dezenas de livros que lemos e do resultado deste comprometimento com a realidade, nossos trabalhos, a materialização dessa disposição temporal, não estão acessíveis, ali não estão dispostos. Lembrei da ocasião que fui, junto dos meninos da graduação, convidar a criançada da Escola Básica Municipal José Jacinto Cardoso para participar da escolinha gratuita que promovemos no NIMPE. Não era o nosso primeiro contato com muitos daqueles jovens, já havíamos desenvolvido atividades com eles no semestre anterior e, passando numa das salas, se eu não me engano no sétimo ano, um deles me reconheceu e me chamou pelo nome, citando o dia que levei a minha monografia para o “treino” e li, para eles, um pequeno trecho que muito me orgulho de ter escrito, essa escrita atravessada pelas experiências e que se propõe a pensar o impacto do futebol em nossas vidas. Era o momento do “aquecimento das relações sociais”, conhecimentos compartilhados antes da atividade e que visam uma vida plena, produtora de presença (Capela, 2021). Ele disse mais ou menos assim: “eu lembro de você, você levou o seu livro e leu para a gente”. Escrevendo agora, sobre esse

dia, choro de emoção. Pois o futebol me atravessa como atravessa esses meninos, e me fez recordar da minha professora da terceira série, Nereida, que nos levava, no contraturno e de forma voluntária, pela cidade de Curitiba para conhecer os marcos históricos, depois nos levava almoçar e isso nunca saiu da minha cabeça. A gente que veio de escola pública e que não teve tantos acessos na vida, sabe o sacrifício que é para um professor realizar tais atividades e sabe, também, aqueles que foram privilegiados por tal comportamento altruísta, generoso, que esse tipo de ação fica marcada na gente, tanto é que estou aqui, mais de 25 anos depois, rememorando essas vivências, lembrando do dia que acampamos no zoológico e fomos alimentar as girafas à noite, com candelário improvisado de lata de refrigerante.

PONTES DE ESPERANÇA: atravessando 40 anos do cultivo colaborativo de comunidades ecológicas para nutrir futuros sustentáveis

Na volta da viagem vim proseando com o Dan Baron, artista irlandês que há mais de 20 anos mora no Brasil, vivendo atualmente em Marabá-PA. O Dan me contou do processo de criação do mosaico “Terra é vida”, mural que embeleza a escola e que conta um pouco da história do movimento. A obra levou três anos para ser realizada e foi criada de forma coletiva, envolvendo toda a comunidade escolar. Dan também me falou do Monumento “As Castanheiras de Eldorado dos Carajás”, conjunto de 19 castanheiras mortas, queimadas e erguidas no formato do mapa do Brasil, na curva do S da BR-155, local do Massacre de Eldorado. O monumento, construído em 1999, representa e homenageia os 19 assentados executados pela Polícia Militar do Estado do Pará. Hoje em dia, apenas duas das 19 castanheiras permanecem em pé, o que nos diz bastante sobre a nossa incapacidade coletiva de resguardar as memórias e manter nossos supostos “avanços”, superar algum estado de atraso que dialoga com a nossa história bruta de exploração da força de trabalho, marco da desigualdade social absurda que ainda se mantém. Fiquei pensando sobre isso. Como relatado acima, estive em Eldorado, estive em Marabá, passei por essas regiões e desconhecia o monumento. Conhecia a história do massacre pois vivi naquele contexto histórico, ainda que criança. Fiquei refletindo até onde as novas gerações sabem o que aconteceu naquele período trágico, menos de 30 anos atrás. Fiquei pensando no massacre da Candelária, de como a nossa história é marcada por essa brutalidade chancelada pelo Estado, brutalidade que tem alvo predefinido,

direcionado. Cor da pele, classe social. Fiquei matutando sobre o playboy que destratou um PM no seu condomínio Alphaville e nada aconteceu, algum atestado de saúde mental abalada e nesse caso alguma postura comedida do trabalhador das forças de segurança, treinado para guerrear contra os pobres e adular os ricos. Fiquei pensando nos amigos que perdi assassinados, no tanto de geral que levei somente por existir, já conheço todo o procedimento: *não olhar nos olhos*, *“sim senhor”*, *“não senhor”*, *“afasta as pernas”*, *“tá fazendo o que aqui”*. E refleti, também, sobre a minha própria ignorância, não estive no monumento, como já disse acima, não o conhecia. Pensar um movimento social, pensar um país, é pensar a sua história, a sua totalidade. Pode parecer prolixo ou enrolação, mas o que venho buscando demonstrar a partir do meu relato é a necessidade de conhecermos a nossa realidade.

Recentemente outra chacina, desta vez em Redenção-PA, causou a execução de outros 10 integrantes do movimento. A brutalidade estava tão naturalizada à época que até mesmo desfile de ruralistas em homenagem ao massacre foi realizado na cidade, incitados pelo discurso bélico de um sujeito que há pouco ocupou o cargo de presidente do nosso país. “Povo que não conhece sua história está condenado a repeti-la”.

Foi nessa conversa com o Dan, no busão apertado, com ar-condicionado e todo bonitinho, que tive meu primeiro contato com a ideia do monumento “Pontes de Esperança”. A partir da relação dialética campo-cidade, a ideia de uma obra que realiza esse diálogo entre espaços diversos (serão quatro monumentos, um na UFSC, outro na UDESC, um em Abelardo Luz e outro em Fraiburgo), a proposta:

[...] objetiva aproximar saberes populares, ancestrais e universitários para salvaguardar a memória e criar um monumento artístico, ecopedagógico e dialógico, um símbolo épico, que trança narrativas de 40 anos de colaborações entre a pedagogia agroecológica do MST e as pedagogias libertadoras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, por meio de metodologias intergeracionais, enraizadas nas linguagens de reflexão, transformação e simbolização, nas artes (Cardoso, 2024).

Dessa forma, “o projeto oferece uma visão existencial que inspira esperança numa conjuntura marcada pela ansiedade e doenças crônicas, tanto para a cidade e o campo, quanto para as crianças e jovens sem horizonte vivo”. São três as perguntas norteadoras do projeto:

- Como transformar a cultura (o imaginário) dominante de desespero, desconfiança e isolamento em uma cultura popular de motivação sustentável?
- Quais metodologias criam ambientes de cuidado, calma e escuta para cultivar processos colaborativos para entrelaçar narrativas de pontes transformadoras?
- Qual narrativa entrelaçada gerará um monumento, íntimo e público, cuja criação coletiva, lucidez estética e poder poético podem simbolizar e celebrar eco-comunidades sustentáveis na prática?

Com os eixos norteadores definidos, um grupo coeso e bem articulado, passamos a etapa do financiamento do projeto. Soubemos que o Deputado Federal Pedro Uczai havia definido que os recursos das emendas parlamentares para os projetos que o seu mandato apoiaria seriam definidos a partir de orçamento participativo, proposta que remonta às primeiras prefeituras governadas pelo PT, como a gestão de Olívio Dutra em Porto Alegre ou de Luiza Erundina em São Paulo, ambas no começo dos anos noventa.

Para participar da plenária precisávamos coletar assinaturas de quem é domiciliado eleitoralmente na Grande Florianópolis, disputaríamos os recursos com os projetos dessa regional. Para eleger 20 delegados eram necessárias 400 assinaturas e assim nos dispomos: fila do restaurante universitário, hall de entrada da reitoria, dos centros de estudos, até tentamos coletar assinaturas digitalmente, mas a dificuldade imposta por essa modalidade nos fez optar pelas assinaturas em punho. Nesse processo de coleta das assinaturas não poderia deixar de citar a Denise Siqueira, TAE da universidade, minha colega de departamento e que superou, com folga, quatro listas completas. A Denise é um exemplo de perseverança e comprometimento, uma daquelas pessoas que nos inspiram e nos fazem transpirar, pois para quem pretende nadar contra a corrente, nada vem de graça. Ufa! Conseguimos as assinaturas e fomos para a plenária com nossos 20 delegados.

Não pude participar da plenária, pois meu domicílio eleitoral é em Curitiba, optei em não mudar para cá devido ao fato de apoiar a candidatura do agora Deputado Estadual, Renato Freitas. O conheci nas jornadas de junho de 2013, mas isso é conversa para outra hora. Na plenária fomos representados pela Bel, pela Sandra, pelo Capela, pela Cris, pelo Dan e tantos outros. Funcionava assim: cada delegado tinha direito a três votos, ou seja, votando no seu projeto, sobriam outros dois votos que poderiam ser negociados, um toma lá dá cá, ou mesmo por afeição ideológica, algum projeto que chamasse a atenção dos votantes. Para isso, cada proponente tinha direito a uma fala de dois minutos e o Capela conta que talvez essa

tenha sido a pior fala que ele realizou na vida, como é possível explicar um projeto desse tamanho em dois minutos? Mas era desse jeito que o jogo funcionava e o pessoal foi para a articulação. Algumas entidades do terceiro setor emplacaram diversos projetos, como o “Instituto Vilson Groh”, e não era contra eles que disputávamos. Eram 10 os projetos a serem selecionados e nós ficamos em oitavo, com 64 votos. Acompanhei esse processo todo a partir do grupo que criamos no “WhatsApp” para articularmos nossa candidatura, foi um momento muito bonito quando recebemos a notícia que havíamos sido contemplados. Mais um passo nessa caminhada de pensar a memória e o diálogo.

3.5. MOVIMENTOS POR MORADIA

Torneio de futebol de várzea Ocupação Carlos Marighella

Toda ocupação é um espaço vivo. Meu primeiro contato com o pessoal organizado da luta por moradia da Grande Florianópolis foi com o Daltro e o Rafael, na viagem para Fraiburgo participar das comemorações dos 35 anos da Escola de Educação Básica 25 de Maio. Já na ida, conversando com os dois, descobrimos que temos um grande amigo em comum, o Daniel Carvalho, assistente social e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS). Esse amigo em comum, o “parmera”, é um baita filtro: sem papas na língua, não faz sala para ninguém e nem joga confete desnecessário. Natural de Carapicuíba-SP, lá do fundão da periferia, foi ele quem me incentivou a entrar no curso de Serviço Social, em 2015. Era um momento que estava completamente perdido na vida, no fundo do poço do alcoolismo e agradeço até hoje as palavras de incentivo. Mudou a minha vida.

Nós temos em comum esse envolvimento profundo com o futebol, com as torcidas organizadas, o estádio e seu entorno. Ele torcendo pelo Palmeiras e eu torcendo pelo Coritiba, torcidas que mantém ou mantinham, não saberia especificar como a relação se dá atualmente, uma amizade de longa data. No começo dos anos noventa o Daniel trocava cartas com o pessoal da “Torcida Organizada Império Alverde”, a maior torcida do “Coxa”. Fomos descobrir, anos depois, que ele conversava via correios com dois grandes amigos meus: o Wellington, vulgo “polaco” ou “galego”, e o Guilherme “cabeça de lata”. Vai anotando que a informação aqui é relevante para a sequência do texto: assim como o Daniel é um filtro bastante relevante para saber com quem estava tratando, ou seja, se era algum “zé-ruela” ou

se realmente era um camarada “firmeza total”, o polaco e o gui também são. Amigos de longa data da minha família, fazem parte da nossa turma que assiste aos jogos no terceiro anel das arquibancadas localizadas na curva dos fundos, amizades que perduram há muitas décadas. Da mesma forma que a amizade do “Parmera” é “chancelada” por sua relação anterior com o “Galeguinho” e o “Gui”, a amizade do Daltro e do Rafael também passaram por filtro semelhante, uma teia de relações que se constroi de forma espontânea.

O “polaco” esteve, alguns anos atrás, aqui em Floripa e fomos juntos ao bar que o “parmera” mantinha à época, numa entrada de praia ali para os lados do bairro Campeche, perto da lanchonete Ponto X. Fazia algo como 25 anos de distância daqueles diálogos por cartas e os dois recordaram da ocasião, na final do campeonato brasileiro de 1994, quando o Palmeiras sagrou-se campeão em cima do seu arquirrival, o Corinthians. Nesse jogo, o “polaco” levou uma faixa da torcida do “Coxa” para ser exibida no estádio e foi o Daniel quem o ajudou nessa tarefa, imaginem, não é qualquer coisa arrumar um espaço na partida mais importante do ano para fixar uma faixa de uma torcida, ainda que aliada, de outro clube. Eu fico realmente impressionado com essas tantas coincidências, são milhares de pessoas que participam desses espaços e esse magnetismo não considero atoa. E como diria o maestro do canção: “respeito é pra quem tem”.²²

Pois bem, o Daltro e o “Rafa” conheceram o Daniel na UFSC, os dois são egressos da universidade e compartilharam com ele uma época em comum, sendo os encontros realizados no bosque do CFH e no centro de convivência, hoje abandonado. No bosque, à época, existia um palco onde os estudantes reuniam-se para almoços coletivos e encontros que promoviam trocas intensas e que rompiam, um pouco, com a decadência ideológica dos currículos que nos separam em centros, cursos e programas, fragmentando o saber e enfraquecendo o diálogo tão necessário. Afinal, trata-se de uma universidade e esse não é um conceito vazio, uma palavra oca. Após a pandemia, o esvaziamento da universidade segue um ritmo acelerado, e pontuar essas outras experiências com o espaço pode, de certa forma, reavivar esse sentimento de participação e pertencimento. Tivemos, também, durante aquele período, algumas experiências de Rádios Livres, mas isso é conversa para um outro momento.

²² Em referência à música *Respeito é pra quem tem* do cantor Sabotage (2014).

Fiquei amigo do Rafael e do Daltro. Foi o “Rafa” quem me colocou em contato com o pessoal da “Ocupação Carlos Marighella”, principalmente com o Filipe, um dos coordenadores da ocupação e que eu já conhecia quando ocupamos, juntos, a Universidade em 2016, em ato contra a PEC 241, que visava congelar os recursos para a educação e saúde pelos próximos 20 anos. Naquele momento, ficamos um mês ocupando os prédios da universidade. Foi uma experiência rica e desafiadora, um marco para o movimento estudantil.

O pessoal da Marighella estava organizando o “1º Torneio de Futebol de Várzea Ocupação Carlos Marighella” e fomos convidados a participar enquanto apoio, levando as bolas e coletes utilizados nas partidas. Quatro bolas de futebol, uma de vôlei e 50 coletes. “Longe de estarem desorganizadas, as camadas populares têm uma organização própria, que lhes permite inclusive entabular estratégias de resistência, embora muitas vezes estas não estejam vinculadas à política em seu sentido ‘clássico’” (Melo, 2003, p. 56). O futebol enquanto estratégia de resistência, amálgama dos movimentos sociais.

Também ficamos responsáveis por uma oficina de futebol destinada às crianças da ocupação, conduzida pelo Raone Augusto Ribeiro e pelo Gustavo Martins, nossos bolsistas do curso de Educação Física. Eu também fiquei responsável pelos registros fotográficos do torneio e da oficina de futebol. A cada encontro desses, em média, tiro 700 fotos. Prefiro pecar pelo excesso, não sou um grande fotógrafo, mas quebro um galho. Chega uma hora que você quase se funde à câmera, a mão pesa, o dedo afrouxa e o olhar atravessado pelo enquadramento, acaba reduzido. São escolhas. Considero os registros de fundamental importância, sempre digo para os colegas que a maior satisfação é encontrar alguma daquelas fotos numa prateleira localizada ali pertinho da TV da sala, onde a mãe, orgulhosa, posiciona a foto do seu filho estrategicamente posicionada para as que visitas possam ver, assim como o coração que se aquieta e serena na lembrança de memórias positivas. Ver o filho bem, sorrindo, divertindo-se. E no final das contas é isso que fazemos, disputamos a direção desses jovens com a criminalidade, com a ausência, com a desimportância, com a negação, com os traumas, com a violência, com a brutalidade, com o quarto escuro, com o projeto de destruição em massa batizado de economia de mercado. Os números, a conta fria desumana, os subempregos, a sobrevivência cotidiana.

Fotografia 22 — Oficina de futebol brincante na Ocupação Carlos Marighella II – Palhoça/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Compartilhar esses registros é tarefa fundamental, esses dias vi uma publicação da “Escola 25 de Maio” com algumas fotos que tirei, antes de irmos embora de Fraiburgo deixamos todas as fotos salvas num dos computadores da escola, junto ao professor de informática, Gibrail. Fiquei muito feliz das fotos terem estampado uma publicação da escola, quem sabe daqui 40 anos essas imagens continuem demonstrando a potência dos encontros emocionados (Capela, 2021). E por falar no “Gibra”, mantemos contato até hoje. Um dos filhos da geração pioneira do MST no estado, o companheiro está pleiteando o ingresso em algum programa de pós-graduação em Educação, sendo a UFPR, a UDESC e a UFSC os seus alvos. Qualquer uma das universidades que o receber terá um salto qualitativo enorme, afinal, que tipo de pesquisadores ingressam nessas universidades e quais pesquisas realizam, qual a materialidade dos seus trabalhos, a relevância dos seus apontamentos... Sem desmerecer ninguém, somente valorizando a caminhada íntegra, coerente e muito potente daqueles que nasceram, viveram e construíram suas histórias ligados aos movimentos sociais, considero muito relevante o relato desses atores, o olhar que é atravessado pela contradição inata, o interesse que perpassa uma luta coletiva, um ganho que não é somente do indivíduo e, sim, de uma causa, de um projeto de país incluyente, compartilhado.

Fotografia 23 — Oficina de futebol brincante na Ocupação Carlos Marighella II – Palhoça/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Eu fui de carona para o evento, um dos times era composto por alguns amigos meus, um pessoal que joga bola junto há mais de uma década, a turma do “Bola +1”. Tenho jogado pouco futebol e não fui para participar do torneio, apesar dos convites insistentes quando um deles se machucou. Eles estavam sem reserva e tiveram que jogar a final com um dos jogadores machucados. Fui com o Lucas e com o Daniel. O Lucas trabalha com panificação e o Daniel, vulgo “Jack”, é professor de geografia. A amizade, como diz a canção do grupo Fundo de Quintal, é algo que nem mesmo a força do tempo irá destruir. “Quero chorar o seu choro, quero sorrir seu sorriso, valeu por você existir, amigo”. Os times que lá estavam representavam ocupações, comunidades e apoiadores dos movimentos sociais. Unidade na luta, o futebol como plataforma do encontro, do reconhecimento mútuo:

O esporte cria também um espaço real de encontro entre as pessoas que se reúnem tanto para aprender e experimentar suas habilidades, quanto para conhecer os outros e a si mesmas nisso. Daí resulta a ampliação do horizonte social dos jovens que acabam saindo do círculo familiar mais estreito, da rede de vizinhos mais próximo, da sua rua ou praça para o bairro, ou seja, de redes de sociabilidade que vão integrá-los à cidade. Quando conseguem participar das competições, vão do seu bairro para os outros núcleos da cidade e, mais raramente, da cidade do Rio de Janeiro para outras cidades do Brasil. Essa participação em círculos cada vez mais amplos de pessoas, ao mesmo tempo em que aumenta o ritmo e a oportunidade de aprendizagem do próprio esporte, tem por efeito romper o paroquialismo na sua excessiva identificação com um só local ou uma só categoria de pessoas, o que, por sua vez, acarreta consequências psíquicas, morais, sociais e políticas de extrema importância na medida em que dissolve os mecanismos que mais

comumente conduzem à violência. A pobreza da experiência social é também fator propulsor da violência.

O próprio caráter voluntário da participação no esporte, em contraste com a escola ou o trabalho, também parecia levar a associação do esporte com a alegria e a liberdade (Zaluar, 1994, p. 65-66).

Nós buscamos viabilizar a participação do time da Serrinha, o pessoal que joga há 20 vinte anos, todas as segundas-feiras, no espaço do NIMPE (outrora conhecido como “volantes”). Fiz contato com o Humberto Roesler Martins, técnico-administrativo do nosso departamento, para solicitar o transporte via universidade, porém, por questões burocráticas, não conseguimos a van. Tínhamos um plano B que envolvia recursos próprios, uma ajuda de custo para a gasolina e a garantia da alimentação. No evento estavam sendo servidas marmitas deliciosas de uma feijoada inesquecível, custava 35 reais para apoiadores e 15 reais para moradores de comunidades e ocupações. Estava tudo certo para participarem, o Douglas, representante do “Serra City”, estava participando do grupo de Whatsapp do torneio, um integrante de cada time que acompanharia o sorteio das chaves e teria acesso ao regulamento. No dia anterior ao torneio, o pessoal acabou desistindo de participar, o que foi uma pena. Nossa intenção era possibilitar o diálogo, jovens que passam pelas mesmas agruras que os moradores das ocupações, com a diferença de aqueles, por não estarem organizados, não conseguem direcionar a sua revolta ao inimigo em comum, políticos lobistas do mercado imobiliário que atuam na capital com o segundo aluguel mais caro do país. Com a terceira cesta básica mais onerosa, a ilha da magia, ao contrário do grito de ordem iludido, não é do povo e sim da burguesia. É triste, mas dá para entender dessa forma a vitória no primeiro turno do prefeito “tiktokker”. Como dito por aí: “ele é tão engraçadinho” ...

Como me disse Nazaré numa das vezes que fui até a Ocupação Anita Garibaldi, “essa cidade não gosta de pobre”. Ainda que sejam eles, os pobres, que garantam o conto de fadas de uma elite que vira a cara para pagar um salário mínimo para a empregada doméstica, ainda que sejam eles, os explorados, que desapareçam com seus lixos volumosos, e ergam os seus prédios e casas de extremo mal gosto, caixas de sapato sem um mínimo de curva ou qualquer charme. A crise também é estética. Elevador de serviço, quartinho da empregada, tem muita bagunça acumulada nesse país. Muito “delegado de estimação”, muito acostamento exclusivo, “solo patriótico”, servindo de passagem para quem não se submete aos infortúnios coletivos de viver nos grandes centros urbanos (Lefebvre, 1999). Maquiavel já tinha

matado a charada: “aos inimigos, a lei. Aos amigos, tudo”. É tudo deles e nada é nosso.

O campo do torneio era um típico campo de várzea, esburacado, um tanto de terra, um tanto de grama, um tanto de mato, traves de madeira, as linhas um pouco tortas, quase na entrada da ocupação. Os carros, quando passavam, tiraram tinta do campinho, a criançada, andando de bike, correndo solta, cruzava de um lado para o outro, a cachorrada sempre por ali, esperando beliscar uma orelha de porco, qualquer coisa que pulasse de alguma marmita. Bagunça boa, “comecei a pensar: que eu me organizando posso desorganizar, que eu desorganizando posso me organizar”. Chico Science já tinha dado a dica lá atrás e eu cheguei a contar que o Filipe é da cidade do Recife? Essa é uma característica importante das ocupações, elas são compostas por muitos imigrantes. O desenraizamento, a ausência de redes de apoio. Como diria Pietro Basso: “o destino dos imigrantes é o destino da classe trabalhadora”. A pátria do Capital não é verde e amarela.

Fotografia 24 — Torneio de Futebol de Várzea Ocupação Carlos Marighella – Palhoça/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

O torneio levou o dia todo, a última partida, a final, aconteceu nos últimos momentos de luminosidade e eu estava bastante preocupado, afinal duas das quatro bolas estavam perdidas num matagal que fica ao lado da “ocupa”. Se as bolas fossem nossas, do departamento, a preocupação não seria tão grande. Mas como se tratava

de um material emprestado pelo Centro de Desportos (CDS), assim como os coletes, não queria deixar margem alguma para qualquer comentário negativo.

Fotografia 25 — Secando os coletes utilizados durante o Torneio na Ocupação Carlos Marighella – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Quem se envolve com os movimentos sociais nada contra a corrente e qualquer deslize pode significar muito mais do que uma bola perdida. Como o Capela sempre nos fala: “a gente precisa deixar o espaço sempre igual ou melhor do que encontramos”. E isso vale para tudo. Então foi essa loucura: “catando” colete por tudo que é lado, tirando as fotos da final e buscando acionar os moradores locais para que se embrenhassem no mato atrás das bolas. Tudo ao mesmo tempo. No final deu tudo certo, retornei com 49 coletes e as quatro bolas de futebol e uma de vôlei. Fiz questão de lavar os coletes, na minha casa, para devolver o material já limpo. A gente também ensina pelo exemplo e aprende com o esmero, a coisa pública não diz respeito somente aos nossos direitos, é necessário envolver-se para além do mínimo. É

fundamental ter constância no querer. E se a gente deseja uma universidade popular precisamos criar as condições para que isso aconteça, seja criando pontes para o ingresso nos cursos da graduação, seja no apoio contínuo aos movimentos sociais que representam essa parcela da população, sua grande maioria. Ensino, pesquisa e extensão. Tudo junto.

A oficina de futebol aconteceu de forma paralela ao torneio, em frente a algumas casas dos moradores, mais para dentro do território. Ela foi direcionada para a criançada que não estava contemplada pela atividade principal do encontro, afinal existia uma idade mínima para participar do torneio, 14 anos. Conduzida pelo Raone e pelo Gustavo, foi um sucesso. Segue abaixo o relato dos bolsistas, falando das atividades desenvolvidas:

A brincadeira principal que utilizamos foi do pique-bandeira, pois essa brincadeira tem uma lógica que a gente consegue transferir para o futebol. Noções de ataque e de defesa. E podemos introduzir questões como o fundamento do passe, do chute, entre outros. Trazer o futebol através da brincadeira, o futebol brincante. Iniciamos com o pique-bandeira tradicional e fomos inserindo elementos do futebol. A compreensão de posicionamento de ataque e defesa, a compreensão que é necessário que se tenham jogadores ofensivos e defensivos. Definimos que poderia passar a bandeira de uma pessoa para a outra, no caso as bolas. Num primeiro momento a condução foi com as mãos, posteriormente com os pés. Noções de ataque, defesa, o momento do passe e da condução da bola. No final foram colocados os gols, representados por dois chinelos. Para passar para o outro lado com a bandeira e assim fazer o ponto, deveriam passar pelo meio dos chinelos. Com todas as observações do trato pedagógico *libertador-biocêntrico*: sem entradas duras, criando um ritmo do grupo e que eles brincassem e se divertissem. As crianças, por serem crianças, trouxeram suas demandas: foi feito um pedido por elas para a gente sair um pouco do futebol e brincar de outras coisas. Assim dividimos o grupo, uma parte ficou com o bolsista Gustavo brincando de outras coisas além do futebol e o outro grupo permaneceu comigo, com o foco mais no futebol. As duas atividades foram muito divertidas, outras maneiras de se brincar com o futebol além da forma “tradicional” (Raone Augusto Ribeiro).

A gente recebeu o convite para ir até a ocupação onde estaria acontecendo o torneio de futebol com a ideia de proporcionar um pouco do futebol que a gente vem trabalhando e atuando nos projetos sociais do departamento. Um futebol com caráter mais inclusivo, aberto para todos jogarem, com a presença de muitas brincadeiras na iniciação do futebol, progredindo, através das brincadeiras, para o jogo. Teve bastante participação, meninos e meninas praticando juntos. Depois desse momento do pique-bandeira a gente deixou aberto ao pessoal que queria brincar de futebol, alguém que queria jogar vôlei a gente levou uma bola de vôlei. Foi uma dinâmica bem legal e pudemos apresentar um pouco do nosso trabalho que realizamos dentro da universidade para o pessoal da ocupação. Foi uma experiência muito boa para a gente e espero que para as crianças também tenha sido interessante. E que agregou muito, não somente na vivência delas com uma prática de futebol diferente, como na nossa experiência de estar num ambiente que a gente não tinha muito conhecimento e poder possibilitar um pouco do universo da UFSC para o pessoal da comunidade (Gustavo Martins).

Inauguração da biblioteca itinerante do instituto de formação popular Caeté: primeira parte

Esse relato não começa no dia da inauguração da biblioteca. Essa conversa inicia no dia que voltei de Curitiba com a minha mãe, Rosane, com a minha tia paterna, Myrha, e com a Bernadete, melhor amiga da minha mãe. “As certas”, é assim que elas se chamam e se reconhecem. Eu sempre rio com esse nome porque é contradição pura, de certas elas num tem nada, essa amizade, esse grupo, é a certeza da ausência de controle, a negação dessa tendência contemporânea de querer ter tudo sob vigília, esse pacto medíocre de medir cada passo, ou melhor, querer vigiar cada desdobramento de nossas vidas, como se fosse possível viver sob vigília dentro de um sistema descontrolado, completamente imprevisível, violento e bruto com quem não perdeu a sua criança interior no caminho dessa negação do ócio, dessa imposição do tempo produtivo como único tempo disponível, aceito. Os números, a conta fria do ponteiro anunciando mais um ano perdido, o passatempo que se torna uma cilada, até mesmo a nossa diversão rende dividendos. Mas “as certas”, mulheres fortes, independentes, não se deixam contaminar por esse atoleiro travestido de escolha. Elas estavam vindo descansar, aproveitar um pouco da cidade, suas praias e belezas naturais. Também para ficarem comigo, estava passando por um dos períodos mais difíceis da minha vida, nocauteado pelo término de um relacionamento maravilhoso de cinco anos que havia findado. Lembram que eu falei contra essa ausência de controle? A gente até idealiza uma forma de reagir, mas quando a bomba é acionada, explode mesmo, quando não sobra lugar para se esconder e nada para anestesiá-la a dureza dos fatos, sim, havia realmente terminado, sim, é necessário seguir em frente, é aí que a gente passa a entender a diferença entre o idealizado e o real, a imagem que temos da vida e como a vida, de fato, nos atravessa. Estava destruído e elas também vieram me cuidar, nessas horas a rede de apoio é fundamental e recordam que citei a ausência de redes de apoio para imigrantes? Eu também sou um imigrante e, apesar de viver há mais de uma década aqui em Florianópolis, nunca consegui me sentir pertencente, ainda que eu tenha tentado. Mas a ideia do retorno é sempre a ideia de um retorno a um determinado contexto, a uma determinada época. Sabe aquele papo filosófico que Heráclito anunciou, de que tudo flui e nada permanece? Eu me sinto assim, expatriado em meu próprio país, sem lugar para voltar e sem ambições de permanecer. Existe um sonho,

lá no fundo, e é ele que me move. Mas como a vida não parou em cada roubada que fiquei, busco seguir. E como já disse em outro momento nesse texto: é caminhando que a gente faz o caminho.

Pois bem, a viagem foi uma loucura, pegamos muito trânsito, um trajeto bastante cansativo. Ufa, finalmente chegamos. Eu sempre conto para a minha mãe dos meus projetos, dos meus sonhos, mostro meus escritos, compartilho minhas experiências. Nesses dias que elas estavam aqui, o “Rafa” me convidou para participar da inauguração da biblioteca itinerante do Instituto Caeté e achei que seria uma boa oportunidade para que a minha mãe, nascida no seio de uma família aristocrata curitibana (fundadores da Matte Leão, governadores da província, fundadores de museus, teatros, membros ligados à maçonaria e todo o pacote patrimonialista), pudesse conhecer a realidade em suas expressões contraditórias, afinal, para que alguns pudessem desfrutar desse mundo mágico da “Disney”, existem tantos outros que pagam a conta da desigualdade latente, abandonados à própria sorte de um projeto de país excludente. E apesar de minha mãe ter rompido com essa turma dos bens, a distância para as expressões da questão social ainda permanecia grande, assim como quando acessei a graduação em Serviço Social e sequer sabia da existência da profissão. Por motivos óbvios, nunca fomos o público-alvo.

O meu núcleo familiar é uma bagunça. Somos todos alcoólatras, com uso abusivo de drogas e todo o pacote: violência, insegurança, o risco iminente da morte. Considero um verdadeiro milagre nenhum de nós ter morrido, não foram poucas as situações em que o “anjinho da guarda” tiveram que trabalhar dobrado. Daqui menos de dois meses completo cinco anos sem beber e a minha vida mudou muito desde então. Inspirados pelo meu exemplo, meus irmãos maternos também pararam de beber, assim como a minha mãe e o meu pai, ainda num momento anterior. Ainda pagamos algumas contas atrasadas do passado, mas a vida melhorou bastante. É que, também, piorar era difícil: o fundo do poço era a nossa realidade, uma espécie de “mito da caverna”, algo como ver o mundo pelas sombras e a luz, quando aparece, cega. E essa cegueira, quando se trata de mudar um estilo de vida, é o vazio. Porque, de certa forma, havia sentido no alcoolismo, na destruição. Eu havia concordado com os termos, pagaria os preços necessários: virar morador em situação de calçada, “manguear” alguma moeda pela Rua XV de novembro, catar bituca do chão, revirar lixo atrás de latinha e comida descartada de algum restaurante. Eu cheguei a

caminhar nesse sentido, 62 latas somam um quilo, 58 com fundo de areia. Seis reais por quilo. Tornei-me ambulante para continuar bebendo, já não tinha mais dinheiro para ir às festas e essa foi a alternativa que encontrei à época. Numa das reviravoltas que a vida possibilita consegui parar de beber, mas não fui eu quem rompeu com a bebida, foi ela quem terminou comigo: crises de pânico, angústia, ressacas homéricas. Eu estava disposto a pagar o preço, mas ele se tornou insuportável. E assim sigo, olhando para trás e reconhecendo todo o esforço que realizei para chegar até aqui, a hora que irei contar como fui pela primeira vez na “Ocupação Anita Garibaldi”.

Fui com “as certas” na ocupação no dia que supostamente aconteceria a inauguração da biblioteca. Mas não era naquele dia, mas isso não importa tanto. Fomos descobrir o desencontro de informações quando já estávamos lá e como acredito que nada é por acaso, aproveitamos o momento para conhecer o pessoal e realizar esse primeiro contato. Fomos recebidos pela Nazaré, que fumava um cigarro na portaria do espaço, como a minha mãe também fuma, aproveitou para dar uma tragadinha também. Quem estava no posto de controle do acesso naquele momento era o Ricardo, um jovem anarquista gaúcho muito simpático e que mora na ocupação. Ele nos levou em incursão pelos espaços coletivos: a cozinha comunitária, a lavanderia, nos mostrou onde aconteciam as aulas de boxe e o espaço da Escola Popular Eliana Silva, onde a biblioteca seria alojada; seguiu nos explicando como funcionava a ocupação, como se dava o ingresso de novos moradores, falando da atuação do movimento nos bairros, desse trabalho de base tão necessário e tão distante de parte do campo progressista, algo que as igrejas evangélicas vem realizando com bastante sucesso, esse proselitismo religioso que impregnou o debate público a partir de uma atuação sufocante, alienante e dogmática. Mais de 200 Deputados Federais integram esses quadros. Estamos perdendo de goleada e não é de hoje.

Troquei contato com o Ricardo e nos despedimos. Na volta da visita, “as certas”, impressionadas com a organização da ocupação e com a realidade expressa na luta por moradia, vieram conversando no carro sobre o impacto que aquela visita às causou, um misto de silêncio reflexivo, um silêncio de certa forma triste e também esperançoso com a força demonstrada por aquelas pessoas tão potentes, essa compreensão de que somente a luta muda a vida do nosso povo. Algo que se traduz na fala que a minha mãe expressou recentemente quando relembramos daquele dia:

É muita luta, a gente sente na pele. Senti a luta, senti a potência, senti a solidariedade daqueles que estão ali, daquele professor que foi dar aula, do rapazinho que estava na porta. Muda a forma de ver a vida de uma pessoa, bota a gente para refletir (Rosane).

Inauguração da biblioteca itinerante do instituto de formação popular Caeté: segunda parte

Quando contei para o “Rafa” que havia ido na suposta inauguração da biblioteca ele deu uma boa de uma gargalhada, fiz uma confusão danada com as datas, mas como relatado acima, foi uma boa experiência. O dia da inauguração (9/12/2024) coincidiu com o último encontro do grupo de estudos que estava participando, estávamos lendo *Sociedades de classes e subdesenvolvimento*, livro do sociólogo brasileiro, Florestan Fernandes. Optei em participar da inauguração pelo compromisso já assumido e por entender que a presença institucional da UFSC representava bastante naquele momento, simbolicamente e de forma concreta, não adianta falarmos que apoiamos determinado movimento se na hora não nos fazemos presentes. Chega uma hora na vida que a gente precisa escolher. A minha escolha é sempre estar ao lado dos movimentos sociais.

Fui de ônibus. A ocupação fica no continente, no bairro Capoeiras. Peguei o Porto da Lagoa até o Terminal do Centro (TICEN) e, na mesma plataforma, embarquei no ônibus Monte Cristo, descendo em frente ao Angeloni, supermercado que fica há poucas quadras de distância do prédio da ocupação. Florianópolis é uma cidade “curiosa”, você pode passar meses sem escutar um sotaque local, sabe como é, quem mora na ilha geralmente é de fora ou é nativo (como são chamados os moradores locais) antigo, vivendo em bolsões, duplamente ilhados. A nova geração, seus filhos, ou levanta um puxadinho no terreno da família ou acaba se mudando para o continente, local onde concentra-se grande parte da classe trabalhadora da cidade. Local onde a população periférica, pobre, negra, realmente vive. No busão, você já percebe isso: era meio da tarde, o evento começava às 16h00 e estava indo cedo, não queria chegar atrasado. Mesmo assim o ônibus estava lotado, e não lotado de pessoas com trajes de banho, roupas de veraneio, estava lotado de trabalhadores retornando para as suas casas, cansados, exaustos e num último esforço para o desmaio cotidiano. O trajeto era curto e o horário não era de pico, cheguei cedo.

O pessoal do Assentamento Amarildo já estava por lá, o Instituto Caeté é presidido pelo Daltro, morador do assentamento, e a iniciativa da biblioteca itinerante

surgiu deles. O Daltro não estava presente, mas o Rafael e outros camaradas estavam, além deles a Tereza Franzoni, professora do Departamento de Artes Cênicas da UDESC e voluntária da Biblioteca Livre do Campeche (BILICA). A Tereza também foi à Fraiburgo e trocamos um longo papo no trajeto de volta da viagem, uma conversa muito madura e divertida, ela é realmente uma pessoa incrível e encontrá-la foi muito potente, fez uma fala relevante contextualizando a trajetória da BILICA, das dificuldades, das potencialidades, do período pandêmico, trazendo referências e ilustrando esse processo e eu havia gravado essa fala, estava ansioso para escutá-la novamente. Eis que, hoje, quando o acesso ao tal do celular buscando o vídeo, não o encontro de jeito nenhum e me deu três tipos de medo: pânico, terror e aflição. É uma pena, o relato perde muito dos detalhes, a preciosidade do olhar de quem há muito tempo envolve-se com o direito à leitura e à literatura. Não somente o vídeo da fala de Tereza que perdi, assim como todos os outros. O vídeo da fala da Marta, uma das coordenadoras da ocupação, assim como o Majé, graduando do curso de Serviço Social da UFSC e também ligado ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), movimento vinculado à Unidade Popular pelo Socialismo (UP).

Fotografia 26 — Roda de conversa durante a inauguração da biblioteca itinerante do Instituto Caeté na Ocupação Anita Garibaldi – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Quando cheguei pude ajudar na organização dos livros, a Tereza estava separando os livros por gêneros e a ajudei nesse processo. Literatura brasileira,

literatura estrangeira, literatura infantil e até livros de autoajuda. Alguns a gente brincava dizendo “esse esconde”, outros a gente reconhecia “esse eu já li, muito bom”. A prateleira estava bem bamba, frágil mesmo. Num dos momentos da roda de conversa, uma das crianças moradoras da ocupação, um “cutuco de gente”, “pedacinho de ser humano”, passou correndo e esbarrou na prateleira, mas assim, a “pirraia” não chegou nem a esbarrar de fato, foi só uma empurradinha, e a prateleira sambou e sabe aquele momento que o tempo suspende e tudo passa mais devagar? Eu vi aquela prateleira tombar, e num movimento de reflexo, a segurei de um lado e o Daniel Skova segurou do outro, a gente trocou um daqueles olhares de cumplicidade e alívio, foi por pouco... Conversei com a Louise e com o Ricardo, moradores da ocupação, e eles foram dar um jeito nisso, apertar os parafusos, firmar a base, tirar volume, transferir o peso para as prateleiras mais baixas. Jogo que segue.

O Daniel Skova é um artista muito talentoso, ele e o Matuto S.A. tinham vindo lá de Franca, interior de São Paulo, participar da inauguração da biblioteca. Eles fizeram um rap com viola caipira que me deixou impressionado, a apresentação musical da dupla era parte da programação e fechou as atividades. Parte do refrão de uma das músicas que cantaram dizia que “só quem é loko se identifica, é o enxame, é a zica, família vem pra somar”. E eu me identifiquei, pois o rap é uma das minhas bases musicais. Quando estudava no Colégio Estadual do Paraná (CEP), no começo dos anos 2000, uma das maiores escolas públicas do país, com mais de cinco mil alunos, era o gênero musical que nos atingia. “Facção Central”, “509-E”, “RZO”, “Sabotage”, “Racionais”, “SNJ” e por aí vai. O rap, assim como o samba, expressa o drama da periferia, é porta-voz da mensagem da quebrada. Sem atravessadores, é o “certo pelo certo sempre”. “Periferia é assim mesmo e ainda resiste”.²³ O Daniel e o Matuto também contaram do seu envolvimento com os jovens apenados da Fundação CASA, antiga Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM). Eles vieram de carro de Franca e tinham um show marcado para o dia 12/12, uma quinta-feira. Peguei uma carona com eles na volta da atividade, foram muito generosos e me deixaram em casa. Trocamos contato e prometi ir ao show, que iria acontecer na praia da Joaquina, no DeRaiz. Eu realmente queria ir ao show, estava animado, havia me organizado para isso. Mas fiz uma confusão com as

²³ Em referência à música *Pirituba parte 2* da banda RZO (2016).

informações: a apresentação deles era o show principal da noite e eu acreditei que eles iriam tocar à meia-noite, que já é bastante tarde para mim, viro abóbora às nove, mas ainda factível, um golão de café preto, umas quinze bocejadas e vamos embora. Mas não era à meia noite, meia noite começava o evento. No melhor dos casos eles iriam começar a tocar lá para às quatro da matina, e aí, meu amigo, não tem chance alguma de dar certo, acordo às cinco, o mundo da noite já não “vira mais”, a conta não fecha. Uma pena, havia confirmado presença e a vontade era de ter ido. Então se os amigos resolveram ler esse trabalho e se depararam com esse relato, saibam que eu tentei, eu juro que tentei, mas quando chegou 23h30 e a ficha caiu, não pude resistir. Direto pro berço.

Também é importante destacar a presença na inauguração do desembargador João Marcos Buch e que nos contou do sucesso do programa *Remição pela leitura*, projeto realizado em Joinville e que reduzia em quatro dias de pena a cada livro lido pelos presos. Um projeto inspirador.

Entrega materiais esportivos e livros para a ocupação

Havia combinado com o professor Paulo Capela de realizarmos uma doação para a Ocupação Anita Garibaldi a partir do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL) da UFSC, o Ricardo, um dos moradores, havia repassado por mensagem via WhatsApp um ofício solicitando alguns materiais para as aulas de boxe conduzidas pelo professor Rodrigo Braga, treinamentos que ocorrem duas vezes por semana no espaço da ocupação.

O Projeto Anita Gariboxe (2025) “[...] surgiu para incentivo, fomento e defesa das práticas esportivas para as crianças, jovens e adultos das comunidades [...]”. O professor, ainda que seja um apoiador do movimento, não consegue desenvolver as atividades de forma voluntária, afinal precisamos todos sobreviver nesta cidade de aluguéis caros e custo de vida elevado. O ofício, aliado da mensagem que o Ricardo me enviou, solicitava doações financeiras via PIX e alguns materiais para as aulas, a saber: luvas, bandagens, sacos de pancada, materiais básicos para a condução das aulas.

Nós não tínhamos esses materiais disponíveis e sequer recursos financeiros para doação, tudo que fizemos até agora foi a partir do esforço do professor Capela, da professora Cris, do Humberto e dos bolsistas em desenvolver um projeto de

universidade popular, muitas vezes com financiamento particular, ações coletivas de limpeza (mutirões), confraternizações regadas a churrasco para as crianças, jovens e famílias dos nossos projetos, muitos finais de semana embrenhados em alguma dessas atividades que nos são caras.

Fotografia 27 — Bolsistas do Departamento ajudando no mutirão – Florianópolis/SC



Fonte: arquivo do autor (2023).

Assim, separamos duas bolas, uma de vôlei e outra de futebol e alguns livros doados pela professora Eliane Debus, Secretária de Cultura, Arte e Esporte (SeCArTE) da universidade e escritora de literatura infantil, recém-empossada (13/12/2024) para a Academia Catarinense de Letras e Artes (ACLA). Foram quatro os livros doados pela escritora e vale destacar que nosso departamento (DECL) é vinculado à SeCArTE.

A doação dos livros vem de encontro à inauguração, na semana anterior, da biblioteca itinerante do instituto Caeté no prédio da Anita, atividade que estive presente e pude representar o nosso departamento nessa soma de esforços em tornar o diálogo com a comunidade, com os movimentos sociais, algo mais concreto e contínuo. Entendemos que os projetos de extensão da universidade, sobretudo onde atuamos, precisam assumir um caráter popular na sua direção e implementação, nos assusta a ideia de que a universidade privilegia em suas políticas as populações já privilegiadas, é algo explícito quando observamos o fluxo de carros chiques, que chamo de “naves”, nos horários que coincidem com as práticas esportivas desenvolvidas pelo Centro de Desportos (CDS). Juízos de valor à parte, a

fala de Marta de Lara, uma das coordenadoras da ocupação e antiga moradora do Alto Pantanal, bairro próximo à UFSC, explicita esse despertamento das populações periféricas nos espaços universitários e de como organizar-se politicamente representa uma mudança concreta frente a esse projeto de sociedade excludente:

Eu não tenho a quinta série completa. Eu passava, trabalhava no HU, era copeira de lá, eu passava todo dia na frente da universidade e sonhava um dia entrar, só que na minha cabeça, por não conhecer, não saber, achava que era impossível um dia entrar para ver como era uma faculdade, uma universidade. [...] só depois de muito tempo eu fui entender que eu posso não ter uma faculdade, um diploma, mas que eu tenho uma faculdade de vida, eu tenho muito que ensinar, que a gente que constroi a cidade também tem direito a ela, o porquê de eu não pertencer a essa cidade que eu ajudo a construir. A gente morar na ocupação traz um pouco esse pertencer a cidade, as ocupações são sempre em áreas nobres onde a gente nunca botou um pé além de trabalhar. E aí a gente fica muito feliz em sair e ter um ponto de ônibus na frente da ocupação, sair e o posto de saúde ser aqui do lado também, levar nossos filhos na creche, na escola, que também são do lado, fica tudo mais fácil, você pertencer a cidade que você constroi. E aí eu fui entender que eu pertence onde quero estar, eu consigo escrever a minha história, pois eu sou a dona da minha história. A gente puxa um pano que estava na nossa cara e o mundo é totalmente diferente e é muito bom saber dos nossos direitos, saber de como lidar com a vida, é muito bom. Dignidade não é ter só um barraco, dignidade é ter o seu alimento, saneamento básico, educação, saúde, o que engloba uma moradia digna (Marta de Lara).

A fala de Nazaré, moradora que nos recebeu na portaria no dia da visita, reforça a política elitista da cidade de Florianópolis: “essa cidade não gosta de pobre, é feita para os ricos. Para você conseguir vender algo nas ruas precisa de um alvará que custa 500 reais e se não tiver eles tomam a sua mercadoria. No carnaval, final de ano na beira-mar e se você for de cor (apontando para a própria pele), pior ainda, aí é que nem perguntam” (Nazaré).

Como fui vendedor ambulante ilegal por três anos para também conseguir permanecer estudando, ainda na graduação em Serviço Social, consegui acessar o meu relato nas entranhas da violência que é buscar sustentar-se de forma digna e viver constantemente sob a ameaça de ter o seu único recurso investido tomado por pretextos burocráticos que norteiam o acesso legal à uma fonte de renda autônoma. Isso sem falar na insegurança que é trabalhar nesse tipo de eventos noturnos onde uma multidão alcoolizada é o seu público-alvo, um trabalho precário e inseguro, mas ainda assim um trabalho acessível para quem não é enquadrado pelos critérios formais para concorrer a um subemprego: escolarização, comprovante de endereço e outras tantas exigências explícitas e implícitas (ter uma roupa adequada, nenhum

dente faltando, dinheiro para a passagem) que norteiam o acesso a este tipo de posto de trabalho assalariado mal pago e abusivo, que aproveita-se dos séculos de abandono sistemático das populações negras periféricas que vivem à margem das condicionantes impositivas para acessar algum cargo de prestígio e sequer detém algum contato lá de cima (alô, maçonaria), uma indicação na empresa do vizinho de condomínio, algum cargo comissionado que reforce o mérito do herdeiro patrimonialista que detesta o Estado (quando para o outro).

Nossa visita ainda serviu para reforçar o convite ao pessoal da Anita para participarem da próxima edição do *Torneio de Várzea das Ocupações* que pretendemos que seja realizado no espaço do NIMPE. O espaço do encontro, do direito à cidade, do direito ao lazer, do direito à leitura, das trocas e do reconhecimento mútuo das lutas.

Se hace camino al andar

Ao longo da participação junto ao departamento fui deparando-me com inúmeros caminhos, diversas possibilidades, portas que se abriam, e enveredei junto aos movimentos sociais. Foi um movimento orgânico da pesquisa, manifestado através da presença compartilhada dos olhares cúmplices, ideias que se encontravam. De uma compreensão da vida bastante semelhante, trajetórias que se cruzam e ajudam a pensar o tempo presente. Ajudam a pensar a operação das políticas, potencializá-las, que materializam o esforço de se construir a Universidade Necessária (1978):

Relacionar o ensino e a aplicação do método científico com a busca de soluções para problemas concretos. Para isto é necessário, de um lado, que as universidades se envolvam na vida social, situando seus centros interdisciplinares, com critério prático e econômico, lá, onde a tecnologia, a ciência e os serviços assistenciais se exercem operacionalmente (Ribeiro, 1978, p. 254).

Esse cruzamento de memórias, experiências, atinou para a possibilidade de um diálogo entre as biografias e uma (auto)biografia do autor, a perspectiva “[...] da formulação de projetos de investigação concebidos como uma participação ativa, e de compromisso político do futuro cientista na busca de soluções para os problemas sociais” (Ribeiro, 1978, p. 254). A busca, nesse sentido, é de se pensar um tempo e um espaço a partir dos sujeitos.

O objetivo verdadeiro da Reforma Universitária tem de ser a alteração das relações externas da Universidade, desligando-a da vassalagem à classe dominante, e pondo-a completamente a serviço do povo, enquanto massa trabalhadora. É uma mudança qualitativa. Diz respeito à essência da Universidade. Consiste na verdadeira democratização da Universidade que se confundirá com a cultura do povo [...] (Pinto, 2025, p. 148).

Foi através dos projetos de extensão do DECL que pude conhecer Daltro e Rafael, na viagem para Fraiburgo. Falo desse encontro no texto, ilustra as “práticas sociais no âmbito da investigação” e permitiu que a atuação ultrapassasse a temporalidade de um encontro, apenas, e assumisse certa profundidade nessa relação, algo que foi se dando à medida que outros encontros foram acontecendo, outros projetos foram formulados, desenvolvidos, à medida que a compreensão de que um Núcleo de Integração Multicultural Popular Esportivo não é um amontoado de palavras vazias, carrega uma intenção e postula uma relação junto às populações representadas, e visa, como já anuncia, que de fato essa integração ocorra. E integrar, para a gente, é comendo arroz com feijão com alguma mistura e escutando samba. É olhando dentro da bolinha do olho segurando o sorriso. Integrar, para a gente, é escutar e ser escutado, é reconhecer e ser reconhecido. É pensar junto, construir junto:

[...] Não é apenas bradar ‘em defesa da autonomia’, ‘da democracia’, ‘da cidadania’, entre outras armadilhas etimológicas, mas dotar de sentido histórico e de classe cada palavra de ordem que expresse em seu conteúdo um projeto de sociedade em que tais palavras já não sejam bandeiras de luta e sim expressão constituinte de cada vida (Frizzo, 2024, p. 245).

No capítulo a seguir, a biografia de Daltro Silva Caxias de Souza e Rafael Machado do Livramento, assentados da reforma agrária ligados ao Assentamento Comuna Amarildo de Souza, essa compreensão de construção da universidade, de classe para si, se cristaliza, “esse processo é, necessariamente, movimento. Daí que olhamos para esse movimento como potencial e possibilidade, pois quando se trata de dimensão histórica do porvir, nada está dado [...]” (Frizzo, 2024, p. 250). Foi o próprio movimento da pesquisa que inclinou para isso, “*caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”:

Uma classe que se produz por dentro do povo trabalhador, que a dirige e organiza, que se totaliza na consciência revolucionária e cria as suas formas organizativas (partidos, sindicatos, movimentos), daí o caráter popular da Universidade de conteúdo eminentemente classista, como mediação histórica da construção do Poder Popular que é, inevitavelmente, constituído por uma classe: a classe trabalhadora (Frizzo, 2024, p. 251).

4. SETE LÉGUAS

*Venho
 E venho de longe
 Já não sei de onde
 Esqueci
 Venho escondendo um sonho
 Nessa longa espera
 E como as borboletas
 Numa primavera
 Mergulhei no tempo
 Para me salvar
 Venho
 E só sei que venho
 Na mão da história
 Fui chegando aqui
 Nessa longa estrada
 Espero por você
 Alceu Valença – Sete Léguas*

“Ô Daltro, a gente precisa trazer o *Parmera* aqui, assar um osso, bater um papo, cê viu que a tese dele é sobre a revolta de Porecatu? Acabou de virar doutor o nosso amigo, *Doutor Parmera*! Tá dando aula lá em Londrina, esses dias fui para Brasília com um pessoal de lá da UEL, da graduação, e todo mundo ama ele. ‘*Doutor Parmera*!’, lá do fundão da quebrada, direto de Carapicuíba, velha guarda de torcida e todo o resto, turma boa. Máximo respeito pelo nosso camarada, a gente precisa arrastar ele pra cá, somar na luta. Contar uns causos, atualizar da vida. Como já disse o cantor: sonho que sonha junto é realidade!”²⁴

“Ô Rafa, nem me lembrava, antes mesmo da gente se conhecer na viagem para Fraiburgo, foi ele quem passou o meu contato para você, acabou não dando certo naquele momento, mas a referência já tinha sido criada. Amigo do *parmera* é meu amigo. Cê me lembrou isso esses dias, tinha até esquecido. Cê sabe que eu entrei no curso de Serviço Social por causa dele, não é, depois de uma cachaçada lá em casa que ele me contou, naquele fôlego próprio de trovador, maloqueiro nato, do curso, da profissão, dos desafios, das possibilidades. Vim de uma família de classe média, sequer conhecia o Serviço Social, fiquei encantado. Fiz o vestibular, passei. E agora tamo aqui, pesquisando o futebol, ou sei lá o que, políticas públicas, projetos de extensão, direito à cidade, movimentos sociais, pertencimento, participação, esse

²⁴ Como estratégia narrativa, começo os capítulos acionando alguns diálogos registrados nos cadernos de campo.

tanto de coisa. Cê fez o seu mestrado com a Célia, não foi? Fiz uma disciplina com ela e foi incrível, depois quero dar uma olhada na sua pesquisa”.

Pensei, ao começar esse texto, um excerto que trata das biografias de alguns dos sujeitos da pesquisa, que tudo nessa vida é um tanto volátil. O Sérgio Rodrigues (2013), no romance *O Drible*, faz uma longa descrição, quase uma decupagem, de uns quinze minutos da semifinal de 1958, Brasil x França, um pouco antes do golão de Didi, um chute de fora da área de rara felicidade, assinatura exclusiva do craque brasileiro, sua *folha seca*. A tese do autor é a seguinte: ele escreve umas oito páginas de um absoluto nada dentro de uma das partidas mais icônicas da história para demonstrar que um lance, um gol, podem mudar a história de um país. Do marcador de Didi que vinha em seu encalço o jogo todo até ali e que saiu machucado, da soma de craques franceses (Kopa, Fontaine) que também poderiam ter conduzido a França à vitória. É um romance, eu sei, e até pode ser tanto exagerado, mas o personagem que narra a história, um jornalista esportivo influenciado pelo título de 1958, não exagera ao afirmar que talvez nem tivesse saído da sua cidade de origem caso isso não tivesse acontecido.

Penso que a nossa história é feita desses entroncamentos, encruzilhadas, decisões que afetam drasticamente o rumo das nossas vidas. Um processo seletivo, vulgo vestibular, uma mudança de cidade, as necessidades, as dificuldades, a saga contínua de superação, as políticas públicas pela metade, os projetos que não alcançam, as informações que não chegam, o direito tratado como favor, a exigência norteadora das condicionantes que desconsideram a realidade e idealizam o mundo. Idealizam os sujeitos. Um amigo que indica um caminho, um projeto que possibilita um acesso, uma pesquisa que ultrapassa a visão panorâmica da distância ignorante embrutecida, um pesquisador atolado na mesma lama do caos metropolitano, piá de cidade, dando peão pelo centro, arrumando confusão em saída de escola alheia e catando bituca pelo chão das ruas. Atravessar os desertos de uma partida, atravessar os desertos da vida.

Assentamento comuna Amarildo de Souza

“Ô Capela, combinei com os Amarildos da gente ir lá esse final de semana prosear com o pessoal, o Daltro tá por aqui, em floripa, vai com a gente. Que cê acha da gente ir cedinho para conseguir aproveitar bem o dia. Pessoal disse que lá tem um

monte de rio cristalino, cachoeira e tudo. Vou levar a câmera, a gente tira umas fotos bonitas, quem sabe até aproveitamos para nadar um pouco. Seria bom nadar num rio limpo, recarregar as energias, uma pausa na rotina estonteante do acúmulo atemporal. Diacho de sentimento é esse de estarmos sempre atrasados. Esse é o trabalho que verdadeiramente “dignifica” o homem, cê num acha?”

Águas Mornas, algo como 50 quilômetros de distância da capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis, BR-282, rumo a Lages e um pouco antes de Rancho Queimado, cidade marcada pelo péssimo exemplo da desinformação genocida e “patriótica”. “*Cloroquiners*” e toda a geleia negacionista, parece que foi há um século, mas se olhar com um pouco de perspectiva histórica pelo retrovisor do tempo, foi ontem. A meleca reacionária que opera em função do lucro e num desprezo sistemático pela vida.

Fotografia 28 — Placa indicando a entrada do assentamento — Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Não por todas as vidas, estamos no mesmo barco e tal, todo aquele discurso que ignora as condições objetivas de existência da classe trabalhadora. Desprezo pelas nossas vidas, pela vida dos entregadores de aplicativo, transportadores de cargas, agricultores, profissionais da saúde, um tanto de gente que ficou exposta às agruras de um vírus letal sem vacina. Uma pandemia! De toda a gente que não tinha quarto exclusivo para isolar-se ao chegar em casa, não colocar familiares em risco, idosos, populações vulneráveis, de toda a gente que dependia do salário para continuar pagando o aluguel que nunca deixou de ser cobrado, aluguel que onera os

recursos escassos, para não engrossar as estatísticas pavorosas das populações em situação de rua. Sobrevivência. “Sobrevivemos”, mas a que custo?

Do aluguel que retira da mesa a mistura, da “escolha” entre o almoço e a janta, da ideologia neoliberal que romantiza o sofrimento e naturaliza a desigualdade, do acúmulo monopolista que expropria do trabalhador a riqueza gerada pelo seu esforço, de uma ideia de sociedade onde alguns merecem e outros não, da individualização das responsabilidades, da miséria histórica de quem produz e do banquete escrachado de quem espolia. Outrora aristocratas, milhares de sanguessugas com título de nobreza, a corte! Agora burgueses. Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República. Petrópolis, família real, Orleans e Braganças, casarões, fazendas, iates, bilionários e viagens para a lua. Acorde mais cedo, durma mais tarde, trabalhe enquanto eles descansam. Expropriação ideológica, mais-valia. Uma coleção de golpes militares, um acúmulo de desprezo ao longo dos séculos. O primeiro código penal do Brasil República, 1890, a punição pelo trabalho para os vadios e capoeiras. Direito à cidade para quem? As políticas públicas inexistentes ou quase isso, 0,5% do PIB para o Bolsa Família. 600 reais ou algo assim, uma verdadeira fortuna!

Ironias à parte, uma verdadeira aventura (resgatando a etimologia da palavra) cruzar o país num pau-de-arara, sair dos grotões, de um monte de buraco, fugindo da fome, fugindo da sede, fugindo da inanição, correndo das inexistências, dos abandonos, das faltas, em busca desse tal de progresso, morar amontoado em alguma ribanceira, o lazer, o descanso como um caminhar pelo shopping lotado num domingo acumulado de gente arrebetada para olhar vitrines (olhar, mas não poder comprar), tomar um casquinha de sorvete da rede de fast food fedorenta, o cheiro putrefato do capitalismo é o cheiro da superexploração da força de trabalho. É o cheiro de uma parede branca tomada de mensagens reprimidas, lotada de ausências brancas.

Nosso cheiro, nossa pele, nosso trabalho. Classe em si, classe para si, esse tanto de coisa. O sujeito não deixa de ser, ainda que não se reconheça enquanto tal. O projeto sectário bem-sucedido de desunião da classe trabalhadora, o arrefecimento do sistema, a xenofobia, o racismo, o patriarcado, o machismo, um golpe de estado contra a primeira presidenta eleita, um discurso embrutecido de validação do extermínio da população periférica, um alvo colado nas costas de todo menino negro. Meu filho: nunca saia de casa sem documentos, não olhe nos olhos durante a abordagem, mãos na parede, “sim senhor, não senhor, estou voltando do trabalho”.

Família brasileira, dois contra o mundo, mãe solteira de um promissor vagabundo. Luz, câmera e ação, gravando a cena vai. Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai. Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é. Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé (Racionais MC's, 2022).

4.1. DALTRO SILVA CAXIAS DE SOUZA

Assentamento Comuna Amarildo de Souza, 2025. “A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel” (Racionais MC's, 2002). Daltro Silva Caxias de Souza, 48 anos, natural de Porto Alegre-RS, assentado da reforma agrária. Expressão do Brasil real, machadiano, negro, periférico, lutador, aguerrido. Resistente, emocionado, aquilombado na terra dos sonhos de justiça, forjado no chão de barro com teto de lona preta, um olho aberto para os perigos de fora e o outro acordado para os sonhos de dentro, como coisa real. Começou lá atrás, na verdade começou muito antes. Mas vou contar essa história a partir de seu pai, Daltro Caxias de Souza, com uma metralhadora INA M953 nas mãos, esperando a Polícia do Exército chegar, na porta do jornal *Diário de notícias*. Porto Alegre, 1964.

O *Diário de notícias* era o meio de comunicação onde atuava quando decidiu descumprir a ordem do editor do periódico de imprimir a capa forjada em apoio ao golpe militar em curso. Primeiro de abril, o dia da verdade para os mentirosos. Eram duas as capas diagramadas, esperando o veredito do chefe: apoio ou não apoio? Numa, provavelmente tratado como golpe, cara de golpe, cheiro de golpe, covardia de golpe. Na outra, algo como uma revolução gloriosa. Revolução gloriosa. Nome pomposo (risos). São ruins até para inventar, ou melhor, copiar algum nome. A síndrome de vira-lata é um adorno de mal gosto tratado como coisa especial, cheirinho de carro com bandeira vermelha cheia de estrela, perfume de chorume reacionário que infesta qualquer ambiente. Volumoso e extremamente frágil, o ego inflado do entreguista convicto é uma bomba relógio que explode sempre no colo dos outros. É, Maquiável, aos amigos, os favores, aos inimigos a lei. Ou melhor: é tudo deles e nada nosso.

No cálculo econômico-político do dono jornal, venceu o golpe e ganhou a capa da revolução gloriosa. A comunicação enquanto mercadoria é um enfeite embelezando a sala do poder dominante. Mas Daltro pai tomou outra escolha e imprimiu os jornais com a capa contra o golpe. O “atraque” não demorou muito depois que a edição histórica começou a circular. Cinco minutos. Preso, demitido e todo o

pacote entregue pelos homens de bem que agem por pura maldade. Nossos fracassos são as nossas maiores vitórias, Darcy Ribeiro.

Porto Alegre, 1964. Leonel Brizola, Jango Goulart e todo o contexto histórico que a cidade vivia, à época, um possível foco de resistência contra a ditadura. E isso não é pouco. O leitor atento já deve até imaginar o que esse tipo de referência movimenta na gente, um grande exemplo. Uma inspiração, um norte. Um chão firme ao pisar, um alento permanente ao resistir. E não somente o chão firme de seu pai, o alento permanente de sua mãe, também. Olga Silva de Souza, professora de Ciências. De sua tia, Maria Souza da Silva. Uma família que buscava garantir a educação dos filhos, mesmo sem dinheiro. Daltro é o segundo de quatro, três piás e uma guria. Ele nos conta:

Cresci vendo a militância do meu pai e vendo, pelo outro lado, a militância da minha mãe, que era do movimento negro junto com algumas pessoas, incluindo a minha tia, que é a Marisa Souza da Silva, que é uma pessoa reconhecida, ganhou o prêmio Zumbi dos Palmares, lutou pelo movimento negro. Eu venho dessa família que tem uma ligação com a história da luta do povo negro, eu tenho um primo, o primeiro médico negro do Rio Grande do Sul, desde pequeno eu tive essa ligação. [...] Eu venho também, muito em relação a essa coisa, ao meu velho que sempre me ensinou, à minha mãe, minha tia, que sempre me ensinaram a luta do movimento negro, então acho que eu sou uma mistura dessas duas coisas. Pessoal às vezes não entende, “não o Daltro, o Daltro podia estar dando contribuição especificamente aqui ou especificamente ali” e eu não vou conseguir, eu não sou para isso. Na realidade eu sou o moleque jogando futebol na ilha da pintada, ainda (Daltro).

Daltro é piá de cidade, cresceu caçando morcego com bodó pelas madrugadas, brincando com seus irmãos na beira do riacho Ipiranga. Moleque de cidade, ele diria. Pra mim é piá, já que venho de Curitiba. Lá a gente chama assim, piá. Piá de prédio, piá do djanho, piá do céu, piazão, piazona, piazinho, piazada. Mas Daltro é de Porto Alegre, *outro céu, outro cep*²⁵. Mas periferia é periferia em qualquer lugar, já diria o rap. Passa a infância na cidade, até se formar no ensino médio. Trabalha sete anos como pizzaiolo, ingressa no curso de Letras, na PUC-RS, mas é forçado a abandonar, muito caro.

Por sugestão do seu irmão, presta o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para Arquivologia. É aprovado na UFSC, grande comoção. Daltro compartilha a notícia com seus amigos de infância, a reação é de espanto:

25 Em referência à música *Da ponte pra cá*, da banda Racionais MC's (2002).

Eu me recordo que apanhei na rua, aviso pra galera “passei na universidade”, e todo mundo “beleza, uau, passou ali na UFRGS?”, – não, passei na UFSC. Aí todo mundo, “cê vai para São Carlos, maluco? Lá pra São Paulo?” – Não, gente, é a Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Eu apanhei, assim, uma meia hora, eles olharam e disseram para mim “cara, você tá indo para o paraíso” e eu cheguei aqui e não vi nada do paraíso. Eu cheguei aqui e vi o que era a permanência estudantil (Daltro).

Paga um dobrado ao chegar na cidade. Ganhava 350 reais para trabalhar de estagiário no arquivo central da universidade, sobrava 100 depois de pagar o aluguel, morando numa subida ali no Pantanal, bairro localizado nos entornos da UFSC. Com os 100 reais que sobravam passava num mercado atacado e comprava um saco enorme de macarrão parafuso e alguns kits de atum gigante. Não tinha TV nem nada do tipo, mas Daltro é filho de professora, o interesse pela leitura foi despertado desde muito cedo. Passava na biblioteca da universidade e levava quatro ou cinco livros para ler em casa. E assim passou o seu primeiro ano. Também foi nessa época que teve contato com sua primeira ocupação. A ocupação do Centro de Convivência da universidade, uma ocupação de dez pessoas, apelidada carinhosamente de “Os desocupados”, ou melhor, “Dez ocupados”. “Era uma galera desesperada pela questão do aluguel na Trindade, aquela coisa toda crescendo, aquela época que decola, os preços começando a subir. Você começa a não conseguir respirar, você começa a não conseguir comer”.

É importante destacar, estávamos em 2010. A necessária política de ações afirmativas dava-se de forma incipiente, tudo muito recente; garantia apenas o ingresso, não se pensava, ainda, a manutenção desses estudantes na universidade. Políticas de permanência. Recorro à literatura para pensar essa época. Jeferson Tenório, escritor radicado em Porto Alegre, aborda brilhantemente o assunto em seu livro mais recente, *De onde eles vêm*. Participando de um grupo de estudos onde o livro foi abordado, concordamos que a história, o romance, foi ambientado nessa mesma época, um livro que é, também, uma autobiografia do autor, escritor negro formado em Letras no ano de 2010. Assim como o rap nos ensina que periferia é periferia em qualquer lugar, concordamos com Conceição Evaristo que a literatura negra e periférica expressa a universalidade.

Fico pensando nas insinuações que Kléber Mendonça Filho recebeu, de que seus filmes são regionais. Fui apenas uma vez para a cidade do Recife, até tirei foto na frente do prédio de *Aquarius* e tudo. Esse filme mexeu muito comigo. A especulação imobiliária, o direito à cidade, a cidade do Capital. Brinco com Sarah, a

minha ex-companheira (fomos juntos para lá), de que meu coração ainda não retornou, ficou preso num frevo dançado freneticamente, atirado como pedinte no Largo da Alfândega. Rememorando os passos de um caminhar das colinas de Olinda, espreado num pôr do sol da praia de Boa Viagem, junto dos tubarões e gabirus. Como coisa real por dentro, Fernando Pessoa. Como a cidade que se escreve do resultado de todos os interiores, Juliano Holanda. Como a morte e a vida severina de um retirar-se sofrido seguindo o leito seco do Rio Capibaribe, João Cabral de Melo Neto. A vida é tanta coisa.

Quando Kléber lançou o filme *Retratos Fantasma*s, aí que ele acabou de vez comigo. A obra trata dessa relação autobiográfica do diretor com a cidade, com suas memórias de infância, das mudanças estruturais e econômicas ao longo do tempo, do abandono dos centros urbanos e dos cinemas de rua. O cinema São Luiz do Recife é também o Cine Plaza da minha infância em Curitiba, ali na Praça Osório, encravado no centro das minhas lembranças mais preciosas. Pagava dois reais e ficava o dia todo, ia com meu amigo Guilherme, vulgo cabeção, e comprava um monte de bobagem: pipoca, salgadinho, bala, chiclete. Era um cinema enorme, dois andares, mais de mil lugares. Sentávamos lá em cima, no segundo andar, pertinho da sala de projeção, era uma distância que só vendo da tela. Ou melhor: quase que não vendo nada. Pouco importava, era o nosso lugar preferido. Geralmente vazio, vazio demais para manter-se aberto. Não dava lucro. O cinema foi fechado, provavelmente virou igreja evangélica, propagando a ideia de algum reino universal fajuto. Entrada exclusiva 10% no cartão. À vista. O cinema de Kléber Mendonça, esse sim, fala com o mundo todo. Assim como as políticas que prezam pela equidade deveriam expressar esse entendimento: característica fundamental, a universalidade do acesso. A garantia da permanência. A burocracia à serviço das políticas, e não as políticas à serviço da burocracia. É diferente.

Daltro participa da gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em 2011. Seu envolvimento com as causas sociais, a luta por direitos, é orgânico. Cresceu no triângulo do Morro Santa Tereza, Vila Cruzeiro, Lupicínio Rodrigues e Luiz Guaranha, criou-se no berço dos tamborins, dos atabaques e das cuícas da Escola Imperadores do Samba, maior vencedora do carnaval porto-alegrense. Esses nervos de aço, citando a canção do inesquecível Lupicínio Rodrigues, não se dão atoa: “2012, 2013 a gente começa a ir para as ruas, eu já tinha essa relação lá, de ser anarquista, então

vinha com essa coisa de segurança, e eu começo a fazer segurança de manifestação”:

A gente começa a entender a necessidade de um processo organizado de ocupação, a gente via a explosão de ocupações espontâneas onde as pessoas eram retiradas muito rápido, mas a gente via explodindo essa questão, o cara não tem onde morar mais, e paga o aluguel e ele não aguenta mais pagar o aluguel, ele tá com a família ali dentro, ele não tem o que comer, o que eu vou fazer? Eu vou ocupar algum lugar, vou botar um quadradinho, vou erguer uma casa e vou botar para a gente dormir. E nessa levada a gente começa a discutir esse processo e em Junho de 2013 a gente começa a frente de massas dentro da Serrinha, na Ocupação Palmares. Ali eu começo a ter o contato com a comunidade em Santa Catarina, que eu não tinha (Lupicínio Rodrigues).

Jornadas de Junho, 2013. Em Curitiba, fundamos a Rádio Gralha. Uma rádio livre que ocupou o terceiro andar do prédio do DCE da UFPR por quase um ano, até ser expulsa pela tropa de choque da Polícia Militar do Estado, em processo de “reintegração de posse” movido pela reitoria da mesma universidade. Fomos expulsos por ter dado certo. Com programação diversa, a rádio chegou a contar com mais de 20 programas simultâneos e recebeu diversos encontros debatendo o direito à cidade, num deles, “Contra o extermínio da juventude negra”, contou com a participação de Renato Freitas. A UFSC já contou com duas rádios livres: a Rádio de Troia, de 2002 a 2007, e a Rádio Tarrafa, de 2007 à 2012. As duas localizadas no Centro de Convivência, uma época marcada por pensamentos progressistas, os primeiros fóruns sociais mundiais, a ideia de que um outro mundo era possível. Torcer para time de fora do eixo me ensinou uma coisa: a gente pode até perder no campo, mas no grito eles nunca vão ganhar da gente. Nunca.

É, Chico Science, com a barriga vazia ninguém consegue dormir, e com o bucho mais cheio Daltro começou a pensar: que eu me organizando posso desorganizar. Vejam só, 12 anos. Um instante, uma decisão supostamente efêmera, participar de uma marcha, de uma gestão, ocupar um centro de convivência. Uma dita jornada que não serviu de nada, sem causa, sem bandeira, 20 centavos e todo o resto do discurso fajuto dos reformistas de plantão, dos desenvolvimentistas mais interessados na perpetuação de um projeto de poder partidário, vejam só, Eletronorte, consórcio de empreiteiras fraudando licitações, jogo de cartas marcadas. Belo monte de um patrimonialismo arraigado. A gente entende os limites de uma democracia representativa, dos acordos, da necessária governabilidade, mas a cooptação dos movimentos sociais é também o esvaziamento do trabalho de base. E sem base,

meus amigos, a gente é que nem folha seca à mercê do tempo. E o tempo, no Brasil, é o tempo das tempestades do reacionarismo elitista, uma ode à exploração parasitária das monoculturas históricas e do trabalho escravizado, a base, o resquício de um modelo de país que insiste em manter-se vivo. Quartinho de empregada, elevador de serviço. O salário mínimo a três quartos de distância daquilo que é considerado o mínimo para o básico (Dieese, 2025). Básico. Comer, beber, morar, ir com a companheira num pagode. Habitar a cidade.

Eu entendi, como todos nós militantes entendemos, que era necessário dar esse salto. Eu só nunca pensei que esse salto iria durar tanto. [...] Nessa construção toda de frente de massas, a gente começa a conhecer as famílias, a gente começa a conhecer a realidade de Florianópolis, famílias que já eram do oeste catarinense empurradas, o cara que veio do nordeste, o cara que veio do sul, do Paraná, que veio de fora do país, e que veio pra cá pensando aquela ideia da ilha da magia e chega aqui e vê a ilha da realidade, que é tiro, porrada e bomba. Custo de vida alto, dificuldade que se tem de ter uma relação com as pessoas, [...] toda aquela discussão já iniciada, que essas pessoas são de fora, essas pessoas são ruins. E a gente descobre depois que 72% da Amarildo é catarinense do oeste (Daltro).

Passados alguns meses, a decisão de ocupar algum terreno consolida-se. O derradeiro instante é a escolha de qual área da união ocupar. A terra e sua função social. No dia 16 de dezembro de 2013, às cinco e trinta da manhã, às margens da Rodovia Estadual SC-401, surge a Ocupação Amarildo de Souza. “É um momento muito importante na minha vida, tive a oportunidade de cortar a cerca pela primeira vez, é quando você realmente olha e diz que tudo aquilo que tá jogado na nossa cabeça em relação ao movimento sem terra, tudo aquilo, é ali que você corta literalmente”. Ao acessar o terreno, Daltro e seus camaradas descobrem que a área é muito pedregosa, nos conta que foi uma luta conseguir cavar os buracos para fincar as estacas. Os primeiros enfrentamentos com a chegada da PM, militantes tratados como bandidos. Para Daltro, se eles conseguissem resistir por 15 minutos já teria valido a pena. Estava preparado para ficar 15 minutos, achava que não passariam disso. Não se trata do resultado, necessariamente, um fim em si mesmo, mas do movimento. “Se tivesse durado quinze minutos seria perfeito, pois durar quinze minutos em Floripa é incrível. Eu acho que tentar vencer em Floripa já é um ato revolucionário, pelo o que ela é, pelo que tem inserido dentro dessa burguesia”. Disputar a cidade, a hora do salto: “e o salto que era pequenininho, a gente achava que não iria durar muito tempo, e ele dura doze anos. Eu ainda tô no salto, um

pouquinho no ar, ainda. Essa área que você está hoje, aqui, é consequência desse salto”.

Fotografia 29 — Assentamento Comuna Amarildo de Souza – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Fotografia 30 — Canteiro de Cebolinha – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Já de início os ideais da ocupação mostravam-se claros: disputar a cidade, seu destino, unidade na ação, agroecologia e reterritorialização. “Nossa mentalidade era de construir uma área de agroecologia e de produção dentro da ilha, a ilha sempre foi produtora rural, o Ratones era um caminho para você chegar no mercado público”

(Daltro). A ocupação, que começa com 60 pessoas, passa para 250 em uma semana, somando mais de 700 famílias cadastradas no INCRA, 1.455 pessoas.

Primeiro mês o cara chegava meio assustado, segundo mês ele tava bem, ele tava na luta, mas quando chegou o terceiro mês ele não saíria de lá em hipótese alguma, porque o cara tava vendo que ele tinha condição de viver ali naquele local com uma qualidade maior, porque o aluguel mata o trabalhador. E você vive numa cidade que tem uma relação com o aluguel que ela não entende, o proprietário às vezes acha que é uma solução para ele, mas ele não vê que tudo isso é a busca de um afastamento da população mais pobre da ilha de Florianópolis [...] quando essa história da década de 70, da criação desse novo modelo de ilha, esse cara é jogado pra fora da ilha, ele que vai terminar em Palhoça, ele que vai terminar em Tijucas, Biguaçu, porque ele é jogado pra fora (Daltro).

Depois de quatro meses a estrutura política da ocupação consolida-se, mas chega a decisão do Estado: de forma arbitrária e visando o enfraquecimento da classe trabalhadora, numa tentativa de gerar conflitos internos, são realocados para uma área indígena no Morro dos Cavalos, na cidade de Palhoça:

A gente vai para lá e tem uma reunião com a cacica Kerexu. E lá temos uma reunião, que para mim é histórica, tinha Txondaro com arca e flecha no fundo da cacica, puxando aqui (gesticula mostrando um arco e flecha apontado), olhando para nós, e lá a gente fala sobre o que foi feito com a gente, na tentativa de nos atacar e que a gente não estava lá para atacar, que a gente não estava lá para tomar a área deles (Daltro).

Num terceiro movimento, em resposta às tentativas de sabotagem de alguns empresários da cidade, decidem ocupar um terreno ocioso no bairro Rio Vermelho, na rodovia SC-406. Daltro nos conta que um grande empresário da região estava pagando 200 reais para cada pessoa que se dispusesse a combater os Amarildos, no que ficou conhecida como “a batalha do Rio Vermelho”.

Só que eles não tinham noção de quem é que estava lá dentro, depois do quarto mês os Amarildos não falavam os seus nomes, a polícia chegava para falar com você: qual é o seu nome? – Amarildo. Homens, mulheres, o Amarildo era a nossa necessidade de dizer. O Amarildo vem da história do pedreiro Amarildo, do pedreiro assassinado pelo Bope dentro da Rocinha. Chegou num ponto ali no conflito que isso virou uma chavezinha e os Amarildos construíram uma estrutura de defesa. E essa estrutura de defesa foi o que nos manteve lá dentro, num dado momento a população tenta entrar, [...] eles tentam entrar e nos atacar e digamos que a gente coloca eles, de uma forma bem tranquila, para sair da área. A gente fez toda uma mecânica de defesa, a PM entende isso e começa a vir uma história: a gente vai à noite para matar vocês, e a gente diz: vem. Esse conflito que foi construído pela burguesia foi o conflito que criou uma unidade nos Amarildos e que foi a solução para tudo. Quando aconteceu aquilo ali eles olharam e disseram: cara, não dá. Dá alguma coisa para esses malucos, longe de Floripa, mas não dá mais, não dá mais, eles vão continuar fazendo, tem que tirar esses caras daqui (Daltro).

Três terrenos foram apresentados para os Amarildos. A questão fundamental, que norteou a escolha, era o acesso à água. “Se você não tiver água você não tem absolutamente nada [...] quando a gente chegou aqui e viu a quantidade de nascentes que tinha, vai ser possível um entreposto possível aqui e aí a gente recebe efetivamente a área”. Já em Águas Mornas, são recebidos com hostilidade pela população local, que se organiza para o enfrentamento, algo em torno de 70 famílias, sendo necessária a intervenção do INCRA para evitar o confronto. “A partir daí os Amarildos vão construir toda essa relação que eles já tinham de coletividade, autonomia e agroecologia”. Relação que começa lá atrás, já no início, mantendo banheiro seco para 1.500 pessoas, resistindo aos ataques dos mensageiros do caos com unidade, propósito e compreensão dos objetos da luta: terra, trabalho e teto.

Fotografia 31 — E a gente passou por um rio enorme – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

De volta à Águas Mornas

“Ô Daltro, esse que você falou, do livro O golpe da reforma agrária, é aquele alemão bigodudo que a gente encontrou e ficou proseando ontem lá no evento do pessoal do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), não é. Gert, algo assim. Convocou a gente para um ato lá no sul da ilha. Gostei de ver. O critério da verdade permanece sendo a prática, meu camarada. E como diria Marighella: “a única luta que se perde é aquela que se abandona”.

Das 755 famílias iniciais, esse número cai para 80 no Morro dos Cavalos. E de 80 famílias cai para 60 na primeira semana em Águas Mornas, quando novas saídas

começam a acontecer. Atualmente, oito famílias residem no assentamento, 13,6 hectares para cada uma delas. Apesar desse número, desse cálculo, não há loteamento. A produção é coletiva, recebem de acordo com o número de dias trabalhados. Não há diferenciação entre os trabalhos: um dia trabalhado é um dia trabalhado, independente se é trabalho braçal, trabalho intelectual, de divulgação, escoamento da produção. Além disso, 10% dos alimentos gerados são destinados a movimentos sociais, cozinhas solidárias, ocupações irmãs, etc. Esse é um compromisso inalienável do assentamento, ou seja, daqueles que o constroem. Unidade na luta.

Fotografia 32 — A tobata “38 engatilhado” lotada de bambus – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

De caráter periurbano, o deslocamento para Florianópolis é uma dificuldade. A ida e a volta somam 20 reais, mais a baldeação e o tempo necessário para realizar o deslocamento. Um dos motivos da debandada, tornou-se inviável, para muitas das famílias, permanecer. “Alguém que está aqui para trabalhar todos os dias, ele não vai conseguir sustentar”. Há que se trabalhar, todavia, e num primeiro momento, de aprendizados e constituição dos canteiros, das hortas, foi uma dureza danada. “A gente passou fome, perdemos cachorro por fome, sofremos a perda política pelo afastamento, mas sempre batalhamos por essa linha de que é possível chegar dentro de um processo de ocupação e você chegar ao resultado efetivo”.

A gente começou a produzir, botávamos as caixas no ônibus, cinco e meia, e saía pro centro da cidade fazer entrega. Ia para o gabinete do Lino (à época

vereador), para a sede do PCdoB, no pessoal do SINJUSC, SINTRASEM, SINERGIA, em diversos sindicatos, para tentar vender o nosso produto. Os Amarildos, os Amarildos, pessoal gostava de comprar maxixe com a gente, à época produzíamos muito. A ausência de mobilidade, ausência de energia elétrica, que foi um fator fundamental para a perda de famílias, a ausência da possibilidade de um escoamento de qualidade, isso era o que nos detonava (Daltro).

Tentativa e erro, teimosia, inexperiência, muita vontade envolvida. “A primeira estufa que fizemos foi completamente errada, parecia uma casinha com plástico em volta, mas a gente estava tentando, construindo”. A relação direta produtor/consumidor, sem intermediários, sempre foi um norte para os Amarildos. A ideia das cestas surge com a chegada de Fábio Ferraz ao assentamento. “Quando a cesta começa a evoluir e a gente começa a ter um pouquinho mais de renda, ali a gente começa a entender que tem a possibilidade de evoluir, de começar a construção. A cesta foi um divisor de águas, seis anos agora”.

Fotografia 33 — Alimento direto do quintal – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Eliminar o intermediário, contato direto com o consumidor, trabalho em rede. A grande dificuldade é fazer o alimento chegar na mesa das famílias. Ao contrário do agronegócio, a produção agroecológica não conta com uma capacidade de escoamento da produção. “A gente começa a descobrir, na realidade, que tem produtor passando pelas mesmas dificuldades que a gente. E a gente começa a criar essa ideia de redes, a gente entra pra Ecovida, da UFSC, vinculado ao Cepagro”.

Quando passa do primeiro intermediário, pro segundo e pro terceiro, quando chega lá o alface tá custando 14 conto, e um alface não custa 14 conto em hipótese alguma, nem agroecológico. E foi evoluindo até o ponto em que ela está hoje, que ela consegue dar renda para as famílias daqui e ela consegue ser uma ferramenta política importante do assentamento. O assentamento consegue fazer aquilo que era necessário, que é outra coisa que pautamos desde a ocupação, que é a devolução. A gente tem que devolver para a sociedade. O que a gente faz? Hoje, 10% do que vai ser produzido dentro do Assentamento Amarildo de Souza vai ser direcionado para doações, para as ocupações, para as comunidades pobres, para as cozinhas mãe, para quem está lutando na cidade, que a gente é isso, a gente é periurbano, a gente é campo e a gente é cidade. E a gente conseguiu fazer isso, esse lugar que ele é coletivo, esse lugar que é agroecológico, e que vai buscando cada vez mais e mais projetos para cada vez mais evoluir, entendendo a evolução de todo um processo, de todos os Amarildos, não é uma construção para alguém, é a construção para todos nós, não de todos nós aqui, é do povo brasileiro (Daltro).

Comemorar as pequenas conquistas, firmeza no propósito: “Eu me lembro quando compramos as primeiras botas, fizemos uma festa, atravessávamos o rio no pelo, inverno, julho, pezinho gelado. Era uma vida muito difícil”. Um marco histórico para os movimentos sociais que lutam por moradia na cidade: a regularização.

Fotografia 34 — Daltro é um homem apaixonado pela vida – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

O assentamento é constituído por muitas Áreas de Preservação Permanente (APPs) e é serpenteado pelo Rio Imbirá, que também alimenta Florianópolis. O curso de todo rio, desaguar no mar. Sua foz. O cuidado com as águas é outro compromisso inegociável dos Amarildos. A agroecologia é esse viver em comunhão com a terra, com as matas, com os rios, de forma sustentável, equilibrada. Produzindo alimento de qualidade, sem agrotóxicos e com muito amor. Amor. Lembro que a minha vó

Therezinha tinha em seu quintal um roseiral inesquecível, muito bonito. Os brotos, quando abriam-se, expandiam-se tanto que até para explicar fica difícil. Eram enormes as roseiras de minha avó, lindas, rosas vermelhas imponentes, brancas, rosas. Eu ficava admirado e também encucado com tamanha beleza gratuita, graciosa, e uma vez a questioneei, inocentemente (que bom é ser inocente, que bom é ser criança): vó, por que as suas rosas são tão bonitas? E ela me disse, carinhosa como sempre: “meu neto, é porque eu converso com elas, lhes dou amor”. Minha avó Therezinha me ensinou que fazer pelos outros, ser humano, natureza, não é dar aquilo que está sobrando, mas o que temos de melhor. Então, sim, amor. Amor por tudo.

Fotografia 35 — Amor por tudo – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Daltro é um homem apaixonado pela vida. Quando nos conhecemos, em Fraiburgo, lembro, e eu também me emociono ao recordar, de seu discurso, aos prantos, durante as celebrações dos 35 anos da Escola 25 de Maio. Chorava como menino na frente de um auditório lotado. Não se escondeu para chorar, chorar é coisa de homem valente, eu penso, de quem não tem medo de lutar por uma causa. Chorar é coisa de quem sabe endurecer sem perder a ternura, Che Guevara. Mesmo que a famosa frase atribuída a Che não tenha sido dita pelo revolucionário argentino, polêmicas à parte, uma revolução sem amor, não me parece coisa nossa, Noel Rosa. Samba, amor e revolução, Elza Soares.

A gente vai e dá um suporte para uma ocupação que vai nascer e vai se chamar Carlos Marighella, tive a oportunidade de ficar quase um ano dentro desse processo com as famílias e o que eu gosto de fazer, no chãozinho. Eu amo o meu chãozinho. Ali foi um momento importante e a gente conseguiu se recuperar. A gente é construído também por esses momentos. E hoje, cada vez mais, a gente está buscando isso, esse retorno ao entendimento do quanto a gente precisa ainda evoluir, ainda melhorar, mas entender que essa caminhada vai ter que ser feita por todos nós. A gente entendeu isso aqui, ninguém faz nada sozinho. E com pouca gente, é possível, agora com muita gente é muito fácil das pessoas entenderem (Daltro).

Fotografia 36 — Daltro emocionado durante sua fala na Escola 25 de maio – Fraiburgo/SC



Fonte: arquivo do autor (2024).

Nós estamos no Brasil e a nossa revolução é a base de feijão em suas inúmeras variações: tutu, baião de dois, feijoada, feijão-de-corda, feijão tropeiro, junto do arroz, junto da farinha também, regado de alho, cebola, pimenta e coentro. Feijão carioca, feijão branco, feijão vermelho, feijão preto. A revolução por aqui é movimentada pelo samba em suas infinitas variações: samba de roda, samba de terreiro, partido alto, samba-enredo. Pensa num ato revolucionário, transformar rua deserta em carnaval, feita para automóveis lotados de lugares vagos, transformar rua deserta em campo, quadra dos sonhos coletivos, compartilhados, o cascão do pé reforçado pelos milhares de quilômetros entre a defesa e o ataque, jogando bola como se samba, no gingado da malemolência das pernas tortas de Garrincha: Garrincha sabe, o narrador sabe, o espectador sabe, o marcador, também sabe. Ele vai cortar para o fundo, todos sabem. Ele vai cortar para o fundo e o marcador, que disso sabe, não vai conseguir fazer nada. Ele vai driblar sem a bola e o marcador segue sabendo

e até se prepara para tentar evitar, mas no final, sabe que não irá conseguir e só lhe resta torcer por um milagre. Mas Garrincha é um anjo de pernas tortas e mais uma vez passa incólume pelo marcador. Garrincha é o milagre. E milagre, Padre Cícero, né coisa destinada para gente sem fé na luta. Penso que milagre é coisa feita para quem tem fé na vida, Milton Nascimento. Num carro de boi ir por aí, grande bituca. “Barro, pedra, pó e nunca mais”²⁶.

Fotografia 37 — Barro, pedra, pó e nunca mais – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Em terra de Jorginho Mello, Esperidião Amin e uma tonelada de assecclas da burguesia, o Assentamento Comuna Amarildo de Souza é um verdadeiro milagre. Sua constituição, sua resistência, tornaram-se referência na luta por moradia da Grande Florianópolis.

Sonho que se sonha junto é realidade

É chegada a hora do próximo passo, o Instituto Caeté. O instituto nasce com o propósito de “oferecer educação popular e apoio estratégico aos moradores de ocupações, quilombos, assentamentos, aldeias e comunidades periféricas, fortalecendo a luta por território e autonomia através da agroecologia, reforma agrária e tecnologia popular”. Buscando, assim, promover a justiça social, os direitos

²⁶ Em referência à música *Carro de boi*, do cantor Milton Nascimento (1976).

humanos e a defesa das causas ambientais. Diversos territórios, inúmeras expressões da questão social, unidade na luta. E como bem nos lembrou o poeta periférico, Sérgio Vaz, “briga tem hora para acabar, luta é para uma vida inteira”:

Eu gosto de uma frase que escutei lá em Abelardo Luz, quando fui num EIV, quando chegamos lá tava uma treta, ninguém sabia o que era, estavam todos os estudantes preocupados, tinha tido alguma discussãozinha, e aí um velhinho olhou, você via que ele tinha seiscentos anos de luta, aí ele falou “isso aí é festa de sem terra” (risada coletiva). A gente tem (diferenças), somos seres humanos construindo aqui aquilo que o Capital não deixa a gente construir. A gente é aquilo que a gente quer fazer, a gente quer devolver, isso aqui não é nosso. Os Amarildos não querem terra, os Amarildos querem é luta. Os Amarildos gostam é de luta. Se botar qualquer um aqui e a gente tiver brigando, a gente vai discutir, mas se aparecer alguém na porta lá e começar a brincar de maldoso, você pode ter certeza que vai até os cachorros, capaz de sair uns quatro ou cinco tatus ali pra dar uma mão junto (risada coletiva).

Você sonha, não vai acontecer, mas hoje a gente entende que acontece. Quando a gente começou a constituir um novo modelo de organização agora, nos últimos tempos, onde nasce o Caeté, onde nasce a ideia de se solidificar a cesta, onde nasce a ideia da possibilidade de uma escola de formação, para aquilo que a gente já fazia, durante toda essa década a gente teve a possibilidade de trazer alunos para cá, escolas para cá, para entenderem porque a gente estava aqui, o que a gente queria fazer, que um dia nós vamos conseguir fazer, um dia a gente vai dar esse passo aqui e esse outro. E hoje que os passos estão dados, assim, é bom entender isso: a gente teve um salto para militar e para se entender aqui dentro com essas outras pessoas. Quando a Luzia chega, ela chega, é incrível isso que eu vou dizer, a Luzia não tinha onde morar. A Luzia Cabrera é a jurista popular que faz a defesa dos militantes na cidade de Florianópolis, não tinha onde morar. Rafael Machado do Livramento, que é o cara que passou a vida inteira construindo, dentro da cidade, e dentro das ocupações, sempre buscou estar fazendo a sua militância dentro dessas lutas, não tinha onde morar. Por que em Floripa, se você não é rico, você não tem onde morar, amigo. Esse aporte é um momento divisor de águas. Eu me recordo que foi num bar do lado do Bistek, ali da costeira, e eu me lembro que a gente comeu um pastel de berbigão com uma cerveja e ali a gente falou: vamos fazer alguma coisa. Não tinha nome, não tinha nada e termina sendo o Caeté (Daltro).

Fotografia 38 — Daltro e Rafael – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

“A cidade não para, a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce”²⁷. Na cidade repartida entre quem não pode ficar e quem não sabe como ainda fica, a consciência de que a ilusão do sonho de ascensão social é uma mentira, essa lavagem cerebral muito bem entranhada no imaginário popular pelo discurso hipócrita, fraudulento, hipotético, de uma mobilidade permitida, de uma possibilidade real de vida, ascender ao mundo dos sonhos das caixas de sapato de pé direito alto, portas enormes combinando com o péssimo gosto das extravagâncias elitistas, o maior carro, a maior casa, o maior iate, prateleiras de livros solitários, esquecidos, nunca sequer folheados, tampouco lidos, comprados em atacados para combinar com a decoração exagerada do ambiente, expressas em garrafas de vinhos importados que custam mais que o salário daqueles que os servem, todo esse “desejo” de chegar lá, no céu dos negócios, um altar para os deuses do capitalismo tardio: Deus destruição, Deus exploração, Deus atravessador de minério ilegal, Deus mercadoria. Deus empresário, vale céu e a coisarada toda. A morte como descanso, a vida como expiação. Não era amor, ô Molejo, era cilada.²⁸ Não era oportunidade, era exploração parasitária. Era a superexploração da força de trabalho dos sujeitos desenraizados. Era a superexploração daqueles que emigram, o elo mais frágil da corrente chamada classe trabalhadora, sem redes de apoio, alvos fixos de um predador que identifica

²⁷ Em referência à música *A cidade*, da banda Chico Science e Nação Zumbi (1994).

²⁸ Em referência à música *Cilada*, da banda Molejo (1996).

na manada o filhote exposto, de um predador que identifica o animal debilitado que ficou para trás. O destino dos imigrantes é o destino da classe trabalhadora. Era e permanece sendo sobrevivência. E, Zé Ramalho, eu tô vendo aquele edifício, sim, que o trabalhador ajudou a levantar. Naquele tempo de aflição, quatro condução, duas para ir, duas para voltar. Eu tô vendo o trabalhador que depois volta para admirar e é acusado de querer roubar. Eu tô vendo o trabalhador que depois volta para admirar e é acusado de querer roubar.²⁹ Uma lógica bem bolsonarista: acuse os outros daquilo que você faz. Mas numa ocupação, ninguém fica para trás, num assentamento, todos são importantes. A consciência de classe é o substrato da mudança:

Um dia nós estávamos numa reunião, numa assembleia, e um camarada que não gostava de falar pediu a palavra e a gente ficou sério e ele disse: cara, eu quero contar uma coisa pra vocês. Essa semana eu estava trabalhando e chamei todos os meus empregados, que ele era mestre de obras, e eles estavam fazendo um condomínio fechado e ele disse assim: vocês estão vendo essas paredes que vocês construíram hoje, que nós estamos finalizando? Sim. Vocês nunca mais vão pisar aqui dentro a não ser por duas formas: ou trabalhando ou consertando alguma coisa aqui (Daltro).

Mas, João Nogueira, eu também tô vendo aquela bola rolar, a gente se abraçando no sonho e pensando que um dia viraria um craque da pelota ao se tornar rapaz, no outro a gente chutando mal e arrebatando o dedo, e, desculpe poeta, ainda que não tenha mais o velho para tirar o medo, não foi só mais um sonho que ficou para trás.³⁰ O espelho não se quebrou, o samba não acabou, a bola continua rolando na esperança agarrada de um menino num manto, a bola continua encantando a atenção do homem crescido, seu acalanto, a bola continua acessando, a bola continua nos mobilizando. E, Galeano (2019), *A bola como bandeira dos sonhos de justiça*. A bola como substrato da mudança:

O futebol sempre teve, a ocupação tinha um campo de futebol improvisado, a gente jogava futebol. Em 2014 chega a Copa do Mundo e é baixada a lei da copa. A lei da copa, entre outras coisas, tinha uma exigência. De que durante a Copa do Mundo não seriam ocupados prédios públicos, possibilidade de ocupação de prédios públicos, que sofreriam reintegração de posse imediata. Então o que a gente fez? A gente ocupou o INCRA na Copa do Mundo. A gente fez um jogo de futebol da Copa do Mundo dos Amarelos no estacionamento do INCRA, em São José. O futebol, eu tenho esse joelho destruído, eu assisto jogo de futebol, eu não posso, eu assisto jogo eu fico com o gosto na boca, eu sinto o gosto, eu juro, eu chego em casa que eu olho, às vezes os moleques dão um toque de bola aqui, entendeu, e eu saio para jogar, eu não posso, mas eu não consigo ficar longe. A bola é uma coisa inacreditável, é o primeiro brinquedo, tem essa relação de primeiro

29 Em referência à música *Cidadão*, do cantor Zé Ramalho (1992).

30 Em referência à música *Espelho*, do cantor João Nogueira (1977).

brinquedo; o futebol ele vai conseguir fazer, talvez o que a gente, às vezes, não consegue fazer, que é de poder fazer essa aglutinação dos movimentos. O problema hoje, realmente, é que tanto internamente, quanto em relação, existem hoje problemas sérios entre os movimentos. Problemas essa semana ocorrendo entre a UP e o PCBR, situações internas acontecendo nas outras organizações, e o que a gente quer fazer, por causa daquilo que tivemos antes, unidade na ação, construir alguma solução que possa chamar todo mundo que tá nessas ocupações, mas que possa chamar as organizações para entender isso. A gente primeiro tem que sentar, a gente primeiro tem que se encontrar, a gente primeiro tem que fazer conversação. E essa conversação hoje é difícil, o ruído é muito fácil de acontecer. E aí é que entra a mágica da bola de futebol. Porque ela vai conseguir fazer, eu acho, essa junção que a gente hoje não consegue fazer. Nós precisamos achar uma ferramenta para esse encontro, e acho que ela é a melhor, porque a bola, a bola rola no Contestado, a bola rola nos Amarildos, a bola rola na Marighella, a bola rola no sindicato, ela rola em todo lugar porque sempre tem alguém que olha e vê aquela bola rolando e tem essa coisinha que ainda tenho até hoje que é esse gosto na boca. Ele tem essa possibilidade de criar ao invés de um time de onze, um time de milhares, ele consegue fazer isso. É incrível como a gente tem momentos de alguma divergência e eles morrem no momento que o juiz apita. A gente tem que ir buscar, e talvez a gente já tenha a compreensão disso, desses caminhos (Daltro).

Assentamento Comuna Amarildo de Souza

“Ô, Rafa, ficou um tanto de livro seu lá em casa, cê precisa passar lá qualquer dia para resgatar. Aquele do Saramago, “História do cerco de Lisboa”, é muito bom. Aquela escrita maluca dele, sem ponto final, corrida que só, linda, sempre me admira. É um desafio ler, mas o cabra é gênio mesmo. Sabe que não consegui ir no show do Matuto, lá no deraiz, até tentei, mas num teve jeito. Viro abóbora e nem precisa chegar a meia-noite, lá pras 22h00 o zoio já tá carregado de uma tonelada de areia, pesado. Eu achei que o show dele começava cedo, inocência minha, mas ele era a atração principal da noite, ia tocar só lá pras três da matina. Aí é sem chance mesmo. Depois que parei de beber, assumi o turno do dia. Eu realmente gosto dessa vida matutina, acordar com os passarinhos de forma leve e tranquila, passar um café bem forte na cafeteira italiana que tenho, cinquenta conto, vale a vida. Uma amiga querida esses dias me disse que não é legal falar que vale a pena, ela até me explicou a história da expressão, mas agora não me lembro. Aí mudei para vale o dia. Eu gosto de mudar. Gosto de começar o dia lendo algum trem, comendo alguma coisa gostosa. Frutas, muitas frutas. Mamão, melão, banana, geralmente isso. Goiaba não, goiaba prende tudo, um desespero. Eu até gosto de goiaba, lembro das vezes que trepava nas goiabeiras lá em Antonina, goiaba branca, goiaba vermelha, um calor da peste aquela cidade no verão. Teve uma vez que a sensação térmica bateu 80 graus, inacreditável. Pesquisa aí: Antonina 80 graus, de dar inveja na música de Fernanda Abreu.

Dobrando a meta do insuportável. Lembro da vez que caí e me arrebentei inteiro, da outra que cortei o pé num prego velho, enferrujado, e tive que tomar um monte de injeção na bunda. Nos glúteos, o médico disse. Era criança e esse tipo de recordação são as lembranças que ultrapassam as décadas, como um fio condutor que liga a infância à fase adulta, Wisnik (2008) já falou algo sobre isso. Cê num concorda comigo? Muito bonito. Eu sei que o poeta já disse certa vez que quem faz sentido é soldado, acho que nem se trata disso, “fazer sentido”, mas significa muito para mim. Fico pensando num poema que escrevi certa vez que fala mais ou menos assim: qual hora do dia eu sou dia? Quando não me adio. É sobre isso, diriam os jovens. Risos. A gente tá ficando velho, meu camarada. Tudo que é história que a gente conta já tá batendo 20 anos, às vezes mais, vou para a universidade e penso que poderia até ser pai de metade daquela *pirraçada* toda. Não quero parecer fatalista, mas sinto até pena. Imaginou, a gente que cresceu solto, trepado em árvore, jogando futebol em qualquer buraco, ter como referência a ilusão da dopamina barata tratada como algo inegociável, vê só, o pacto de mediocridade da instantaneidade assumida como culpa, fico até chocado com o tanto de jovem que não consegue sequer parar para almoçar sem ficar preso com o rosto colado numa tela. Fico reparando nisso quando almoço no Restaurante Universitário. Lotado de gente e todo mundo sozinho. Gosto de trocar olhares cúmplices, segurar o olhar num sorriso sem compromisso, uma paquera aleatória sem pretensões finalistas, fale agora ou cale-se para sempre, esse tanto de coisa que esvazia o lúdico e fica buscando explicação. Fica buscando utilidade. Gosto do tempo improdutivo de uma amizade sincera. Gosto de gente que segura um olhar na alma. Gosto de te olhar nos olhos, camarada, é na bolinha do olho que a gente se reconhece. Gosto disso, gosto de gente que gosta de gente. Gente que gosta de coisa, eu dispenso. Gente que nos entende como coisa, não tolero. É necessário saber estar só para conseguir enxergar o outro. Não como muleta ou tapa buraco, como outro. Inteiro, confuso, perdido. Inteira, confusa, perdida. Estou apaixonado, meu amigo. A vida é tanta coisa. Quanta humanidade cabe na gente, às vezes até transborda. Ficar no que fica, acho que já falei sobre isso, mas assim como Mário Quintana, não me importo: eles passarão, eu passarinho”.

4.2. RAFAEL MACHADO DO LIVRAMENTO

Assentamento Comuna Amarildo de Souza, 2025. “O sertão vai virar mar, dá no coração. O medo que algum dia o mar também vire sertão”³¹. Rafael Machado do Livramento, 42 anos, natural de Tubarão-SC, psicólogo, mestre em Educação, assentado da reforma agrária. Expressão do Brasil real, machadiano, um pé no campo e o outro na cidade. Destemido, valente, amigo, companheiro. Sonhador, teimoso, insistente, presente. Entrincheirado nos anseios da esperança ativa, revolucionário de berço freiriano, o amor anunciado através da palavra comprometida, a escuta atenta de quem não ignora a realidade. Homem de olhar bonito que enxerga por dentro, sua alma de sonhos vermelhos combina com as manhãs transparentes e cristalinas do assentamento Comuna Amarildo. Rafa é tipo *jogadô caro* que vale muito, mas que não tem preço. Começou lá atrás, na verdade começou muito antes.

Fotografia 39 — Quando Rafael Machado do Livramento nos falou – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Apesar de ter nascido em Tubarão, com apenas três anos mudam-se para Araranguá-SC. Considera-se de lá. Criado pela mãe professora, Suzana Machado Simon, e pelo padrasto (que chama de pai), Paulo Sérgio Simon, produtor de fumo e de arroz. Suzana também é de família agricultora, produtores de leite. Tiravam o leite e colocavam naquelas carroças de antigamente, *outro céu, outro cep*, deixando nas portas das casas das famílias da região. Passou boa parte da infância, durante as

31 Em referência à música *Sobradinho*, da dupla Sá e Guarabyra (Tv Cultura, 2012).

férias, no sítio da família. Correndo solto pelo mato, brincando, ajudando a tirar leite. Com 13 anos mudam-se para o campo, um sítio localizado no Morro dos Conventos. Lá o seu contato com o mundo rural acentua-se: “ajudava o pai no sítio, ele comprou um sítio que abriu um pesque-pague, ajudava a plantar maracujá, ajudava a tirar leite, essas coisas, e depois as tarefas do pesque-pague”.

Cursou o ensino fundamental em escola pública, a mãe professora de Português e Inglês e o pai técnico agrícola, vendedor de produtos agropecuários. Paulo Sérgio viajava muito, ficava mais com a mãe. Na quinta série migrou para uma escola particular, Suzana dava aulas na rede pública do estado e também na UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Rafael, assim como Daltro, sempre teve uma relação muito próxima com os livros. Conheceu Paulo Freire já no ensino médio, por influência de sua mãe, educadora de base freireana.

Com 17 anos ingressa na graduação, em psicologia, na UNESC de Criciúma. Era um curso recente na universidade, fez parte da segunda turma de graduandos. “Fui novo pra Criciúma, comecei a morar lá, recebi uma bolsa de iniciação científica, de 240 reais e 50 centavos, e falo dos cinquenta centavos por que ele fazia diferença naquela época. Gastava 150 de aluguel, dividindo, e sobrava uns 100 pila”. Ingressou na iniciação científica já no segundo semestre do curso, ávido por conhecimento, sua história é marcada por esse movimento contínuo:

Na faculdade eu era muito idealista, do meio rural, era muito de ler, mas minha contestação não tinha uma linha política, Araranguá é uma cidade pequena, o pai era petista, desde que era pequeninho, tem uma foto comigo com o Lula de 89, tinha reunião do PT que era lá em casa, o PT velha guarda, galera de fusquinha, tudo uns fodidos, o pai saía de madrugada e fazia um negocinho de garfo para jogar nas entradas da galera que comprava voto, era voto impresso ainda. Cresci nesse contexto, não era comunista, mas era um contexto de esquerda, democrático, a mãe educadora freiriana, o pai era petista (Rafael).

Filho de professora da mesma universidade, não pagava mensalidade. “A UNESC é uma universidade playboy, né, tinha 5 mil alunos, era curso da galera que tinha grana, [...] logo fui fazendo parte, criando um grupo dos *fudidos*, e entrei rápido no CA (Centro Acadêmico) de Psicologia, isso na segunda fase”. Participou ativamente do centro acadêmico por cinco gestões. Na gestão, extinguem a presidência e a organizam por cargos, primeiros indícios da compreensão coletiva da luta, das responsabilidades. A coerência é algo que acompanha suas escolhas. O movimento estudantil da universidade era composto, principalmente, por estudantes

de psicologia, economia e história. À época, começo do século XXI, o Movimento Passe Livre (MPL) de Florianópolis era referência nacional na luta pela Tarifa Zero, direito à cidade, direito à educação, esse tanto de coisa. A “revolta das catracas”, que data desse período, é um marco nacional na luta por transporte público gratuito. Fazem contato com o MPL da capital e carregam suas bandeiras para a cidade. “Levamos o Marcelo Pomar para dar uma palestra lá, chamamos a primeira manifestação do Passe Livre lá, em Criciúma”.

Segue pesquisando, segue atuando. “A nossa primeira luta foi a questão da luta antimanicomial e vim em encontro estadual, e fiquei por ali uns quatro anos, era uma luta foucaultiana, de micro poder e tal, e eu falei, ali pelo terceiro ano, cara, acho que tá faltando alguma coisa”. Aproxima-se do marxismo. Entra no PSTU, sai rapidinho. Risos. “Fui em encontros em Brasília, ‘contra os tubarões do ensino e o vendaval oportunista que varreu a esquerda’, e voltava no local e era a mesma coisa, ‘contra os tubarões do ensino’”. Começa a militar independente e aprofunda as leituras marxistas, a luta pelo passe livre o aproxima também dos militantes do PCB, momento que amplia sua concepção de atuação. Em 2005/2006 passa a ser um articulador local da Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde (ANEPS), participa de encontros estaduais em Lages, Florianópolis. Segue militando. É nesse momento que conhece o MST:

Porque, assim, eu sou do campo, só que o pai era técnico agrícola, vendia IVOMEC, quê agroecologia, o cara nem plantava um alface (risos). Eu lembro que as minhas brigas com ele, ele me dava cal para pintar as árvores e eu era mais humanista, idealista, ficava bravo com ele, falava ‘irmão porque você vai pintar as árvores’, ‘mas, não, é para proteger’, ‘proteger o teu cu, pinta a tua canela de branco pra ver se vai proteger’, a gente tinha umas discussões assim. Só quando eu me articulo um pouco com a ANEPS que eu começo a ter mais contato com o MST. [...] Não cheguei a virar comunista, mas comecei a ser crítico de outras linhas que não propunham uma resposta final. Me formei em 2007 e falei: quero trabalhar com povo, vou trabalhar com povo, quero pé no chão (Rafael).

Formado, é convidado por sua orientadora para atuar na supervisão de estágios. Recusa o cargo, “como é que eu vou dar aula se eu não conversei com o povo, nunca pisei numa comunidade, ensinando como que se faz?”. Em 2007 muda-se para Florianópolis e conhece o Padre Vilson Groh. Participa de uma reunião com

o padre e é convidado para atuar numa semiliberdade³² do bairro do Campeche. Ele e mais dois educadores. Folgava às segundas à tarde. “Era eu, o Ivan e o Maia. Final de semana, tudo. Qual é o teu turno? Forever (risos). Quando eu ia ao banheiro cagar eu cagava de porta aberta, porque às vezes só tinha um de nós em casa e é naquele barulho do silêncio que rolavam as tretas”. Fica sete meses na casa de acolhimento. É também nesse momento que conhece Luzia Cabrera, advogada ligada aos movimentos sociais da cidade e também assentada da comuna. Assim como Ivan, Luzia também era do “núcleo radical” daqueles que trabalhavam com o Padre Vilson, aproximam-se. “Foi ali que eu comecei a conhecer a periferia da cidade grande, o Ivan era do Monte Cristo, era uma liderança comunitária ali, a gente tinha uma van da semiliberdade, entrava na van com ele e a gente ia pra tudo quanto é lugar”. A realidade das comunidades empobrecidas da cidade o choca. Observa uma parede tomada de buracos e pergunta, numa reunião, o que eram aqueles buracos. “É tiro, chegou umas armas novas e a galera tava testando anteontem”, alguém o responde. Migrou para outros projetos do centro cultural, cursos profissionalizantes voltados ao mercado de trabalho, e começa a rodar a periferia de toda a Grande Florianópolis. Subia o morro batendo palmas, fazendo-se ver, perguntando aos olheiros do tráfico onde que ficava seu destino, “ô, tenho que ir numa reunião tal, em tal lugar, com tal pessoa, sabe me indicar aonde que é?” O centro cultural gerenciava algo como 40 ONGs, à época, “tinha projeto em toda birosca (risos), e em toda birosca eu ia. Tem o curso de cerâmica lá, eu ia de busão e voltava de busão. Tive bastante contato com a periferia”.

Mas essa linha de frente das organizações não governamentais o incomodava. Sem plano de carreira, estrutura de Estado por trás, de caráter sazonal, focalizado, e ainda por cima, pagava mal. Depois de dois anos, volta para Araranguá. Já em Araranguá, passa a trabalhar na Secretaria de Educação da cidade, atuando como psicólogo no ensino fundamental e depois como coordenador pedagógico. Inspirados por um grupo nacional criado por Rubem Alves e José Pacheco, criam a versão local dos “Românticos Conspiradores”. Nos conta dessa conversa inicial dos fundadores do grupo, de que “não basta ser romântico, é preciso conspirar”. “E a gente começa

32 “A medida socioeducativa de semiliberdade impõe restrição parcial de liberdade ao adolescente, que cumpre a medida em entidade de atendimento, com possibilidade de realizar atividades externas autorizadas, como estudar ou trabalhar, respeitando os princípios da brevidade, excepcionalidade e condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (Brasil, 2025).

a fazer isso em Araranguá na Secretaria de Educação, grupos avulsos, a ideia era de que quem quer mudar uma realidade se reúne e a gente marcava o café dos românticos conspiradores toda semana”. Participavam professores do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina, da Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina), médicos, educadores, as reuniões eram abertas e não havia critério para participar. Era só chegar. “A gente criou cineclube, a gente fez oficina, José Pacheco foi pra região dar assessoria para as prefeituras, começamos a fazer intervenção numa escola rural de Araranguá, levamos o Zé para conversar com a comunidade”. Tentam articular via prefeitura, junto ao secretário de educação, a criação de uma biblioteca numa escola rural, percebem que o poder público não iria mobilizar-se para isso, afinal tratava-se de uma escola rural, no cálculo político a conta não fechava, muito pouco estudante para o investimento demandado. Numa conversa com Edilene, a provoca: “‘ele não vai fazer, isso não significa que a gente não pode fazer’. Falei: ‘vamos fazer?’ E ela falou: ‘vamos, bora!’ [...] a gente fez uns bingos, jantar, [...] e os pais fizeram mutirão e ali a gente começou esse primeiro projeto com a comunidade da escola”. Depois de algum tempo desliga-se da prefeitura. “Eu acabei saindo, tava criando umas encencas na secretaria de educação, o pai ia entrar num cargo que tava surgindo, a AMA, Associação Ambiental de Araranguá, aí colocaram pra ele: pra você entrar nesse cargo o seu filho tem que sair”.

Muda-se para Balneário Camboriú e fica pouco tempo por lá, dando aulas no SENAC. O projeto de cidade voltado aos interesses do Capital não o agrada. Deixo para a imaginação do leitor o tanto de palavra feia que Rafa utiliza para referir-se à cidade, plano de país elitista com seus arranhas-céus de péssimo gosto, praia de sombras tomada de esgoto. Residência, lar do vereador mais pitoresco de toda a nação, faço até aposta, pode juntar os mais de cinco mil municípios, multiplicar por nove, no mínimo, e não precisa ficar restrito a uma legislatura, apenas, pode multiplicar por pelo menos 10, desde 1985, primeira eleição municipal pós ditadura. Pode juntar isso tudo e até somar com deputados estaduais, federais e todo o resto, pode multiplicar e decidir o que será apostado: carro, casa, dignidade, pode, inclusive, começar com um gol de vantagem, sair de brancas, o que quiserem, definir os termos da aposta, o que for, que considero um desafio encontrar alguém mais despreparado para o cargo que Jair Renan Bolsonaro, entre as inúmeras barbaridades que protagonizou, lançou sua candidatura num bingo, foi contra o dia da democracia e até projeto de lei contra furto de fios o *zero quatro* votou contra. Esse aprendeu direitinho

com o pai. Vereador mais votado da cidade, anunciou quando eleito que continuaria honrando os princípios do pai e da família: Deus, pátria, família e liberdade. Que diacho de Deus é esse a gente não sabe; a pátria certamente é aquela que envia porta-aviões para o litoral alheio resguardar os seus interesses econômicos, Doutrina Monroe, o pacote todo; família também fico um pouco confuso que nem a família nuclear essa turma preserva; e a liberdade, bem, a liberdade deve ser a liberdade de coação, liberdade de perseguição, liberdade de extermínio, liberdade de defender uma ditadura, liberdade de ignorar a história, liberdade de ser contra a liberdade dos outros.

Decide ingressar no mestrado. Faltando 10 dias para encerrar a inscrição do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFSC, Rafael muda-se para Florianópolis e no noticiário as informações sobre os Amarildos começam a pipocar, as notícias sobre uma nova ocupação urbana na ilha de Santa Catarina depois de 20 anos, sobre uma ocupação na entrada para Jurerê, o que desperta seu interesse. Já conhecia Luzia, advogada popular, tinha o seu contato. Decide escrever um projeto sobre consciência de classe em ocupação urbana. Começa a participar da ocupação, enquanto rede de apoio, no final de janeiro de 2014. Em fevereiro do mesmo ano entrega o projeto para o PPGE e começa a frequentar os núcleos de estudos, interessou-se, já tinha a vivência junto às comunidades empobrecidas da Grande Florianópolis, do tráfico, das violências, da falta de projetos para a juventude, mas nunca havia cogitado as ocupações urbanas como uma possível solução para as expressões da questão social. “Não era nem pra ter passado no mestrado, fiz a introdução faltava uma hora para colocar no correio. Tinha que sair correndo, imprimir o trabalho, ir no correio”. Passa a frequentar a Ocupação Amarildo continuamente, participa das audiências públicas. Escreve o projeto em janeiro e fevereiro, porém só ingressa no mestrado no segundo semestre:

Quando eu entrei no mestrado para estudar os Amarildos eles já estavam aqui. Escrevi o projeto sobre a SC-401, já tinha passado a SC-401, já tinha ido para os indígenas, fui lá algumas vezes, já tinha tido a batalha do Rio Vermelho, apanhei na cara, saí na capa do jornal, mas isso fazia enquanto rede de apoio, eu nem sabia se tinha entrado no mestrado. Lembro da primeira conversa que tive com a Célia, que foi minha orientadora, disse, ‘cara, esse edital demora demais, os Amarildos já estão lá em Águas Mornas’. Vim aqui algumas vezes, fiquei três anos no PPGE, acompanhei essa fase difícil dos Amarildos que sumiram, estavam passando por conflito interno, e aí até mudei um pouco da minha dissertação, fazendo sobre o processo de consciência de classe em todas as ocupações, pegando o histórico das ocupações urbanas de Floripa, mas vendo naquele Amarildo da

SC-401 como um ápice, uma proposta que ali parece que fundiu todos os movimentos. [...] Quando a Amarildo vai na SC, no coração (da burguesia), depois da ponte, dentro da ilha, com uma proposta mesmo de juntar todo mundo, ali a galera já tava, tipo, 'é revolução, caralho', vamos pegar essa cidade de volta. Teve muito isso, no final não foi tanto como gostaríamos, não estava lá naquela época, mas mostrou uma possibilidade, mostrou que o movimento popular tem força. Você ia numa reunião da frente popular em apoio aos Amarildos tinha cinquenta pessoas, sessenta, tudo que é sindicato ali dentro, tudo que era tipo de universidade lá dentro. Percorri muito participando da rede de apoio e mais pela academia (Rafael).

Termina o mestrado em 2017 e volta para Araranguá. Permanece algum tempo por lá, trabalhando. Período difícil, quando sua mãe teve câncer e acaba falecendo, em 2019, um pouco antes da pandemia. Durante a pandemia ficou trancado no bairro do Campeche, passa bastante tempo atuando com artesanato, participando de feiras, fica um ano numa fazenda marinha, embalando ostras direto para o avião. Deu aulas no CIEE, trabalho precarizado, recebia pouco, sem ajuda de custos. Crises de ansiedade, adoeceu.

Assentamento Comuna Amarildo de Souza

Recebe uma ligação de Luzia, em novembro de 2022, “nós queremos te buscar, pois queremos trocar umas ideias, tomar uma gelada. Estamos querendo fazer uma cooperativa”. Sentaram num bar no Bairro Costeira para tomar uma cerveja, ao lado do mercado Bistek, pastel de camarão, preço popular, ali surge a ideia do instituto Caeté. “E vamos montar esse instituto, eles começaram a pensar aqui, e eu lá, e lá a minha crise de ansiedade batendo. Lembro que começo de 2023 fui trocar uma ideia com a Luzia, almoçar, e tive uma crise de ansiedade na hora”. Luzia o convida para ficar um tempo no assentamento, sair da loucura da cidade, novos ares, em contato direto com a natureza. Começa a frequentar o assentamento de forma mais assídua, ficava na casa de Luzia quando ela estava em Florianópolis, passa a ajudar na cesta agroecológica, reunia-se com Daltro e Pepe para pensarem o Instituto Caeté, sonhando juntos. “E assim o Caeté nasceu, claro, com outras pessoas junto, em março de 2023”. Fica um semestre em trânsito, voltava para Florianópolis, dava algumas aulas, retornava para Águas Mornas, ajudava na cesta.

Fotografia 40 — Arte do chá – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Nesse momento levam um duro golpe, a morte de Pepe, que faleceu de ataque cardíaco, na sua frente, na casa de Luzia. Por conta da tragédia, o Instituto dá uma desmobilizada e retorna para Criciúma para dar aulas e trabalhar nas feiras de artesanato. No final do ano de 2023, passado o luto inicial da perda inesperada do camarada de lutas, num evento em comemoração aos 10 anos da Ocupação Amarildo e aos 11 anos da Ocupação Contestado, na UDESC, voltam a mobilizar a criação do instituto. “O Caeté quer chegar nesse lugar, que seja o espaço de juntar as ocupações numa mesma atividade, e o futebol lá na Marighella foi isso. A gente conseguiu poucas vezes, mas conseguimos”.

Falta espaços de encontro. Esses espaços de encontros não precisam de uma política formal, eles podem ter, mas não precisam. Os movimentos estão cansados desse formato de reunião, que muitas vezes não sai nada, e as pessoas que estão militando, estão militando em vários lugares. Elas estão cansadas. Na semana passada eu fiz reunião uma na segunda, outra na terça, outra na quarta, outra na quinta, outra na sexta. A gente precisa fazer encontros com outra qualidade e outros formatos. Uma outra forma de comunicar o que a gente precisa comunicar para as comunidades. É um processo que a gente tá tentando voltar a construir. Acho que a gente tem que voltar a construir essa ideia do futebol, vamos lá jogar uma bola e depois a gente conversa sobre política, essas coisas tem que interagir mais (Rafael).

Em janeiro de 2024 entende a necessidade de estar mais presente na comuna para conseguir participar ativamente das discussões, da organização do instituto. Negocia o seu ingresso na cesta e vai para o assentamento. Entrega a casinha que tinha no Rio Vermelho e monta uma barraca, um acampamento, e passa a ficar direto

em Águas Mornas, “ou vai ou vai, não tem mais outra possibilidade, ou vai dar certo ou não vai dar certo, mas agora é comprometimento, não tem como fazer as coisas pela metade”.

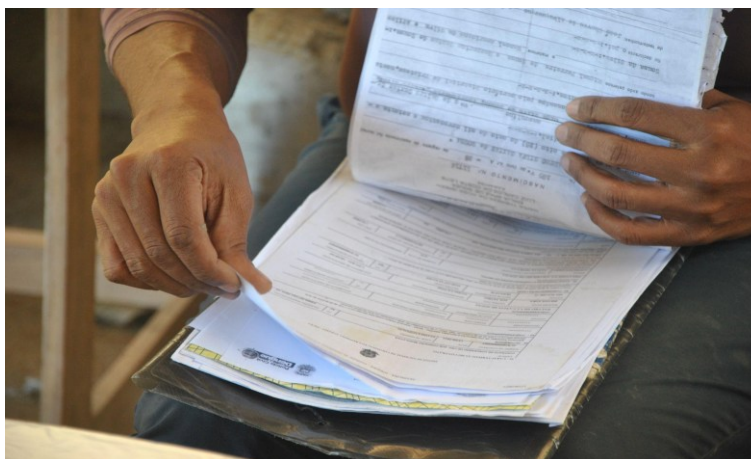
Fotografia 41 — Assentamento Comuna Amarildo de Souza II – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

No final de 2024 é realizada uma assembléia na comuna sobre a possibilidade de Rafael passar a morar lá de forma definitiva, construir um espaço, uma casa, tornar-se um assentado também. Moção aprovada pelos moradores, é feita a requisição junto ao INCRA, o Contrato de Concessão de Uso (CCU). Em agosto de 2025 o seu pedido é acatado pelo instituto, tornando-o finalmente um assentado da reforma agrária. “Agora eu tenho a possibilidade, a segurança, de que não, daqui eu não saio mais, vou construir uma casa”.

Fotografia 42 — Daltro procurando o Contrato de Concessão de Uso – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025).

Sonho que se sonha junto é realidade

A rede de apoio dos Amarildos desmobilizou-se ao longo do tempo. Esvaziou-se. A espacialidade do assentamento, a distância, o atropelo do tempo apressado do relógio, da história impositiva da sobrevivência cotidiana, das novas causas, e são tantas, das novas bandeiras. A reorganização dessa rede de apoios torna-se um *projeto* dos assentados: participar ativamente dos encontros, reuniões, fazer-se presente em atividades culturais, retomar o “samba da comuna”, movimentar-se. “A gente tem que começar a fazer reunião, a ir atrás, voltar para Florianópolis fazer atividade”

A gente tem que chamar todos os laboratórios, e a ideia é fazer no NIMPE, e dizer cara, isso aqui é o Caeté, isso aqui é o assentamento, e a gente tá precisando fazer isso, o que vocês podem ajudar, o que vocês podem entrar de parceiros nessas metas que a gente chegou pra gente estar trabalhando. Começando essas parcerias, começando a buscar essas parcerias na universidade, é aquelas coisas que vão chegando, ‘nos convidaram para a roda de conversa junto com o MST, vamos lá’, parte das coisas vieram pelo TMT, pelo grupo, a Sandra entrou e postou uma viagem para a escola de Fraiburgo para remontar uma biblioteca. A primeira eu fui sozinho, era uma vanzinha, foi só os professores da UDESC, fui de peru total. Cheguei no estacionamento da UDESC, a Tereza da Bilica ficou me olhando com uma cara estranha, depois a gente sentou um do lado do outro na frente, e depois ela até me falou assim, ‘eu fiquei te olhando com uma cara estranha, quem é esse cara vai com a gente, não é estudante, não é professor’. E só tinha eu! O resto tudo, claro, eu era do TMT mas não aparecia na universidade mais de trozentos anos, a viagem foi em 2023, a última reunião que participei do TMT foi em 2017. Ali começou, conheci a Bel Serrão, conheci a Tereza. [...] Encontrei a Bel, a Bel veio falar dos livros, que sobrou uns livros, falei ‘não, vamos puxar uma biblioteca do Caeté em algum lugar’, então as ideias foram se puxando também, sempre em parceria com professores universitários. Depois vem a Bilica e fala: a gente tem os livrinhos para doar para essa ideia (Rafael).

A ideia de que o movimento possibilita o encontro e que o encontro também possibilita o movimento. É dialético. Quando fui para Fraiburgo participar das comemorações dos 35 anos da Escola 25 de Maio, nossa atividade, participação nas festividades enquanto bolsistas do Departamento de Esporte, Cultura e Lazer (DECL), era promover uma oficina de futebol brincante, como gostamos de pensar o trato pedagógico que norteia a nossa proposta, *libertadora-biocêntrica*, a vida como o centro das nossas brincadeiras futebolísticas. Já contei um pouco sobre esse encontro ao longo do texto, e esse talvez seja o grande fio condutor que direciona essa pesquisa, e talvez por isso, seja importante reforçar: uma política, um projeto de extensão, é feito por pessoas. Os movimentos sociais são feitos por pessoas, um programa de pós-graduação é feito por pessoas. Existe um norte, óbvio, um caminho,

existem diretrizes, um planejamento, objetivos, metas, estratégias, tudo isso. Mas nenhum fazer é deslocado da realidade, de sua temporalidade, de sua espacialidade, dos desafios e possibilidades do tempo presente, das condições objetivas. Nenhum fazer se dá à priori, o caminho se faz caminhando. Nas conversas aleatórias, ainda um pouco tímidas, do ônibus, na ida, numa parada rápida para fumar um cigarro, beber um café, durante a limpeza do banheiro, feita de forma coletiva, nos almoços, nos cafés da manhã, nos jantares, nas pausas, nas lidas, nas conversas aleatórias, já um pouco desinibidas, do ônibus, na volta. Baixar a guarda, reconhecer os aliados, traçar estratégias, pensar coletivamente a vida.

Aí na segunda viagem, a gente foi junto, você foi também, aí veio “não, que é esse NIMPE”. Aí você foi colocando pulga atrás da nossa orelha. “tem o NIMPE lá, o espaço que a gente precisa ocupar”. Então a gente começa a estabelecer relação dessa forma. A gente foi retomando as atividades históricas, a gente retomou o samba da comuna, inclusive para esse projeto da biblioteca [...] é engraçado, né, porque é uma trajetória, é biográfica mesmo, ah, nos encontramos aqui em tal lugar, daqui surgiu uma ideia que surgiu uma relação, vamos. E daquela ali ela te leva para um outro encontro que te leva para outra ideia e dali vai. É nesses encontros que vai surgindo essas ideias, essas possibilidades de parcerias, essa identificação de necessidades, que nasce de uma conversa, “ó, quem sabe a gente não faz isso com isso” (Rafael)

Um núcleo de integração multicultural popular esportivo, o futebol e sua potência mobilizadora. Avançar, prosseguir. Metas coletivas. Ação coletiva. Ocupação do espaço coletiva. O próximo passo, a necessidade de uma sede autônoma para possibilitar a presença orgânica dos movimentos sociais na universidade. Trabalhadores, estudantes, comunidade em diálogo. Sem hierarquia verticalizada, bruta, sem burocracia paralisante, impessoal, que distancia um sonho: a universidade construída e protagonizada por pessoas reais, desencasteladas, a universidade voltada para os dilemas da realidade social brasileira, comprometida com a formação crítica, com o conhecimento emocionado; comprometida com a soberania nacional, a *Universidade Necessária* (1978):

Um espaço ajuda a organizar. Com a nossa proposta de uma escola popular de tecnologia a galera tem falado “Rafa, Daltro, a gente precisa de um espaço, também”. Pra levar os computadores, sei lá, de repente descer a galera da Serrinha e a gente dar um curso, ensinar eles a arrumar computadores, mas a gente precisa de um espaço que a gente consiga se encontrar. Até porque não é mais estudante, a gente quer atrair os estudantes, mas a gente tem muita gente que trabalha oito horas por dia, tá indo à noite militar, à noite quer dar um curso para alguém. A galera tá se deslocando para a Marighella, todo sábado, mas se tivesse outro lugar em Floripa a galera tava ali, porque era mais rápido, quarta à noite, terça à noite, vamos ensinar essa galera montar e desmontar computador, hoje é mais

importante ter clube hacker do que na época que eles foram criados, porque hoje a gente tá nas mãos das big techs, porque hoje a gente tem as fake news, a gente tem o bolsonarismo na palma da mão e a gente não tem um espaço para estar enfrentando isso (Rafael).

Rafael perguntaria: onde está o conhecimento, Paulo Freire? “Isso eu peguei um pouco da mãe, encosta e aprende”. Seguimos com o pensamento raulseixista: “sonho que se sonha junto é realidade”.

Fotografia 43 — Na lei ou na marra – Águas Mornas/SC



Fonte: arquivo do autor (2025)

4.3. PERIFERIA É ASSIM MESMO E AINDA RESISTE

A polícia ensinou que a justiça é sem valor
RZO – Pirituba (Parte 2)

Pensei em começar essa análise de tantas formas, afinal trata-se de um trabalho acadêmico, método científico, há um rigor exigido e tudo que envolve um estudo desse porte, ainda que não seja uma tese, há necessidade em referenciar os debates aqui propostos a partir de autores, conceitos, categorias, apresentar o norte da pesquisa, seu método e, sobretudo, dialogar com os achados, analisar os dados, destacar as informações relevantes que surgem no decorrer do texto, no decorrer da pesquisa.

Optei escrever as biografias no formato de um ensaio. Não sou um grande ensaísta, longe disso, e peço desculpas, de antemão, por tamanha ousadia. Mas entendo, como já disse outras vezes ao longo do trabalho, que o caminho se faz

caminhando, e penso que a escolha do formato, além de possibilitar uma escrita mais solta, permite esse mergulho nas histórias, sem exigir do leitor tantas interrupções que o diálogo no corpo do texto com autores, categorias, conceitos, notas de rodapé, exigem. Não há compromisso inflexível com as vírgulas do texto, digo, não escrevo um texto para ser compreendido em sua totalidade, há muito espaço para subjetividades, eu viajo, sei disso, por exemplo, do mais absoluto nada começo a citar alguma letra de música, “barro, pedra, pó e nunca mais”, do álbum Geraes, de Milton Nascimento. Reli esse excerto e achei engraçado, dei risada, aparece do nada, um pouco solto, mas além de rir, emocionei-me profundamente, tanto ao escrever, e depois, quando reli. Emociono-me agora, também, quando escrevo sobre aquilo que escrevi. Esse é um texto profundamente emocionado, e não estou gastando adjetivo à toa, há uma profundidade nessa emoção compartilhada, inédita para mim, é também um texto inserido dentro de um momento de minha vida de descobertas, descoberta da minha voz, tenho recitado em saraus, seminários, exposições; descoberta de um novo estilo de escrita, bem doida, completamente influenciada por uma pessoa que chegou em minha vida recentemente, uma poeta mineira conhecida pelo nome de Luiza. A vida é tanta coisa.

Esse não é um texto que foi escrito, óbvio, estou escrevendo agora e quem o está acessando, está lendo escrito, provavelmente numa tela de computador. Talvez o leitor tenha imprimido e rabiscado alguns trechos, “como fala besteira esse menino”, talvez só a banca o leia, tirando o orientador, claro. Beijo, Fábio, obrigado por tudo. Esse texto foi declamado, gravado em áudio, surgiu enquanto comia um mamão e escutava Mateus Aleluia, “no amor não mando, me manda o amor”. Estava comendo a fruta e pensando numa crônica que li logo cedo. “Sobre o direito à cidade”, do escritor José Falero. Num dos trechos a crônica fala assim: “[...] Frequentei as quebradas mais profundas desta cidade e, ocasionalmente, alguns dos setores mais luxuosos também. Só que eu nunca tive direito a Porto Alegre. E, mais do que isso, nunca tive sequer consciência de não ter direito à cidade”. O escritor conta como começou a se reconhecer na cidade a partir dos encontros, das pessoas, das memórias, da luta pelo direito à moradia expressa numa ocupação chamada “utopia e luta”. As ruas do centro, antes indiferentes, passaram a conversar com o autor, passando a sentir-se pertencente àquele território. O título faz referência ao livro de Henri Lefebvre, *O direito à cidade*, que compõe a escrita do prefácio do seu primeiro livro, *Vila Sapo*. “A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças,

conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (Lefebvre, 2001, p. 22).

Coincidentemente, estou com os três livros em mãos. Emprestei esses dias da Biblioteca Universitária da UFSC, *Mas em que mundo tu vive*, inaugurei a leitura do exemplar, adquirido recentemente por indicação do meu amigo Jonaz Gil, professor do Departamento de Serviço Social e que fez a solicitação por um pedido meu. Brinco que irei colocar a façanha em meu currículo Lattes, ser o primeiro a emprestar um livro novo, junto do dia que fui o primeiro a entrar no Restaurante Universitário. Risos. *O direito à cidade* quem me emprestou foi o Maurício, professor aposentado da mesma universidade e uma grande inspiração para mim. Já o *Vila Sapo* quem me emprestou foi uma amiga querida, assistente social como eu, chamada Camila. Emprestei *Vera*, um romance do mesmo autor, e ela me emprestou *Vila Sapo*, um livro de contos. Os empréstimos mútuos ainda renderam uma prosa das boas num bar chamado *Bugio*, no centro leste da cidade. Beijo, amiga, *bora* marcar aquela viagem para Antonina. A vida é feita de encontros.

Esse rabisco é também uma expressão da minha intimidade, escrever é confiar ao leitor parte daquilo que nos é sagrado. Uma escrita (auto)biográfica que se dá no cruzamento reflexivo das trajetórias aqui descritas, tanto dos sujeitos biografados, quanto do pesquisador, que também se coloca no corpo do texto.

O direito à cidade

O filósofo francês Henri Lefebvre (2001), compreende a habitação como direito fundamental do homem, não apenas como abrigo físico, depósito de gente, mas a habitação que garanta condições básicas de saúde, mobilidade, respeitando e dialogando com os aspectos culturais, a cidade construída e pensada por aqueles que a vivem, por aqueles que estão presentes no cotidiano das relações urbanas. As decisões que envolvem o rumo das cidades, do espaço urbano, protagonizadas por movimentos sociais, pela classe trabalhadora. Dessa forma, a cidade tornada própria, expressando os anseios, necessidades e vontades daqueles que nela vivem (Pereira; Santos, 2024).

Não é a consciência que determina a vida (social), mas a vida que determina a consciência. A libertação é um fato histórico e não um fato intelectual. Impossível libertar os homens enquanto eles não forem capazes de adquirir

o que lhes é necessário para viver: alimentação, bebida, habitação, vestuário em qualidade e quantidades perfeitas (Vollstandig, p. 53, apud Lefebvre, 1999, p. 46).

Não a cidade pensava e voltada para os interesses das classes dominantes, que sequer a vivenciam, tomando decisões de dentro de seus iates, de suas mansões, sequer impactados pelas consequências das escolhas que impelem aos outros. A cidade produtora de valor de uso, voltada aos interesses daqueles que a vivem cotidianamente (Lefebvre, 2001). Pensar a habitação, o *habitar*, dessa forma, é também pensar o acesso ao comércio: mercado, farmácia, padaria; é também pensar o acesso aos serviços básicos: escola, saúde, lazer. É pensar os deslocamentos necessários para acessar tais serviços, é pensar as condições de transporte público, é pensar a qualidade de vida dos moradores, os impactos da distância excludente das políticas de lazer, por exemplo, a espacialidade, os territórios, a distância dos centros urbanos e a marginalização do acesso. “[...] Quer exista ou não ‘sujeito’ ao qual a análise possa imputá-lo, que seja o resultado global uma consequência de ações não combinadas ou efeito de uma vontade, o sentido político da segregação como estratégia de classe é bem claro. [...]” (Lefebvre, 2001, p. 101). Nesse sentido, promover o direito à cidade é mais do que apenas construir casas.

O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) é um exemplo disso. Política habitacional de extrema importância, quando esvaziada do diálogo com a cidade, sua infraestrutura, quando esvaziado do diálogo com as necessidades básicas da população público-alvo, da promoção do acesso aos equipamentos públicos, acaba reforçando esse cenário de exclusão. Lembro-me, quando estive em Altamira, de observar um mundaréu de casas, algo como mil residências, uma colada na outra. Estavam destinadas a realocar os moradores ribeirinhos, expulsos de suas casas devido à inundação promovida pela barragem da hidrelétrica de Belo Monte. A ligação com a terra, com o rio Xingu, com um estilo de vida conectado com a natureza, pescadores, agricultores, a relação com os vizinhos, com o espaço, nada disso foi considerado. Foram realocados para o depósito dos rejeitados, ignorados nas suas particularidades, sequer consultados. A diáspora ribeirinha, como bem lembrou a reportagem do Portal Sumaúma, veículo de comunicação fundado pela brilhante jornalista Eliane Brum.

O PMCMV, na Grande Florianópolis, segue lógica parecida. Respondendo aos interesses de lucro das grandes empreiteiras, os empreendimentos construídos à margem dos núcleos integradores, reforça a segregação socioespacial, “[...] fortalecendo a dinâmica de urbanização desqualificada e dispersa: expansão urbana fragmentada e precária, geradora de problemas a curto, médio e longo prazo” (Pereira; Santos, 2024, p. 73). A escassa rede de infraestrutura e serviços urbanos, as longas distâncias do local de moradia do trabalho, o tempo despendido nesse deslocamento, a malha urbana desarticulada, reforçam a precarização das condições de vida das camadas populares, “[...] ao contrário de estimular a produção de moradia bem localizada, como reivindicava parte importante dos movimentos sociais ligadas ao ideário do Direito à Cidade, estimulou a produção periférica de habitação popular” (Pereira; Santos, 2024, p. 73). Como bem lembrou Lefebvre (2001), o *habitat* em oposição ao *habitar*. O valor de troca sobrepondo-se ao valor de uso:

Os aspectos urbanísticos foram deixados em segundo plano e o complexo equilíbrio entre quantidade e qualidade foi pouco trabalhado. A preocupação central em redução de custos, produção em série e quantidade acabou por tornar difícil a produção de boa arquitetura, de bom urbanismo e, consequentemente, de boas cidades. Nestes casos, em grande medida, foram privilegiados os interesses das grandes construtoras e incorporadoras imobiliárias no País (Pereira; Santos, 2024, p. 74).

Não há limites para o sadismo dos representantes da burguesia. Recentemente o prefeito toupeira de Florianópolis, vulgo Topázio, anunciou, via redes sociais, que havia criado um posto de controle migratório na rodoviária da cidade. Mobilizou assistentes sociais para inquirir cidadãos pela rodoviária buscando investigar, descobrir aqueles que chegavam à cidade e não possuíam comprovante de residência, despachando-os de volta à suas cidades de origem caso não tivessem como comprovar vínculo residencial. Certamente o olhar inquisidor dos executores terminais da política higienista direcionada por preconceitos de raça e classe, o público-alvo da abordagem, pessoas em situação de vulnerabilidade. Obviamente o aeroporto da cidade não contará com tal posto de controle. A medida aporofóbica, que ignora o direito fundamental constitucional de ir e vir da população, é mais uma expressão do caráter elitista que direciona os rumos da ilha de Santa Catarina, quarto maior valor do metro quadrado construído entre as capitais brasileiras (Pereira, 2024). “Nas últimas décadas, o capital privado tem se organizado de forma institucional de modo a buscar a hegemonia na forma de conduzir os destinos da cidade [...]” (Pereira,

2024, p. 102). Não são poucos os exemplos: arquitetura hostil, gentrificação, lei de internação involuntária, um reacionarismo promotor de exclusão e cerceamento, promotor de xenofobia. O direito à propriedade privada que sobrepõe-se a todos os outros direitos. “A cidade é espaço real de conflito, porque também há nela a possibilidade do não direito à cidade [...]” (Boppré, 2024, p. 55). A cidade compreendida a partir do seu valor de troca, a cidade do Capital (Lefebvre, 1999).

Henri Lefebvre indicava que a cidade capitalista empurra para os espaços periféricos todos aqueles que não participam dos privilégios políticos. O objetivo da cidade neoliberal é minimizar ou até mesmo eliminar dos espaços públicos das cidades todos aqueles que incomodam, principalmente aqueles que dormem em bancos, armam uma barraca para dormir ou simplesmente perambulam por esses espaços (Pereira, 2024, p. 97).

Ainda que o planejamento urbano hegemônico articule e represente os interesses do modo de produção dominante, faz-se necessário disputar a cidade, disputar o rumo das políticas públicas, disputar as instituições (Boppré, 2024). Pereira (2024) indica que “[...] o planejamento urbano precisa considerar a existência das pessoas que vivem nas ruas, calçadas e becos da cidade na busca do pleno direito à cidade, valorizando o valor de uso do espaço urbano” (Pereira, 2024, p. 111). Uma transformação cultural, política e econômica em busca de uma cidade inclusiva (Pereira, 2024).

As pessoas valem pelo lugar que nasceram

Num sábado, 15 de novembro de 2025, feriado só que não, a data comemorativa do primeiro golpe da república, jogaram na ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, só que também não, todos iguais perante a lei, *pero no mucho*, Avaí x Remo. O jogo não valia nada para o time do Guga, no meio da tabela, sem chances de subir para a primeira divisão ou de ser rebaixado. Já para o Remo, equipe tradicional do norte do país, da linda Belém do Pará, valia a vida, ou melhor, a permanência entre os quatro primeiros da tabela na penúltima rodada do campeonato, ou seja, vencer e depender só de si para subir na última rodada, em casa, num confronto direto contra a equipe do Goiás, também postulante ao acesso. Sem disputar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro desde 1993, a massa azulina mobilizou-se em peso para comparecer à partida no Estádio da Ressacada, no sul da ilha. Lotaram o setor destinado à torcida visitante, numa mobilização talvez inédita para uma equipe tão distante, mais de três mil e quinhentos quilômetros

separando Belém de Florianópolis. Já fiz essa viagem e digo que é um trecho e tanto, literalmente cruza o país de extensão continental chamado Brasil. Uma reta que só, a famosa Belém-Brasília e mais um tanto para baixo. Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina. É chão!

O Remo é um clube regional, assim como o Coritiba. Ninguém nasce em Biguaçu, Antônio Carlos e escolhe torcer pelo Remo, ninguém é doido o bastante em escolher torcer para um time de uma região longínqua fadado a conquistar nada de relevante, assim como o Coritiba. Sempre que digo que torço para o Coritiba, brinco na sequência: “só poderia ter nascido em Curitiba para torcer pelo “coxa”, já viu alguém torcer pelo time tendo nascido em outro lugar? Mas fica tranquilo que não sou lavajatista”. Não se trata de um clube de torcida estadual, nem isso, passando o primeiro planalto, rumo à Ponta Grossa, já não se encontra mais torcedores do alviverde paranaense. O mesmo com o Remo. Não poderia precisar se é, também, um clube municipal, mas imagino que sim. Assim como no Paraná, onde a maior torcida é a do Corinthians, um time de fora, no Pará, é a torcida do Flamengo, clubes de torcidas consideradas “nacionais” e que não demandam grandes esforços para lotarem o setor visitante de qualquer estádio pelo país, afinal contam com aficionados locais em todas as unidades federativas da nação.

O que não é o caso do Clube do Remo, ou não deveria ser, afinal quem torce pelo time é natural da cidade de Belém, ou no máximo, do Pará. É o caso de Renata, uma amiga que cursa a graduação em Serviço Social, torcedora do clube e natural de Belém. Quando me disse que ia ao jogo alertei que era “jogo de guerra”, sabendo que a torcida organizada do Avaí, “Mancha Azul”, mantém aliança com a “Terror Bicolor”, torcida organizada do Paysandu, rival do Remo. Renata é imigrante, assim como a maioria dos torcedores da equipe presentes na partida decisiva. Segundo dados do censo realizado pelo IBGE, em 2022, o estado de Santa Catarina recebeu mais de 44 mil imigrantes oriundos do Pará entre os anos de 2017 e 2022, só sendo superado por São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, estados vizinhos. Um número impressionante e que explica a presença maciça de torcedores do clube na partida decisiva. Ainda segundo o IBGE (2022), são mais de 80 mil paraenses vivendo no estado, um movimento migratório impulsionado pela procura por postos de trabalho e que tem, segundo o Observatório das Migrações da UDESC, nas relações familiares um ponto de apoio, algo recorrente nos movimentos migratórios, como também

aponta Durham (1984): “[...] O imigrante bem sucedido é um canal de mobilidade para todo o grupo de origem” (Durham, 1984, p. 139).

Voltando a partida, apesar do jogo não valer mais nada para o Avaí, quem gosta de futebol sabe que não existe jogo vencido de véspera, “o jogo é jogado e lambari é pescado”, talvez um dos esportes que mais comportem a imprevisibilidade (Wisnik, 2008), capaz de promover resultados inexplicáveis, como quando o Coritiba goleou o Flamengo por 5x0 em 2009, ano que o time da capital das araucárias foi rebaixado e o rubro-negro carioca sagrou-se campeão nacional. Pois bem, o Remo perdeu a partida decisiva para o Avaí por 3x1, num jogo marcado por confrontos entre as torcidas e que, infelizmente, também foi palco de ofensas xenofóbicas, racistas, por parte de uma fração da torcida do Avaí, dos camarotes, diga-se, contra os torcedores do *leão do norte*. Num vídeo gravado, dois ou três torcedores do *leão da ilha* ofendem os torcedores da equipe paraense com gritos de “seus feios”, “vieram montado de jegué pra cá”, “gastou o salário pra vir, agora vai embora a pé”, e entre risadas, seguem gritando “o prefeito não quer tu aqui em floripa”, “vai embora de jegue”, “olha pra cor”, apontando para o próprio rosto. “Pobre aqui não fica”, “tão com fome, querem comer? Aqui tem a comidinha de graça”³³.

O deboche ao proferir as ofensas torna o vídeo ainda mais caricato. Ridículo, grotesco. A citação ao prefeito da cidade e sua política higienista de controle migratório, “chegou aqui sem rumo a gente manda de volta”, demonstra que a ação inconstitucional de controle social é respaldada por parte da população. Assim como as torcidas do Coritiba e do Remo, a filiação ao Avaí também responde à uma questão geográfica: quem torce pelo clube geralmente é natural da cidade. O “nós contra eles”, antipolítica produtora de fissuras que elegeu Jair Bolsonaro em 2018, potencializado pelo clubismo: a transformação do adversário em inimigo. O exemplo é oportuno, demonstra o desserviço que esse tipo de ação ilegal promove no imaginário, um passe livre para o cometimento de crimes. Um incentivo, a impunidade chancelada pelo poder executivo.

O racismo institucional, uma exclusão a priori que visa bloquear o enraizamento social. A precarização e inferiorização dos imigrantes, a globalização de políticas migratórias restritivas, seletivas e repressivas. A radicalização de políticas neoliberais, a difusão de discursos anti-imigrantes, uma “[...] categoria de sujeitos

33 Em referência à música *Zerovintem* do Planet Hemp (1997).

com menos direitos, entregando ao mercado de trabalho pessoas de joelhos e altamente vulneráveis a chantagens” (Perocco, 2019, p. 16). Segurança nacional, um grande pacto. Salvem as pedras portuguesas e o futuro do agronegócio, abençoem as armas das tropas de choque. Os Imigrantes entendidos como seres inferiores, fonte de todos os males e perigos sociais, força de trabalho inferiorizada (D’agostini; Vendramini; Tilton, 2023).

Contei esse caso lamentável nesse preâmbulo um tanto extenso para situar o momento presente que a pesquisa ocorre. Ou melhor: em que a pesquisa é exposta através da escrita. Parece inacreditável, mas não é. Infelizmente não é. A compreensão de que esse tipo de comportamento arbitrário instituído pelos representantes do discurso promotor de diferenças é a expressão do abismo moral que a extrema-direita representa. Não é algo que se dê destaque. Trata-se de um projeto: “[...] a redução dos direitos dos imigrantes conduz à redução dos direitos de todos, inclusive dos autóctones” (Perocco, 2019, p. 17).

O avanço do reacionarismo ocorre em escala mundial. No Brasil, na Argentina, nos EUA, em Israel, na Itália, na França, tendo sempre o estrangeiro, o de fora, centralidade negativa na retórica bélica dos representantes do discurso nacionalista. Um alvo. E não se trata, apenas, de nacionalidade. As diferenças regionais também entram na conta, engrossam o discurso de produção de diferenças hierarquizantes. “[...] Há patriotismos regionais mais vigorosos que os patriotismos nacionais” (Sayad, 2000, p. 10). Quem tem direito à cidade e quem não tem.

Os imigrantes sofrem discriminação cotidianamente por serem de fora, estrangeiros, estranhos, “portadores” de doenças. Os afrodescendentes sofrem ainda a discriminação por serem negros; os árabes por serem muçulmanos; as imigrantes por serem mulheres. Nas escolas e universidades, nos meios de comunicação, nos discursos políticos se difunde uma imagem falsa e distorcida do imigrante, estigmatizando-o e inferiorizando-o, com o objetivo de subalternizar os trabalhadores imigrantes visando explorá-los ao máximo e dificultar o seu enraizamento social (Vendramini, 2024, p. 22).

As pessoas valem pelo lugar que nasceram. A xenofobia, o racismo, discriminações que ultrapassam uma relação entre classes, muitas vezes atuam enquanto projeto de enfraquecimento da unidade da classe trabalhadora. Essa criação de assimetrias, do outro, do estranho, do estrangeiro, que representa uma ameaça, alguém que está ali para roubar os “nossos” empregos na “nossa” cidade. Segundo Sayad (1996), todo o conceito de Estado-nação gira em torno das

diferenças, sempre negativas, para o outro, e ainda que façamos parte do mesmo país, “[...] há patriotismos regionais mais vigorosos que os patriotismos nacionais [...]” (Sayad, 2000, p. 10). “A culpa é do nordeste”, disseram os golpistas quando o seu projeto de ditador, o “imbrochável”, perdeu a última eleição.

Os subempregos, a ausência de redes de apoio, o desenraizamento, “[...] a irregularidade não é uma escolha dos imigrantes, é uma estudada condenação institucional [...]” (D’agostini; Vendramini; Titton, 2023). Um acolhimento fragmentado e desigual (Baeninger, 2020). Segundo Canella e Peres (2024), a cidade como parte condicionante de reprodução do capital.

O homem na estrada recomeça sua vida

Filhos de mães professoras, pais progressistas, movimento negro, base freiriana, a luta pela democracia vem do berço. O solo da revolução é o *projeto de ser*, “como coisa real por fora”. “O mundo é para quem nasce para o conquistar. E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão”. O excerto acima do poema *Tabacaria* (1928), já citado anteriormente ao longo deste trabalho, ajuda a iluminar a noção sartreana de *projeto* aqui mobilizada. O *projeto de ser*, nesse sentido, difere-se do *desejo de ser* à medida que se constitui como práxis, incrustado no cotidiano de atuação daquele que o ambiciona. Morar numa ocupação, sem acesso à luz, água, passando fome, à mercê de inúmeras violências, imagino que não seja a ambição de ninguém. Como se o perrengue se dignifica algo. Sobretudo num país onde a gênese do trabalho é o trabalho escravizado, “sendo o trabalho para o escravo uma maldição e o ócio o bem inalcançável” (Furtado, 2020, p. 212). A punição a partir do trabalho, expressa no primeiro código penal do Brasil República, enquadra quem tem direito ao lazer e quem não o tem, dois movimentos “[...] simultâneos e não excludentes: a construção de uma nova ideologia do trabalho e a vigilância e repressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciárias” (Chalhoub, 2012, p. 47). Como diria Raul Seixas: “nada de novo no fronte, treze vezes anteontem”.

A irregularidade como uma estudada condenação institucional, como afirma Pietro Basso (D’agostini; Vendramini; Titton, 2023). Esses dias o cantor Mano Brown, ao referir-se ao combativo Deputado Estadual pelo Paraná, Renato Freitas, afirmou: não há glamour, há luta. Não há glamour na vida de Daltro, há luta. Não há glamour

na vida de Rafael, há luta. O discurso xenofóbico mobilizado contra os imigrantes, muitas vezes proferido por pares da classe trabalhadora, está deslocado da realidade de quem ocupa um terreno. O escasso salário mínimo não comporta os gastos necessários para a reprodução da vida, o aluguel retira da mesa a “mistura”, “vendendo o almoço para pagar a janta”. O direito à cidade torna-se privilégio de classe quando o valor de troca assume-me como norte das políticas. As políticas habitacionais, por exemplo, respondendo aos interesses de lucro das empreiteiras, alocando enormes contingentes populacionais em lugares isolados, com escassos equipamentos, impondo inúmeras dificuldades para a locomoção, lazer, etc., não garantem aos sujeitos o que Lefebvre conceitua como *Habitar*. A longa distância de Águas Mornas de Florianópolis, pegando o caso dos sujeitos biografados, é um desafio recorrente quando se trata de pensar os tantos desdobramentos que os assentados precisam lidar: como escoar a produção, manter o diálogo aceso com as ocupações, ainda carentes de regularização e que tem na Amarildo um exemplo, uma possibilidade concreta. É importante manter o diálogo, manter a unidade. As dificuldades não cessam com a regularização. Ao contrário do Plano Safra, política voltada ao agronegócio, e seu orçamento volumoso que supera os 500 bilhões de reais, a agricultura familiar, agroecológica, não conta com tantos subsídios assim, redes de escoamento da produção, financiamento. Não conta com mais de 350 deputados federais representando seus interesses econômicos. É tentativa e erro, trabalho de formiguinha, como nos disse Daltro.

É trabalho de uma vida. É a compreensão coletiva da vida, da produção, do uso equilibrado dos recursos, do acesso a uma alimentação saudável, uma alface agroecológica não pode custar 15 reais, é preciso garantir, inclusive, o “direito ao paladar”, frase que escutei numa mesa no lançamento do programa *Raízes do Brasil*, iniciativa do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) que visa democratizar o acesso a alimentos orgânicos, saudáveis. Nesse sentido, não basta disponibilizar o alimento, é necessário buscar estratégias para contornar paladares viciados nos gostos exagerados dos alimentos processados, altamente viciantes e nada nutritivos. É preciso que exista tempo disponível para se cozinhar um alimento saudável. É retirar da equação o atravessador, é colocar o produtor em contato direto com o consumidor, é humanizar a alimentação.

É o compromisso com uma causa, com um território, é o compromisso com um tempo e seus desafios, é lutar contra o fim do mundo, contra o uso predatório dos

recursos que o modo de produção dominante e sua tendência expansiva impelem ao planeta. É radical, não há outro caminho. Não há reforma que dê conta, a conta não fecha. A Conferência do Clima, COP 30, por exemplo, a reunião de uma malta de destruidores falando em capitalismo sustentável. É o valor de troca definindo o rumo do mundo, o lucro acima da biocapacidade de regeneração do planeta. Não vai caber todo mundo na barca para marte e sinto informar ao fã-club de bilionários: vocês não estarão na lista. O Titanic chamado Planeta Terra está afundando e a primeira classe, que não vivem as agruras dos impactos ambientais gerados por seu uso predatório dos recursos naturais, impondo ao coletivo, ao todo, seus interesses privados. “Enriquecer é glorioso”, assim anunciava a capa da revista *Veja*, edição número 2252, ao apresentar a biografia do atravessador de minério ilegal, Eike Batista, outrora herói, hoje petista.

Contar novas histórias, registrar as memórias, enveredar caminhos. Nós ainda estamos no salto, vivendo um momento histórico, como tantos outros, mas bastante significativo: jornadas de junho, megaeventos, golpe institucional, lava-jato, pandemia, fila do osso, negacionismo, genocídio, nova tentativa de golpe, terceiro governo Lula, os primeiros quatro estrelas encarcerados depois de tantas anistias concedidas e passadas de pano acumuladas durante os últimos 136 anos. Isso não é pouco. Os anos noventa, aquela mistura do Brasil com o Egito, ninguém sabendo direito para onde ir e como chegar, propaganda de criança fumando cigarro de chocolate, sabonete sendo disputado num domingo legal em família, o entreguismo do discurso privatizador em alta, reeleição comprada e tá tudo bem, PC Farias assassinado, vida que segue. Anos dois mil pra frente, outro mundo é possível? Tudo muito recente, à luz da história ainda está acontecendo. Entender uma época a partir dos sujeitos, entender um território a partir das suas complexidades. A gente está falando de movimentos migratórios no Brasil, país de dimensão continental, marcado por inúmeros biomas, ciclos econômicos diversos e composto por uma miscelânea cultural. A gente está falando do país que mais recebeu escravizados no mundo, do último país das Américas a abolir a escravidão, a gente está falando de uma elite sanguinária que segue acima da lei, o tal do jeitinho brasileiro é a impunidade histórica que marca a relação de poder dos donos do país, os donos da terra. A genealogia do poder, o patrimonialismo arraigado do estado brasileiro. A gente está falando de um modelo de polícia militarizada, treinada para a guerra, a gente está falando de um país que promove chacinas no campo e na cidade de forma institucionalizada, a gente

está falando do maior movimento social da América Latina, a gente está falando de quem resiste nesse país tão contraditório, rico e pobre ao mesmo tempo, bonito e sanguinário no mesmo cartão postal, “de frente para o mar mas de costas pra favela”³⁴. Falando justamente disso: é a estética da fome, que é bruta, ruído, barulho, desfocada, inconformada. É o cinema novo de Glauber Rocha, é o cinema contemporâneo de Kléber Mendonça Filho. É movimento, é histórico, fazendo da falta o seu lucro, disputando, contando história. É Carolina Maria de Jesus escrevendo sobre o seu *Quarto de Despejo*, é Daltro ocupando o centro de convivência da UFSC, é Lilia Guerra sendo acusada de furto na Flip (Mari, 2025), é Rafael não tendo onde morar depois de uma vida de lutas. A gente está falando do país real, machadiano, de resistências e de muita beleza. A gente está falando da reinvenção do futebol, tratado como nosso. O Mario Filho já falou sobre isso lá em 1947. A gente está falando desse futebol promotor de encontros, que promove o direito à cidade, dessa ferramenta que permite o diálogo e aproxima os sujeitos. A gente está falando do movimento circular da capoeira, do samba, a gente está falando dos começos, dos meios e dos novos começos. É Marighella, não há tempo para ter medo. A gente está falando sobre futebol, o encontro, a vida e o Brasil.

34 Em referência à música *Zerovinteum*, da banda Planet Hemp (1997).

5. BARRO, PEDRA, PÓ E NUNCA MAIS

Que vontade eu tenho de sair
 Num carro de boi ir por aí
 Estrada de terra que
 Só me leva, só me leva
 Nunca mais me traz
 Que vontade de não mais voltar
 Quanta coisa que eu vou conhecer
 Pés no chão e os olhos vão
 Procurar, onde foi
 Que eu me perdi
 Num carro de boi ir por aí
 Ir numa viagem que só traz
 Barro, pedra, pó e nunca mais
 Barro, pedra, pó e nunca mais
 Barro, pedra, pó e nunca mais
 Barro, pedra, pó e nunca mais
 Milton Nascimento – Carro de boi

“Começo, meio, começo”, a circularidade da trajetória. O fim de um ciclo resultando no começo de outro. O poeta Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, tinha uma maneira bonita de compreender a vida. Bonita mesmo, profunda. Presente, conectada com um território, com o tempo e a espacialidade do quilombo onde viveu. Uma vida de fartura. Vi num documentário ele falando sobre isso e fiquei encantado. Tem um trecho do poema *Tabacaria* de Fernando Pessoa (1928) na sua versão Álvaro de Campos que diz que “tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire”. O Drummond (2002), num poema que li na época da monografia, *Futebol: o substrato da bola e o submundo do jogo* (2022), escreve num dos trechos assim: “mais além da vitória, é encontrar-se naquele ponto onde começa tudo a nascer do perdido, lentamente”. Como torço para time que não vence, falo muito sobre a resiliência do ato de torcer. O trecho abre um subcapítulo chamado *Sobre perder*.

Resistência poética, um ensaio sobre uma época e um espaço a partir dos sujeitos. Talvez seja essa a resposta que passe a dar para algum interessado desconhecido quando ele me perguntar do que se trata essa pesquisa. As coisas foram acontecendo, nada muito planejado, qual a direção? Todas. Quebrando galho, atuando em inúmeras frentes, fazendo de tudo um pouco em jogos universitários, atuando junto à comunidade acadêmica, supervisão de bolsistas, grupos de estudos, reuniões, muitas reuniões, consertando cano, limpando banheiro, varrendo chão, lavando colete, recolhendo caco, mutirões, vários mutirões, resgatando bola no

telhado, assando churrasco, tirando foto, tirando foto de novo, jogando bola junto, realizando cadastro, fazendo visita domiciliar, conversando com mãe, tia, avó, até um pai vez ou outra quando aparecia; divulgando os projetos nas escolas, negociando autorização em projetos sociais, promovendo oficina de futebol em ocupação urbana, em escola rural, participando de inauguração de biblioteca, carregando a criançada para espetáculo teatral, levando os trabalhadores terceirizados para festivais culturais, promovendo festivais para as famílias dos projetos de extensão do departamento, estabelecendo pontes entre a comunidade e a universidade, articulando professores, estabelecendo diálogo com educadores sociais, sábado, domingo, feriado, a primeira reunião do dia começando às 07h00 na carona com o professor Capela até a universidade. Ensino, pesquisa e extensão na alvorada do cotidiano de atuação. “Não é fácil, mas também não é difícil”.

Um pouco de sobrevivência, desespero, messianismo, imprudência, ignorância, sede de viver tudo, uma revolução na ponta de uma chuteira, os espaços de encontro, às políticas de permanência, os projetos de extensão, o direito à cidade, política habitacional, o direito à felicidade, sonho que se sonha junto virando realidade, desfazendo-se, refazendo-se, seguindo em frente, tropeçando, um passo para a frente e quinze para o lado. O cansaço diluído na rotina de ausências, nas dificuldades cotidianas, nos prazos expirados e nas condicionantes alienadas da realidade objetiva, na burocracia impessoal dos vícios de classe.

A articulação entre ciência, arte e política enquanto método, a poesia como método. Nos termos de Mills (2009), esse trabalho é também a busca do pesquisador em aprender a ter o seu próprio método teórico. É uma pesquisa em movimento, lidando com as instituições e seus tempos burocráticos, não perdendo de vista a pergunta norteadora lançada lá na introdução: “como politizar a prática esportiva? Como fomentar, a partir da universidade, um esporte fundamentado nos princípios do futebol e do lazer — um esporte que democratize o acesso e priorize aqueles que historicamente foram marginalizados?” Penso que conseguimos contribuir para esse debate, do esporte da universidade, que pensa a equidade do acesso, dialoga com um trato pedagógico inclusivo, e, sobretudo, constrói junto aos sujeitos, movimentos sociais, um caminho coletivo, respeitando a cultura primeira daqueles que acessam os espaços (Freire, 2021), somando nas atividades realizadas nos territórios, reconhecendo e sendo reconhecido. As biografias e (auto)biografias ajudam-nos a entender quem são os sujeitos historicamente constituídos e como o futebol, por

exemplo, atravessa suas vidas, esse fio condutor de sonhos que nos liga à infância (Wisnik, 2008). A importância de recuperar essas memórias a partir da operação das políticas, dos projetos de extensão, da defesa da universidade pública e gratuita.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do DECL indicava três categorias de ação: esporte comunitário, esporte educacional e esporte de rendimento. Não coube a esse trabalho tratar das ações desenvolvidas junto às equipes de representação da universidade, mas vale ressaltar que participei de dois jogos universitários catarinenses (JUCs) enquanto equipe de apoio, auxiliando os estudantes e registrando os momentos. Algo como mais de cinco mil fotos que permitiram aos estudantes uma lembrança valiosa desse momento, todas as milhares de fotos foram disponibilizadas no drive do departamento. Permitiu, também, a produção de registros dessas participações, um acervo de memórias permanente para a própria universidade. Quando ingressamos no departamento uma das dificuldades encontradas foi a inexistência de documentos que auxiliassem a transição, aquilo que já estava sendo desenvolvido. Foi como começar do zero.

O esporte comunitário e educacional norteou as ações desenvolvidas que aqui nessa pesquisa foram dispostas, analisadas, onde atuei continuamente por três semestres: o futebol arte-brincante, a escolinha de futebol arte-brincante, o futebol-cidadão e as oficinas de futebol desenvolvidas junto aos movimentos sociais, tanto do campo (MST), quanto da cidade (Ocupação Carlos Marighella). O eixo de atuação também tratava dessa necessidade orgânica de participação em congressos e atividades formativas. Pude representar o departamento, falar dos nossos projetos, num encontro de futebol que aconteceu em Montevideu, o I Colóquio Internacional INCT Futebol: Ciencias Sociales y Fútbol. Essa experiência formativa permitiu-me encontrar outros pesquisadores do Brasil e da América Latina, acessar suas pesquisas, um movimento que certamente transbordou no cotidiano de atuação e no texto aqui apresentado, um aprendizado muito rico e valioso à formação profissional, possibilitado pelo financiamento da viagem a partir de recursos do departamento. Muitos dos autores que aparecem nesse texto participaram do colóquio. As amizades que fiz na viagem, carrego para o resto da vida. Um abraço para a Ana, Régis, Mariana, Caroline, pessoal incrível da UFPel que me tornei amigo durante a viagem e compartilhei algumas andanças por *la calle* da capital uruguaia. A vida é feita de encontros. Um abraço para os motoristas do ônibus que compartilharam comigo um

prato de cuscuz com manteiga comido com a mesma colher e de forma coletiva. O Uruguai é legal, mas é caro que só.

Nossa participação no colóquio transbordou num capítulo de livro chamado *O futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol* (2025), que compõe a obra *Ciências Sociais e futebol: intercâmbio e perspectivas sulamericanas*, que assino junto ao meu orientador, Fábio Machado Pinto, e Ari Lazzarotti Filho. Além disso, a participação no festival InterPeriferias do futebol permitiu a publicação do capítulo: *Interperiferias do futebol e práticas corporais: potências mobilizadoras e integradoras de grupos* (2024) que publico junto aos professores Paulo Ricardo do Canto Capela e Cristiane Ker de Melo, disponível no livro *Interperiferias do futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?*. Nesse mesmo livro assino o capítulo *A chegada do futebol ao Brasil: amadorismo por uma questão de classe (1910-1919)*, escrito que se desdobra do trabalho final da disciplina *Tópicos Especiais em Trabalho e Questão Social*, conduzida pelo coorientador deste trabalho, Ricardo Lara.

Momentos de fruição, celebrações, uma busca contínua em dialogar com a comunidade do entorno, visitas domiciliares, divulgação dos projetos em escolas da região, parceria com educadores sociais, escolinhas populares, reconhecimento institucional dos futebolis anteriores à consolidação do NIMPE no outrora espaço tratado como “volantes”, festivais, churrascos, sessões de cinema, lançamentos de livros, peças de teatro, o esporte da universidade que não se esgota no campinho, a compreensão de que é uma ferramenta importante em busca da cidadania plena, essa produção de presença que a bola permite espalhando-se para outras atividades lúdicas, formativas.

Já há uma agenda para o próximo semestre, um ciclo de formações com diversos professores universitários e que irá ocorrer em três ocupações da cidade, culminando com a inauguração do monumento “Pontes de liberdade”, na metade do ano de 2026. Saraus poéticos, rodas de leitura na biblioteca itinerante localizada na Ocupação Anita Garibaldi, novas edições do torneio de futebol de várzea também estão no mapa. Mantemos diálogo com o Gerson, Educador Social ligado ao MST e ao projeto de futebol “Ocupar e resistir”, projeto desenvolvido junto a criançada da ocupação Marielle Franco. O plano é que os “treinos” ocorram no espaço do NIMPE a partir do próximo ano. Não se trata de uma linha reta e os fios de cobre dos postes do campo foram roubados novamente. Além disso, pretendo seguir estudando o

direito à cidade no doutorado, meu projeto de tese, um romance sobre a realidade social brasileira ambientado nas ocupações urbanas, foi aprovado no último processo seletivo para o PPGE da UFSC. “Aos trancos, barracos e barrancos”³⁵.

As universidades públicas foram criadas e construídas para atender aos interesses da elite, carregam consigo seus vícios e possibilidades de superação. As universidades públicas são espaços em disputa. Nossa intenção, com esse trabalho, é também expandir o debate acerca da necessidade de criação de relações orgânicas da universidade junto aos movimentos sociais. Demonstrar a partir desse movimento que realizamos junto aos projetos que participamos essa possibilidade de reinvenção da universidade, sobretudo a potência dos encontros emocionados, desses entroncamentos que ocorrem à medida que o envolvimento torna-se fluído. Para isso, consideramos alguns passos fundamentais: um espaço físico autônomo que reconheça a importância dos movimentos sociais dentro da universidade; a garantia da autonomia dos movimentos sociais na condução dos espaços e dos projetos; o financiamento desses projetos. Essa seria uma possibilidade de reinvenção da própria universidade, comportar no seu interior aqueles que historicamente tiveram o seu acesso negado. Como Rafael nos falou: “um espaço ajuda a organizar as pessoas”.

Entendemos a pesquisa a partir desse lugar: das pessoas. Das suas necessidades, das suas vozes, das suas presenças, das suas ausências, dos seus sonhos, dos seus projetos, das suas ilusões, das suas concepções, dos olhares, dos risos, dos abraços, das lágrimas, das alegrias, das dores, dos dilemas e das possibilidades. Os projetos, as políticas, os tratos pedagógicos, as atividades, ambientam o contexto onde os encontros ocorrem, afinal toda relação é pautada por um tempo, localizada num espaço, mediada pela realidade. Não se trata de buscar responder se determinado trato pedagógico é o mais adequado, aqui não se está buscando respostas para perguntas norteadoras, ainda que elas existam. Ainda que existam as respostas. Não se faz pesquisa de antemão, é importante observar a realidade em suas possibilidades de apreensão, alguns mergulhos exigem maior comprometimento e talvez esse seja o grande legado desse estudo: um mergulho na gruta do vazio da história. Escrita de escombros, ruína. Resistir ao tempo do esquecimento.

35 Em referência à música *Dance, Dance, Dance*, do cantor Mano Brown (2016).

O formato do texto busca valorizar a poética dos encontros emocionados, comprometidos, e a necessidade de desburocratização das políticas, ou ao menos dos seus agentes terminais. Trago ao texto aquilo que vivi no cotidiano de atuação. As universidades, assim como os movimentos sociais, são feitas por pessoas. Pessoas de carne e osso, dedo do pé, cabelo e mais um tanto de coisa. Pessoas. Quando o espaço do NIMPE foi reincorporado ao patrimônio da universidade, o Denílson “morava” lá. Um “mocó” improvisado num dos espaços ociosos, tomava banho de torneira e ajudava a cuidar do espaço, impedindo furtos e dando uma força com a limpeza. Uma relação de troca. O Denílson é um imigrante nordestino que estava em situação de rua há mais de 10 anos. Soteropolitano torcedor do “esquadrão de aço”, Bahia, um pouco mais velho do que eu, 40 anos. De um sorriso meigo, homem alto, negro retinto, sempre cheiroso.

Tive uma conversa com Denilson uns tempos atrás, a gente conversou na praça naquele dia. O Denilson tava triste que só, a Lu tinha metido o pé e ele não estava sabendo lidar direito com isso. Me disse que se soubesse que iria doer tanto não teria escolhido ter um relacionamento. Aquela dor da muleta mesmo, que rasga por dentro e por fora. Doido demais que uns seis meses antes dessa conversa senti dor semelhante e se não me engano também cheguei a conclusão semelhante. Mas naquele dia já tinha me resolvido com a vida e falei com Denilson que o que ele havia vivido era real, parte dele, que o amor que eles tiveram existiu e sempre o acompanhará pro resto da vida, isso ninguém poderia tirá-lo, um tesouro guardado nas suas memórias mais preciosas. Entendam, é um tesouro para lá de precioso saber que existe algum milímetro de felicidade quando você dorme num banco de praça. Também falei para Denilson o seguinte: meu amigo, se ela voltar, como você quer que ela o encontre? Às vezes ela só está precisando de um tempo para ela. O Denilson havia recaído na cocaína e essa é uma vida desgraçada, a conta nunca fecha. Ele me disse que só gostaria de uma segunda chance e ficamos em silêncio, o Capela chegou da farmácia e fomos comer um pastel com caldo de cana, Denilson pediu uma coxinha com refrigerante para economizar o dinheiro do professor. Pequenos gestos nunca são pequenos.

Denilson é um homem bonito por dentro e por fora. De um olhar terno, um pouco tímido, hoje nos abraçamos pela primeira vez. Na sua casa na Serrinha. Nos abraçamos depois que a gente recordou dessa nossa última conversa, eu havia contado para ele parte da minha vida, a fossa romântica que também me atravessou

e o mesmo problema com a cocaína, mais com o álcool no meu caso. Criamos uma intimidade, a gente passou por situações muito parecidas, mas eu tinha um teto esse tempo todo, rede de apoio, nunca estive sozinho. Denilson viveu sozinho por mais de 10 anos nas camas de papelão e cobertas de jornal. Mas agora estava ali, numa casa que atendia por sua, vivendo a segunda chance que nos fez silenciar naquele encontro na praça. A geladeira lotada de fruta, um pedaço de carne assando numa travessa improvisada. Outro abraço na despedida, abracei a Luciana na saída. “Fique com Deus”, “vocês também, lindo dia meus amigos, ventinho gostoso que bate aqui”. A vida também presta.

Quando Rafael Machado do Livramento nos falou, e nós estávamos em Águas Mornas, e era um sábado de sol, a tobata “38 engatilhado” lotada de bambus, e era depois de um rio enorme, e a gente tinha conversado tanta coisa bonita com Daltro no caminho, e nós estávamos em Águas Mornas, e era um sábado de sol, e a gente tinha tomado café numa padaria charmosa na Costeira, e tinha os tatus confabulando buracos, tinha os passarinhos, tinha Milton Nascimento no radinho, quando Rafael Machado do Livramento nos falou, ali eu permaneci. Românticos Conspiradores. Duas semanas pensando nisso: românticos conspiradores, românticos conspiradores... Que não basta ser romântico, é preciso conspirar também. Duas semanas pensando nisso, e era uma quarta-feira de chuva, e eu pensando nisso, e era uma sexta-finalmente no pagode, e eu pensando nisso, e era um domingo-ufa ausente de compromissos, e eu pensando nisso. Quando Rafael Machado do Livramento nos falou, ali eu fiquei. E era uma terça-feira de sol, 07h50, meia hora para sair de casa, o caminhão do lixo apitando o trabalho precarizado, uma senhora uniformizada caminhando apressada pela rua, os saguis avançando por dentro das casas, o verde calmo do vale conhecido como cova, e eu pensando nisso. Românticos Conspiradores. Quando Rafael Machado do Livramento nos falou, ali eu entendi. Ali eu me entendi. — Sou um romântico conspirador também.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares de; PISANI, Mariane da Silva; GOMES, Maria Cicilia de Souza. **Do futebol clandestino à resistência**: a luta de mulheres para a prática do futebol no Recife. In: RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). **Futebol popular**. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 177-215.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAENINGER, Rosana. **Lei de migração e política interna das migrações internacionais**: a distribuição espacial da população imigrante no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, p. 349-362

BASSO, Pietro. **Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje**. In: TAVARES, M. A.; GOMES, C. (Orgs). *Intermitências da crise e questão social: uma interpretação marxista*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 83-131.

BELCHIOR, Antônio Carlos. *Alucinação*. In: **Alucinação**. Intérprete: Belchior. Produção: Mazzola. Rio de Janeiro: Estúdio Phonogram de 16, 1976. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ixnCyOzNWx0&list=RDixnCyOzNWx0&start_radio=1. Acesso em: 17 jan. 2025.

BELCHIOR, Antônio Carlos. *Conheço meu lugar*. In: **Era uma vez um homem e seu tempo**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TeliPgCNwj8>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BOPPRÉ, Afrânio. **A cidade e seus desafios**. Florianópolis: Editora Insular, 2024.

BOTTAMEDI, Felipe. Novo plano diretor delimita áreas para onde Florianópolis deve crescer. **ND Mais**, Florianópolis, 24 abr. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/infraestrutura/novo-plano-diretor-delimita-9-areas-para-onde-florianopolis-deve-crescer-entenda/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Medida socioeducativa – semiliberdade**. Brasília, DF: TJDFT, 2025. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/consultas/jurisprudencia/jurisprudencia-em-temas/direito-da-crianca-e-do-adolescente-na-visao-do-tjdft/das-medidas-socioeducativas/medida-socioeducativa-semiliberdade>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BROWN, MANO. *Dance, dance, dance*. In: **Boogie Naípe**. São Paulo: Boogie Naípe, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gvcxB6WHHU>. Acesso em: 17. jan. 2025.

CALDART, Gabriel de Leão. A chegada do futebol ao Brasil: amadorismo por uma questão de classe (1910-1919). In: Pinto, Fábio Machado; LARA, Ricardo; VAZ, Alexandre Fernandez. **Interperiferias do futebol**: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea? Pelotas: Ateliê da casa, 2024.

CALDART, Gabriel de Leão. **Futebol: o substrato da bola e o submundo do jogo**. 2022. 97 f. Monografia (Especialização) – Curso de Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

CALDART, Gabriel de Leão; MELO, Cristiane Ker de. CAPELA, Paulo Ricardo do Canto. Interperiferias do futebol e práticas corporais: potências mobilizadoras e integradoras de grupos. *In*: Pinto, Fábio Machado; LARA, Ricardo; VAZ, Alexandre Fernandez. **Interperiferias do futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?** Pelotas: Ateliê da casa, 2024.

CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. *In*: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Lisboa: Ática, 1928. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/163>. Acesso em: 2 maio 2025.

CANELLA, Francisco; PERES, Lino Fernando Bragança. **Crítica da política habitacional: as lutas por moradia em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Udesc, 2024.

CAPELA, Paulo Ricardo do Canto. **Pelos caminhos de uma nova vida: fragmentos para uma educação física libertadora-biocêntrica**. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

CAPELA, Paulo. **Pelos caminhos de uma vida nova: fragmentos para uma educação física libertadora-biocêntrica**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229104>. Acesso em: 2 maio 2025.

CARDOSO, Juliana. **Os 40 anos do MST, o maior movimento popular da América Latina**. 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/02/28/os-40-anos-do-mst-o-maior-movimento-popular-da-america-latina/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CHICO SCIENCE; NAÇÃO ZUMBI. A cidade. Intérpretes: Chico Science e Nação Zumbi. *In*: **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment (Brasil) I.C.L., 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WVT1XskxUZk>. Acesso em: 18 nov. 2025.

CRUZ, Elaine Patricia. Custo da cesta básica sobe em 10 capitais, diz Dieese. **Agência Brasil**, São Paulo, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-04/custo-da-cesta-basica-sobe-em-10-capitais-diz-dieese>. Acesso em: 17 abr. 2024.

D'AGOSTINI, Adriana; VENDRAMINI, Célia.; TITTON, Mauro. **A reprodução social do proletariado e a organização da classe** – entrevista com Pietro Basso. Trabalho Necessário, Niterói, v. 21, n. 46, 2023.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2005.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Salário mínimo nominal e salário mínimo necessário**. São Paulo: DIEESE, 2025. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 18 abr. 2026.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1984.

EXCEÇÃO: ex-faxineiro estuda e vira procurador. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 jun. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff020605.htm>. Acesso em: 17. jan. 2025.

FALERO, José. **Mas em que mundo tu vive?** São Paulo: Todavia, 2021.

FALERO, José. **Vila Sapo**. São Paulo: Todavia, 2022.

FERNANDES, Florestan. **Sociedades de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FERRO, Flaira. **Revólver**. Intérprete: Flaira Ferro. Composição, voz e letra: Flaira Ferro. Recife: Estúdio Carranca, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3jv4Vlh844>. Acesso em: 17 jan. 2025.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FLORES em você. Intérprete: Ira!. [S. l.: s. n.], 1 dez. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3LLDQXHUfgA>. Acesso em: 17 jan. 2025.

FONTANA, Nathalia. Florianópolis tem terceiro maior aumento entre capitais e um dos aluguéis mais caros do país. **NSC Total**, Florianópolis, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/florianopolis-tem-terceiro-maior-aumento-entre-capitais-e-um-dos-alugueis-mais-caros-do-pais>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FRIZZO, Giovanni. **Universidade popular**: concepção latino-americana de universidade. Florianópolis: Instituto Caio Prado JR, 2024.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Publifolha, 2000.

GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2019.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó: Argos, 2013.

GARCIA, Fabio. **“Uma página da minha infância”**: pesquisa (auto)biográfica sobre idelfonso juvenal da silva (1894-1910). 2021. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GOELLNER, Silvana V. **Na Pátria das Chuteiras as mulheres não têm vez**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p. 1-7.

GRUPO MOLEJO. Cilada. Intérprete: Molejo. In: **Não Quero Saber de Ti Ti Ti**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTNI-G5mWzo>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GUEDES, Simoni. L. **Que povo brasileiro no campo de futebol?** Razón y Palabra, v. 69, p. 45, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço**. In: RIAL, Carmen Silvia de Moraes; Pinto, Fábio Machado; RASERA, Frédéric; MARTINACHE, Igor (org.). **Ciências Sociais e Futebol: Intercâmbio e perspectivas Franco – brasileiras**. Brasília: ABA publicações, 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do Censo Demográfico 2022**: Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=BR>. Acesso em: 15 out. 2025

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JOÃO NOGUEIRA. Espelho. Intérprete: João Nogueira. In: **Espelho**. Rio de Janeiro: EMI Records Brasil Ltda., 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WMjOtaB6aDo>. Acesso em: 18 nov. 2025.

JOSSO, Marie-Cristine. **As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidado de si**. In:

JUSTIÇA decide que Zara foi responsável por trabalho escravo flagrado em 2011. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 nov. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/justica-decide-que-zara-responsavel-por-trabalho-escravo-flagrado-em-2011-22070129>. Acesso em: 17. jan. 2025.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAUB, Michel. **O segundo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENNON, Raul. **A força da FPA em 2024: atuação da bancada garante conquistas históricas para o agro no Congresso Nacional**. 2024. Disponível em: <https://agencia.fpagropecuaria.org.br/2024/12/20/a-forca-da-fpa-em-2024-atuacao-da-bancada-garante-conquistas-historicas-para-o-agro-no-congresso-nacional/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

LUCENA, André. Dois terços da riqueza do mundo são acumulados por 1% da população mundial, diz Oxfam. **Carta Capital**, São Paulo, 16 jan. 2023, 12h23. Atualizado em: 16 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/dois-tercos-da-riqueza-do-mundo-sao-acumulados-por-1-da-populacao-mundial-diz-oxfam/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

MARI, João de. Escritora Lília Guerra diz ter sido acusada de furtar roupa de cama em pousada na Flip e denuncia racismo da organização. **g1 São Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2025, 5h02. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/08/19/escritora-lilia-guerra-diz-ter-sido-acusada-de-furtar-roupa-de-cama-em-pousada-na-flip-e-denuncia-racismo-da-organizacao.ghtml>. Acesso em: 22. nov. 2025.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MENDONÇA FILHO, Kleber. **Aquarius**. Brasil; França: CinemaScópio; SBS Productions; Videofilmes; Globo Filmes, 2016.

MENDONÇA FILHO, Kleber. **Retratos fantasmas**. Brasil: CinemaScópio; Vitrine Filmes, 2023.

MEYER, Sofia. Padrasto é preso suspeito de esfaquear e atropelar enteado em Florianópolis. **G1 Santa Catarina**, Florianópolis, 9 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/11/09/padrasto-e-preso-suspeito-de-esfaquear-e-atropelar-enteado-em-florianopolis-vitima-morreu.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOVIMENTO DE LUTA NOS BAIRROS, VILAS E FAVELAS (MLB). **Ofício Projeto Anita Garibó**: projeto de formação popular de boxe. [Ofício encaminhado para

solicitação de apoio financeiro ao projeto esportivo comunitário da Ocupação Anita Garibaldi.] Florianópolis, Santa Catarina, 2025.

NASCIMENTO, Milton. **A lua girou**. In: **Geraes**. Rio de Janeiro: Emi Records Brasil Ltda., 1976. Disponível em: <https://youtu.be/DpNiNXwj76w?si=qfmjoP98SPgs0ynm>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NASCIMENTO, Milton. **Carro de boi**. In: **Geraes**. Rio de Janeiro: Emi Records Brasil Ltda., 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SKKpKBtwxYw>. Acesso em: 16 nov. 2025.

NASCIMENTO, Milton. **Fazenda**. Composição: Nelson Ângelo. In: **Geraes**. Rio de Janeiro: Emi Records Brasil Ltda., 1976. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mrRtC_sqlsE. Acesso em: 17 jan. 2025.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Ainda estou aqui**. São Paulo: Alfaguara, 2015.

PEREIRA, Elson Manoel; SANTOS, Samuel Steiner dos. **Direito à cidade e à questão da moradia**. In: CANELLA, Francisco; PERES, Lino Fernando Bragança. **Crítica da política habitacional: as lutas por moradia em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Udesc, 2024.

PEREIRA, Elson. Florianópolis ilha da magia? Política neoliberal e moradores em situação de rua. In: Boppré, Afrânio. **A cidade e seus desafios**. Florianópolis: Editora Insular, 2024.

PEROCCO, Fabio. **Guerra contra os imigrantes e as novas políticas de exclusão: o caso da lei italiana “Segurança e imigração” (n. 132/2018)**. Dossiê Políticas migratórias. Tavessia – Revista do Migrante, ano 23, n. 87, set./dez. 2019.

PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da universidade**. Florianópolis: Insular, 2025.

PINTO, Fábio Machado; CALDART, Gabriel de Leão; FILHO, Ari Lazzarotti. O futebol entre Brasil e Uruguai: a formação e a pesquisa na periferia do futebol. In: RIAL, Carmen Silvia de Moraes; Pinto, Fábio Machado; BENÍTEZ, Liber; RIGO, Luiz Carlos (Org.). **Ciências Sociais e futebol – intercâmbio e perspectivas sulamericanas**. Brasília: ABA publicações, 2025.

PINTO, Fábio Machado; FUCK, Lara Beatriz; SANTOS, Ana Claudia Wendt; **Husserl e a fenomenologia nos estudos (auto)biográficos de Sartre**. Salvador: Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica, 2023. p. 01-17.

PINTO, Fábio Machado; FUCK, Lara Beatriz; SPONCHIADO, Justina. PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E O MÉTODO PROGRESSIVO- -REGRESSIVO NA HISTÓRIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO. In: PRETTO, Zuleica; STRELOW, Milene; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Existencialismo e Ciência: princípios metodológicos na pesquisa**. Santa Maria: Arco Editores, 2022. p. 89-113.

PINTO, Fábio Machado; SANTOS, Ana Claudia Wendt; SPONCHIADO, Justina. **O biográfico em Sartre: noções e questões de método**. Campo Grande: Cadernos de estudos culturais, 2020. p. 75-93.

PISANI, Mariane da Silva. **‘Sou feita de chuva, sol e barro’**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PLANET HEMP. Zerovinteum. *In*: **Os Cães Ladram Mas a Caravana Não Pára**. [s.l.]: Sonic Music. 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=v9LgiPmY_X4. Acesso em: 22 nov. 2025.

PORTINARI, Candido. **Retirantes**. 1944. Óleo sobre tela, 190 × 180 × 2,5 cm. Pintura. Brodowski, SP, Brasil. Acervo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Doação Assis Chateaubriand, 1948. Número de inventário: MASP.00324. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RACIONAIS MC’S TV. Da ponte pra cá. *In*: **Nada como um Dia após Outro Dia**, São Paulo: Casa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xe8DN92jtbg>. Acesso em: 17 jan. 2025.

RACIONAIS MC’S TV. Da ponte pra cá. *In*: **Nada como um Dia após Outro Dia**. São Paulo: Casa Nostra, 2002. Disponível em: <https://youtu.be/Xe8DN92jtbg?si=w6KfyH-K78q4O6oF>. Acesso em: 13 nov. 2025.

RACIONAIS MC’S TV. Negro drama. *In*: **Nada como um Dia após Outro Dia**, São Paulo: Casa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>. Acesso em: 13 nov. 2025.

RACIONAIS MC’S TV. Periferia é periferia (em qualquer lugar). Intérpretes: Racionais MC’s. *In*: **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Casa Nostra, 1997. Disponível em: <https://youtu.be/ue1k4FHgwDU?si=y7ddflrfRa38NTLm>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RAMALHO, Zé. Cidadão. Intérprete: Zé Ramalho. *In*: **Frevoador**. [S. l.]: Columbia Records, 1992. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RFtw0_qNI54. Acesso em: 18 nov. 2025.

RAMALHO, Zé. **Não existe molhado igual ao pranto**. [S. l.: s. n.], 2019, 1 vídeo, (2min51seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1msusdTdKt8>. Acesso em: 17 jan. 2025.

RAMALHO, Zé. Não existe molhado igual ao pranto. *In*: **Cidades & Lendas**. Rio de Janeiro: Impressão Digital Studios, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1msusdTdKt8>. Acesso em: 17. jan. 2025.

RIAL, Carmen Sílvia de Moraes; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. **As viagens da comida**: notas a partir de etnografias de brasileiros emigrantes na região de Boston e com futebolistas que circulam no mundo. *In*: AREND, Sílvia Maria Favero; RIAL, Carmen Sílvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 191-220.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade Necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

RODRIGUES, Sérgio. **O drible**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

RZO. Pirituba parte 2. Intérprete: RZO. *In*: **Evolução é uma coisa**, [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mr5oqRE7_68. Acesso em: 17 jan. 2025.

SABOTAGE. Respeito é pra quem tem. Compositores: Sabotage; DBS Gordão Chefe; RZO. Intérprete: Sabotage. *In*: **Rap é compromisso**. [S. l.]: Sabotage, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NCbboJM7o3A>. Acesso em: 17 jan. 2025.

SAMPAIO, Sérgio. **Tem que acontecer**. Intérprete: Sérgio Sampaio. [S. l.]: Warner Music Brasil Ltda., 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vQ2rhi5pH7I>. Acesso em: 17 jan. 2025.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

SAYAD, Abdelmalek. **Entrevista Colonialismo e migrações**. Rio de Janeiro: Mana, 1996, p. 155- 170.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno**: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia – Revista do Migrante, ano XIII, número especial, jan. 2000.

SCHINKE, Gert. **O golpe da “reforma agrária”**: fraude bilionária na entrega de terras em Santa Catarina. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

SECRETÁRIO de Meio Ambiente de Altamira foi executado, diz perito. **g1 Pará**, Altamira, 14 out. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/policia-investiga-morte-do-secretario-do-meio-ambiente-de-altamira-no-pa.html>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SILVA, Maurício Roberto da. Prefácio. *In*: GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves *et al*. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 905-921, dez. 2011.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. **Dorothy Stang: santa ou onça?** 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/dorothy-stang-santa-ou-onca/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SPAGGIARI, Enrico; RIBEIRO, Raphael Rajão. Por um futebol popular. In: RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). **Futebol popular**. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 25-57.

TENÓRIO, Jeferson. **De onde eles vêm**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

TV CULTURA. **Sobradinho**. Intérpretes: Sá e Guarabyra. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=naxgLThFCsc>. Acesso em: 20 nov. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2025–2029**. Florianópolis: UFSC, 2025. Disponível em: <https://pdi.paginas.ufsc.br/files/2025/07/PDI-2025-2029-vers%C3%A3o-aprovada-pelo-CUn.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Pró-Reitoria de Permanência e Assuntos Estudantis. **Critérios e condicionantes exigidos pela PRAE para acesso às políticas de permanência**. Florianópolis: UFSC, [2026]. Disponível em: <https://prae.ufsc.br/documentos-obrigatorios/>. Acesso em: 17. jan. 2025.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. 1968.

VAZ, Sérgio. Novos dias. In: VAZ, Sérgio. **Colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2007.

VEJA. **Enriquecer é glorioso**. São Paulo: Editora Abril, ed. 2252, ano 45, 18 jan. 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético**. Florianópolis: Revista Katálisis, 2018.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A situação migratória no Brasil e na Itália**. Travessia – revista do migrante, n. 98, 2024.

VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Sentidos, potencialidades e uso da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Sentidos, potencialidades e uso da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta, 1994.

APÊNDICE A — TRATO PEDAGÓGICO PARA UM FUTEBOL BRINCANTE

CAPELA, Paulo Ricardo do Canto. **Pelos caminhos de uma nova vida**: fragmentos para uma educação física libertadora-biocêntrica. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

Palavras-chave: Educação Física. Libertação. Educação Popular. Vida.

Uma tese de doutorado é requisito parcial para a obtenção do título de doutor. Apresenta o resultado da pesquisa, de preferência inédita, realizada ao longo do curso, sendo orientada por algum professor ligado ao Programa de Pós-Graduação frequentado e dentro da linha de pesquisa à qual o discente está vinculado. Representa os acúmulos teóricos adquiridos ao longo de uma vida de formação e expõe a subjetividade do pesquisador, sua inclinação ideológica materializada através do método de análise do tema. É um trabalho de relevo que cristaliza os anos de investimentos públicos na formação daquele pesquisador, uma espécie de retorno social. Não há como pensar em soberania nacional sem pensar na produção científica como vanguarda desse movimento de buscar romper com a dependência econômica. Só através da pesquisa deixaremos de ser exportadores de commodities. Talvez por isso incomode tanto quem lucra com nosso estado de atraso.

A tese aqui descrita, *Pelos caminhos de uma nova vida: fragmentos para uma educação física libertadora-biocêntrica*, é resultado do acúmulo de uma vida de práticas e estudos que fundamentam o trato pedagógico proposto para uma Educação Física Libertadora Biocêntrica (EFLB). O texto é permeado de conteúdo autobiográfico, num movimento de rememorar passagens da vida do autor e trazer, a partir desses relatos, subsídios para compreender as práticas corporais a partir de um olhar mais humano, conectado com o todo planetário. O texto é escrito por tópicos, permeado por relatos que materializam as concepções aqui defendidas.

Organiza-se a partir de seis capítulos: Introduz o conteúdo da pesquisa, objetivando “[...] descrever o que fica como resíduo geográfico e epistemológico no âmbito do Movimento Renovador Crítico da Educação Física Brasileira (MRCEFB) e, no diálogo com este material desprezado (autores, conceitos, lugares), propor aberturas para a construção de uma Educação Física Libertadora-Biocêntrica (EFLB) [...]” (1); no segundo capítulo apresenta a necessidade do tema e suas interlocuções com os marcos do Movimento Renovador Crítico da Educação Física Brasileira (MRCEFB),

demonstrando a partir da análise (estado da arte) de livros publicados no campo da Educação Física Brasileira nos últimos 40 anos a necessidade de “[...] estender o pensamento crítico da Educação Física de modo a exercer diálogo com autores esquecidos e até mesmo desprezados em alguma medida pela área.” (2); no capítulo seguinte estabelece diálogos com o referencial teórico, o método materialista histórico-dialético e as particularidades da América Latina dentro do Modo de Produção Capitalista a partir da Teoria Marxista da Dependência (TMD) em consonância com a Educação Libertadora elaborada por Paulo Freire e Enrique Dussel, apresentando um caminho de reconversão das práticas esportivas num movimento dialético onde “[...] todo esporte institucionalizado já foi um conteúdo da cultura popular e, pelo trabalho humano, transformou-se em esporte, podendo, portanto, por outros interesses e ações humanas, ser convertido, no que tem de mais positivo, em nova cultura popular esportiva, por meio de realização de sínteses culturais para liberdade [...]”, ou seja, não naturalizar a roupagem que estas práticas se travestem dentro do capitalismo como se fosse a única forma possível de se relacionar, objetivando disputar a direção destas culturas populares cooptadas pelo modo de produção vigente (3); no quarto capítulo apresenta os princípios biocêntricos (a vida como centro) que busca despertar a *sensibilização para a vida própria e planetária* através da educação afetiva, entendendo que *a vida é um processo de conhecimento* a partir das concepções de Humberto Maturana e Francisco Varela, para exemplificar recorro a passagem autobiobiográfica utilizada para abrir o capítulo:

Minha mãe me ensinando a fechar a torneira enquanto escovava os dentes ou a ajudava a lavar a louça, ou a fechar o chuveiro enquanto me ensaboava, ou meu pai, trabalhador e homem simples, ensinando-me a plantar são exemplos, que, desde os primeiros anos de vida, acompanharam minha trajetória, colocando em evidência o tema da sustentabilidade ambiental e da relação com a natureza.

Fui educado para um olhar atento sobre a vida que há na natureza, sempre tão misteriosa para mim. Ensinando-me a plantar, meu pai mostrou-me alguns destes mistérios da vida: o nascer de uma árvore, suas flores sendo visitadas pelos insetos, o surgimento dos frutos a cada dia, mostrando suas cores, cheiros e gostos.

Pescando e caçando com meu pai, aprendi os hábitos dos peixes, dos animais e das aves em seus habitats, assim como as artimanhas para os apreender, o que significa aprender a subjugar a natureza, mas como intercâmbio entre homem e natureza: produção e reprodução da vida.

Fui também atravessado pelas brincadeiras de jogar futebol em campinhos que nós mesmos fazíamos, de me esconder e de correr entre campos e árvores, ou de nadar em rios, riachos e no mar. Lembro das primeiras cabanas que fiz, construídas com galhos e folhas, de ouvir os silêncios que falam das vidas que habitam a natureza, das noites de vagalumes. Cresci

cercado de ensinamentos da vida da natureza, sementes de vida que me acompanham ainda hoje.

Enquanto crescia e era escolarizado, e até nos bancos universitários, fui percebendo o quanto desprezamos e nos distanciamos da vida e da natureza, o quanto o tema do meio ambiente e sua conservação, por exemplo, eram inexistentes na educação, o quanto desprezamos a vida planetária ao não nos atermos ao modo e à forma como danificamos a natureza (própria e externa) (CAPELA, 2021, p. 120) (4).

No capítulo seguinte o autor pretende “[...] realizar uma exposição e problematizar as experiências pedagógicas que realizei no tempo e no espaço da minha trajetória político-pedagógica, tanto no âmbito formal quanto no não formal [...]” (CAPELA, 2021, p. 139). Para isso estabelece diálogos com suas experiências acadêmicas, profissionais, que inclui rabiscos, desenhos, registros fotográficos, passagens da infância, etc, tudo aquilo que o constitui e que formula as bases para um EFLB. Recorro novamente ao texto que abre o capítulo por entender a beleza de tal escrito, que me marcou profundamente quando realizei a leitura da obra:

Reflexões de um lenhador e seus sonhos

Certa feita, eu ouvi a história de um homem lenhador que afirmou que se tivesse três dias para derrubar uma floresta, gastaria dois afiando o machado. Afiar o machado significa parar em meio às tarefas hercúleas, que nos parecem insuperáveis, mas que, com nossa determinação, vão se realizando e, quando concluídas, não sabemos explicar quais as forças mobilizadas para empreendê-las. Estou na floresta, sentado, admirando o tanto que falta para o empreendimento que me propus. Olho para o alto e para trás e já vejo na clareira que se abriu os primeiros raios de sol pintando o azul do céu. Olhando adiante também, já consigo antever o rio de águas doces ao final da floresta. Olho as árvores que faltam cortar, observo seu tamanho, afio o machado e, com nova atenção, advinda da experiência da empreitada, meço onde irão tombar ao desferir-lhes o golpe fatal; planejo onde irei acomodar sua lenha para uso pessoal e para os que têm frio. Já antevejo os caminhões selecionados com lenha boa; as fogueiras que nascerão para aquecer as vidas, as paixões e as almas em desalento. Para isso, corto florestas. Estou adiando os últimos golpes, porque me perco sonhando com as flores que nascerão onde antes foi floresta. Fico a relembrar a luz do sol, a chuva, o vento fresco da noite, o sereno do amanhecer, as estrelas abraçadas na lua a iluminar a escuridão que me acompanhou nesses dias do que antes foi floresta. Vejo a luz apontando os caminhos! Enxugo o suor no rosto, bebo mais um gole d’água, afio o machado, já consumido pela dureza da tarefa, e ergo-me, porque já começa a se desenhar no horizonte as novas lidas, e com o braço em aço de machado, firo novamente a floresta, que recebe os golpes sem dor, porque sabe que de sua morte nasce a vida. Assim vão sendo partejados os aprendizados, enquanto imagino as belezas que hão de nascer sobre a floresta tombada. (Paulo Capela, 23 de março de 2021, 9h21min, Aniversário de Florianópolis) (Capela, 2021, p. 139).

Também é nesse capítulo que o autor estabelece os quatro eixos (pressupostos metodológicos) para o ensino da cultura corporal a partir da EFLB, a saber:

- Conhecimentos e objetivos do âmbito técnico-instrumental: as crianças precisariam aprender bem a jogar os jogos propostos, a brincar com os brinquedos e as brincadeiras, a praticar a capoeira, etc.;
- Conhecimentos e objetivos do âmbito do esclarecimento: não bastava ser um bom praticante das atividades da cultura corporal de movimento, também era preciso ser bom conhecedor dessas culturas, de como elas se apresentam nos diversos contextos sociais, por vezes até mesmo perversos, que negam e oprimem pessoas e populações; os jovens e crianças precisariam ser esclarecidos sobre esses fatos por meio de estudos e exposições de temas advindos das ciências humanas e sociais em perspectiva crítica, de modo a promover um olhar amplo, esclarecido e politizado sobre os temas da cultura corporal tratados nos módulos de ensino;
- Conhecimentos e objetivos do âmbito das interações sociais: o ambiente humano caracteriza-se como eminentemente sociocultural, portanto é preciso fornecer conhecimentos para que as crianças saibam lidar com as diferenças na interpretação dos fatos da cultura corporal e da vida, sem que elas deixem de se posicionar e sem agredir os que divergem de seus pontos de vista. Entendemos ser necessária a construção de um ambiente educacional sadio para a resolução de conflitos e a explicitação das divergências. Para isso ocorrer, estabelecemos como primeira tarefa educacional a construção de grupos que gerassem vida, nos quais as pessoas (crianças) aprendessem a acolher e a serem acolhidas, a aceitar e a serem aceitas, em um espaço-tempo pedagógico sem julgamentos nem atitudes intempestivas e desagregadoras da vida social. Considerávamos que, somente assim, com um ambiente de respeito, compreensão esclarecida e acolhimento das diferenças, seria possível coexistirem formas diferentes de vivenciar coletivamente as práticas corporais que promovessem a ludicidade, o prazer e a alegria para todos(as);
- Conhecimentos e objetivos de sensibilização para o cuidado com a vida própria, do grupo de aula, da comunidade e da vida planetária: a cultura capitalista, antívida, promove a perda de sensibilidade quanto à própria vida, à vida social, aos demais seres vivos e à própria natureza física. Vivemos desconectados e alheios à percepção de pertencimento a uma grande teia planetária e cósmica. Entendíamos que os conhecimentos e conteúdos de sensibilização para a vida possuem um horizonte utópico e de esperança muito importantes, mas que eram (e até hoje são!) ainda pouco tratados nas aulas de Educação Física e na própria escola. Assim, por meio desse eixo da organização dos conhecimentos da cultura corporal de movimento, buscávamos produzir estranhamento sobre fatos já naturalizados, como, por exemplo, o fato de as crianças realizarem trabalhos extenuantes e agressivos à vida, que lhes provocam dores e limitações corporais precoces, cultura essa naturalizada em meio às infundáveis rotinas da vida cotidiana do campo. Partíamos do entendimento de que, na agricultura familiar, a cultura corporal de movimento possuía muitos germes antívida, mas, ao mesmo tempo, detinha também potencial para promover a sensibilização para a sua defesa, desde que corretamente tratada nas aulas de Educação Física (e pela escola, pelos familiares e pela comunidade) (Capela, 2021, p. 204-205).

Já nas considerações finais o autor reafirma os conteúdos trabalhados, o diálogo com autores, lugares, categorias, conceitos, num movimento de retorno que pretende reforçar a direção pretendida a partir dos *alinhavos* realizados ao longo da tese. É a hora de correr para o abraço, demonstrar os limites da pesquisa e suas possibilidades de superação. Sobretudo reafirmar os compromissos pretendidos com o desenvolvimento do trabalho, limites institucionais e possibilidades de atuação,

estratégias para lidar com o estabelecido. Um educar *sentipensante*, num caminho guiado pelo afeto e que respeita a cultura primeira daqueles que participam, “[...] na perspectiva de contribuir para a construção de uma cultura popular, entendida de modo mais amplo, como expressão de luta, resistência, festa e superação das condições adversas da vida [...]”. Ao lado de amigos, estudantes, professores, atletas e movimentos sociais a partir da *concepção-lúdica-dialogicamente-construída* que “[...] orientam as ações dos professores de Educação Física na perspectiva da libertação humana.”

Comentário

É importante que se leia a íntegra de uma obra, de qualquer pesquisa. Alguns conceitos perpassam o conteúdo como um todo, num movimento dialético que permite uma compreensão ampliada dos autores e categorias ali trabalhadas. E a partir dessa leitura exploratória, direcionar o olhar para os assuntos que mais dialogam com os interesses do leitor, num movimento de retorno que permite um aprofundar agora já direcionado. Seria maravilhoso conseguir acessar o universo de saberes que uma obra expõe, travar diálogo com todos os autores, dominar todas as concepções ali expostas. E que nunca se perca o horizonte de que a busca é exatamente essa, ampliar mais e mais, seguir avançando. Mas é preciso humanizar a pesquisa: uma tese, como a aqui exposta, é resultado de uma vida de envolvimento com o tema e a beleza reside exatamente nisso, que inventaram um diacho de sistema maravilhoso chamado Linguagem e é possível, a partir dessa grande invenção da humanidade, acessar tantas experiências e aprender com elas, quem sabe até somar esforços para que se torne um projeto, consolidar uma direção, virar política pública. Constituir um legado. De modo que é isso: a gente lê o todo, absorve cada um, um pouco, e vai assim constituindo parte desse caminho. Cada um fazendo do seu pouco, mais um pouquinho.

ANEXO A — ESPETÁCULO INFANTIL O PEQUENO PRÍNCIPE



DROMEDÁRIO LOQUAZ
Circulação Teatral SC

Espectáculo infantil

O Pequeno Príncipe

livre adaptação da obra de SAINT-EXUPÉRY
direção cênica: SULANGER BAVARESCO

Centro de Cultura e Eventos
Reitor Luiz Carlos Cancelier de Olivo
UFSC – FLORIANÓPOLIS/SC

Dia
05/OUT/23
14h30

fotos LUIZA FILIPPO

ANEXO B — FESTIVAL ARTE MÁGICA



ANEXO C — JOGO AMISTOSO

**PROJETO ESCOLINHA DE FUTEBOL
AJAX
PROMOVE:**

JOGO AMISTOSO



PROJETO ESCOLINHA DE FUTEBOL
AJAX

X



PROJETO ESCOLINHA DE FUTEBOL
BOLA MÁGICA

DIA : 10 DE OUTUBRO 2023 (Terça Feira)

LOCAL: CENTRO SOCIAL URBANO DO
SACO DOS LIMÕES

-CAMPO SINTÉTICO -

HORARIO: A PARTIR DAS 14:00 HORAS

CATEGORIAS E HORÁRIOS

⚽ SUB 7 a 9 (14:00 horas)

⚽ SUB 10 a 13 (15 :00horas)

⚽ SUB 14 a 15 (16:00 horas)

FUNDADO EM

ANEXO D — INTERPERIFERIAS DO FUTEBOL



**FLORIANÓPOLIS
3 A 5 AGOSTO**

*A alegria de
jogar*

INTERPERIFERIAS

XII Intercâmbio Internacional Esportivo, Artístico
e Cultural InterPeriferias do Futebol

- Treino no CT do Figueirense F. C
- Jogo e Confraternização com Santa Cruz F. C.
- Lançamento do Livro InterPeriferias do Futebol
- O I Encontro INCT Estudos do Futebol
Brasileiro: Produções e epistemologias
futebolísticas

Apoio:



ANEXO E — FUTEBOL DE VÁRZEA CARLOS MARIGHELLA



97



Curtido por romarieleao e outras pessoas

marighella.sc 🎉 1° Torneio de Futebol de Várzea Ocupação Carlos Marighella ⚽

🔥 Ainda dá tempo de fazer a sua inscrição!!!

Não perca essa oportunidade de participar de um dia de esporte, música e muita diversão! ☀️

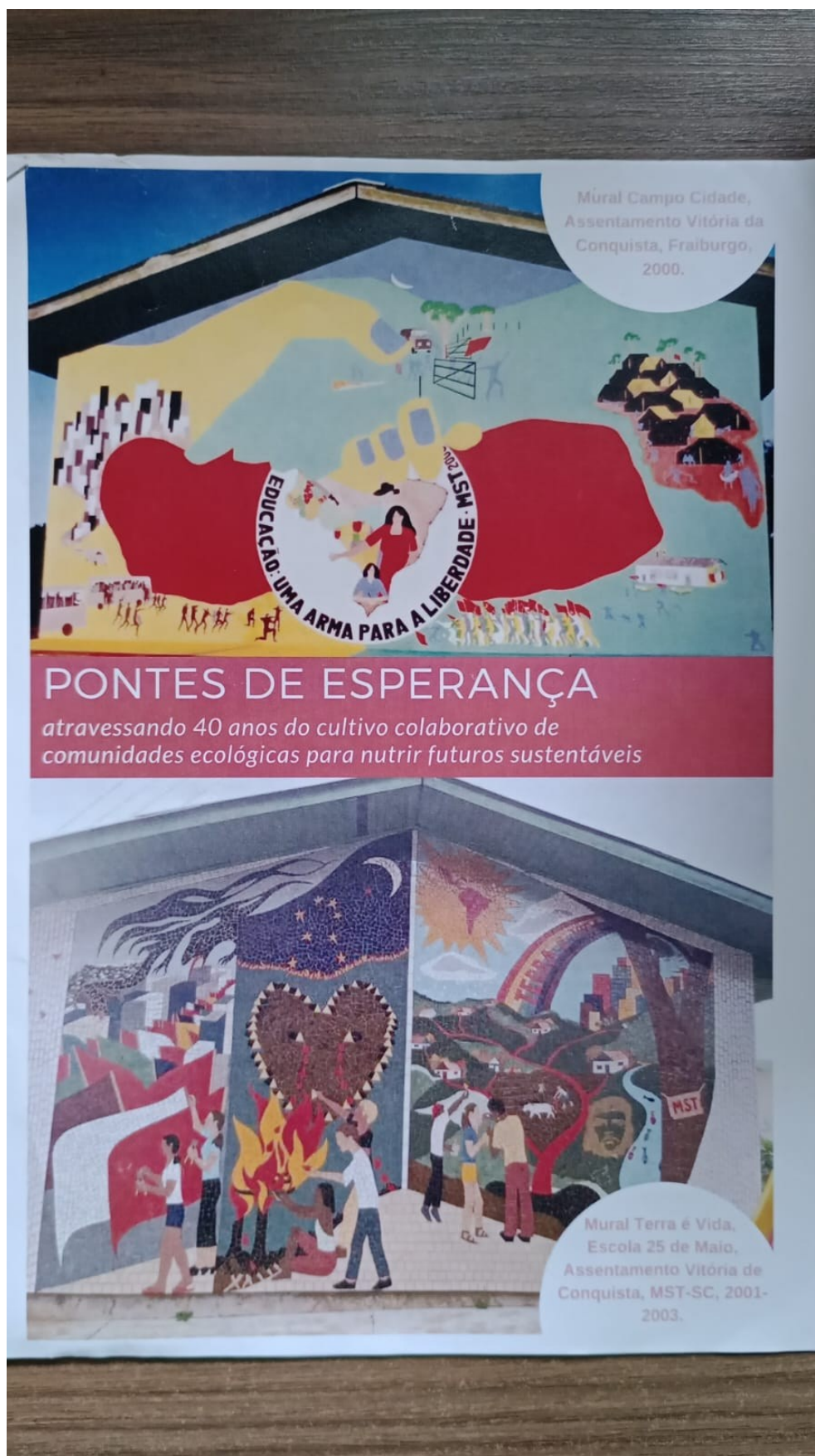
📅 Data: 7 de setembro

📍 Local: Ocupação Carlos Marighella, Rua Raul Antônio da Silva, 180, Palhoça

Além de muito futebol, teremos uma deliciosa feijoada e música para animar a galera! 🎵🍲

Venha participar e traga sua torcida! #torneiodefutebol #futeboldevarzea #feijoada #ocupaçãocarlosmarighella

ANEXO F — PROJETO PONTES DE ESPERANÇA



PONTES DE ESPERANÇA | 1



MONUMENTOS CATTANHERAS DE FLORESTA DOS CARAJÁS,
SUL DO PARÁ, MST PA, 1998-2008

PROPOSTA DE EMENDA PARLAMENTAR

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nestes tempos de crises climática, financeira, política e civilizatória, de desconfiança nas instituições democráticas e nas mídias, a garantia de direitos humanos, da segurança integral, da memória viva e da história dos 40 anos do projeto agroecológico e cooperativo do MST tem um significado que vai muito além da reforma agrária.

O projeto oferece uma visão existencial que inspira esperança numa conjuntura marcada pela ansiedade e doenças crônicas, tanto para a cidade e o campo, quanto para as crianças e jovens sem horizonte vivo.

O coletivo gestor do projeto Pontes de Esperança identifica três perguntas eco-pedagógicas e culturais essenciais e interligadas, em resposta a esta crise existencial:

- Como transformar a cultura (o imaginário) dominante de desespero, desconfiança e isolamento em uma cultura popular de motivação sustentável?
- Quais metodologias criam ambientes de cuidado, calma e escuta para cultivar processos colaborativos para entrelaçar narrativas de pontes transformadoras?
- Qual narrativa entrelaçada gerará um monumento, íntimo e público, cuja criação coletiva, lucidez estética e poder poético podem simbolizar e celebrar eco-comunidades sustentáveis na prática?

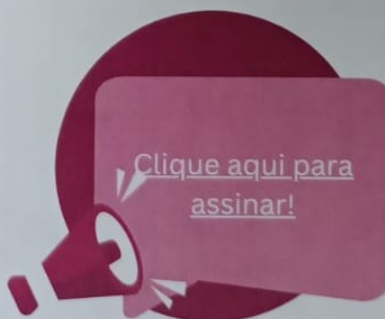


25 DE MAIO, ASSENTAMENTO ABELARDO LUZ, MST SC, 1989

Pontes de Esperança objetiva aproximar saberes populares, ancestrais e universitários para salvaguardar a memória e criar um monumento artístico, ecopedagógico e dialógico, um símbolo épico, que trança narrativas de 40 anos de colaborações entre a pedagogia agroecológica do MST e as pedagogias libertadoras da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, por meio de metodologias intergeracionais, enraizadas nas linguagens de reflexão, transformação e simbolização, nas artes.

PARA ISSO,
CONVIDAMOS
VOCÊ A APOIAR
ESTA PROPOSTA
DE EMENDA
PARLAMENTAR
QUE SE DIRIGE AO
DEPUTADO
FEDERAL PEDRO
UCZAI.

Podemos assinar apenas os que possuem
domicílio eleitoral na Grande
Florianópolis.



Um afetuoso abraço do coletivo do
projeto!

Assembleia Regional do ORÇAMENTO PARTICIPATIVO

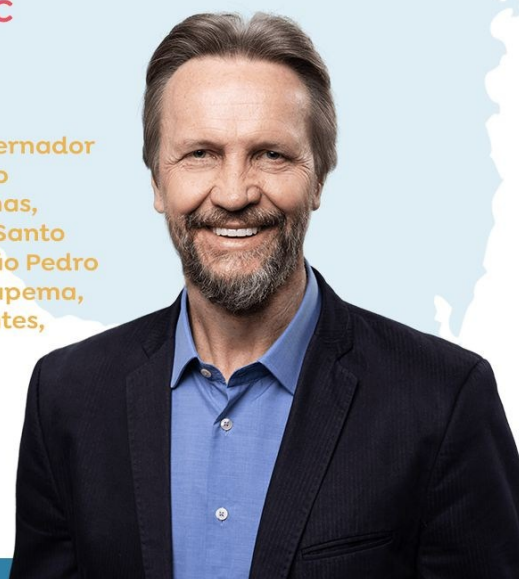


 **Grande Florianópolis**

12 de agosto - 18h30

Auditório do Tribunal de Contas de SC
Rua Bulcão Viana, 90 - Florianópolis

Municípios: Anitápolis, Angelina, Canelinha, Governador Celso Ramos, Major Gercino, Nova Trento, Rancho Queimado, São João Batista, Tijucas, Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São José, São Pedro de Alcântara, Balneário Camboriú, Camboriú, Itapema, Bombinhas, Brusque, Guabiruba, Itajaí, Navegantes, Porto Belo.



DECIDINDO E
CRESCENDO
Juntos

PROFESSOR
Pedro Uczai
DEPUTADO FEDERAL

ANEXO G — INAUGURAÇÃO BIBLIOTECA ITINERANTE INSTITUTO CAETÉ

LANÇAMENTO
na Ocupação Anita Garibaldi

09 DE DEZEMBRO SEGUNDA-FEIRA
ÀS 16H

Biblioteca
Itinerante

Com roda de conversa
e atrações culturais!

Veja a programação >>>



PROGRAMAÇÃO

“Ocupar o direito à leitura, educação e cultura”

Desembargador João Buch | Biblioteca Livre do Campeche
(BILICA) | MLB/UP | Daniel Skova (Franca/SP)

18h30 APRESENTAÇÃO
ESPECIAL



Daniel Skova
@daniel.skova

MATUTO S.A.
@matuto.s.a



Slam Trajano
@slam.trajano

ANEXO H — CASA DA MEMÓRIA DO NIMPE



Trajetória de vida e Educação na Reforma Agrária



Convidada: Áurea Oliveira Silva
Pedagoga e Servidora Aposentada do INCRA
Dia 02/12/24 às 9h

**Local: Núcleo de Integração
Multicultural, Popular e Esportivo -
NIMPE (ao lado da Igrejinha da UFSC)**



ANEXO I — CONFRATERNIZAÇÃO NIMPE

